

MÁRCIONE TELES DE MELO BARROS

**CULTURA: VARIEDADES DA LÍNGUA NA CONCORDÂNCIA
VERBAL E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Orientador: Professor Doutor José Bernardino Duarte

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

LISBOA

2015

MÁRCIONE TELES DE MELO BARROS

**CULTURA: VARIEDADES DA LÍNGUA NA CONCORDÂNCIA
VERBAL E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Dissertação de mestrado, apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para a obtenção do título de Mestre em ciências da educação.

Orientador: Professor Doutor José Bernardino Duarte

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

LISBOA

2015

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas me indicaram o caminho para realizar um sonho e agora diante da efetivação deste não posso me esquecer de agradecer a essas pessoas a preciosa contribuição.

Às vezes é um sorriso quando estamos tensos, outras vezes é apenas uma palavra, ou um olhar, que mesmo sem dizer nada, nos dizem tudo.

Primeiramente a Deus, que é o meu refúgio e fortaleza, que me acalma quando estou angustiada, e que acima de tudo me guia em todos os momentos principalmente durante a escrita dessa dissertação, colocando sempre em meu caminho as pessoas certas.

A minha família, presente de Deus em minha vida. A você meu amado esposo Bruno, que foi meu companheiro em todas as horas, que precisou ter paciência sempre quando eu estava envolvida nesse trabalho e precisava o deixar sozinho. Ao meu pai José e minha mãe Marina, que são meus maiores exemplos de humildade e perseverança. Aos meus irmãos amigos Márcia, Márcio e Mércia que me enchem de carinho, e estão presentes sempre quando preciso. Aos meus cunhados Evelísio, Fernando e minha cunhada Fábia, que sempre tiveram uma palavra de apoio e otimismo. E aos meus adoráveis sobrinhos Mateus, Maria Antônia, Natan, Maria Sophia e Miguel que está a caminho, que me divertiam, e me dedicavam todo o seu carinho nas horas vagas.

A professora Doutora Maria das Graças de Andrade Ataíde de Almeida, que desde o dia que a vi pela primeira vez, tive certeza de que Deus tinha a enviado em minha vida, pois sem ela eu não estaria concluindo este trabalho. Encontrei nesta mulher mais do que uma orientadora, mas uma pessoa amiga, de voz suave, e carinhosa, mas com atitudes firmes, que me equilibrava quando eu queria bobear.

Ao professor Manuel Tavares que por muitas vezes deu sugestões valiosíssimas ao meu trabalho.

A professora Gisélia Felício da Universidade Lusófona, uma pessoa muito querida, alguém que eu jamais poderia imaginar que fosse tão amiga apesar de nossa distância. Posso sempre contar com sua atenção e carinho por e-mails.

Ao professor José Bernardino Duarte, meu orientador, por ter me dado diversas sugestões, mais do que importantes e significativas para a conclusão desta pesquisa, sempre com paciência. Este homem é de uma simplicidade enorme e coração generoso, tenho nele também alguém que posso confiar sempre.

A minha amiga Valéria de uma maneira muito especial, companheira de todas as horas, ela quem me convidou para fazer este mestrado, no ano de 2012 e eu prontamente

aceitei o convite, e hoje é com muito orgulho que concluo mais essa jornada na minha história.

As amigas do mestrado Alekssandra, Dorvalina e Genir pelas inúmeras conversas e ajudas que recebi das mesmas.

A todos os colegas do mestrado, que me acompanharam neste processo. Afinal o que seriam dos mestrandos se não fossem as conversas nos corredores?

A diretora da escola pesquisada, Rosana Souto Albuquerque, que permitiu que eu realizasse a pesquisa, nas aulas ministradas pelos professores de língua portuguesa.

Aos professores de língua portuguesa que aceitaram participar da entrevista na escola durante a pesquisa.

Por fim, aos queridos jovens alunos das turmas do ensino médio da escola pesquisada, pelo respeito em colaborarem na pesquisa.

**“A língua é um rio caudaloso, longo e largo,
que nunca de detém em seu curso, a
gramática normativa é apenas um igapó,
uma grande poça de água parada, um
charco, um brejo, um terreno alagadiço, à
margem da língua. Enquanto a água do rio /
língua, por estar em movimento, se renova
incessantemente, a água do igapó /
gramática normativa envelhece e só
renovará quando vier a próxima cheia.”**

(Marcos Bagno)

RESUMO

BARROS, Márcione Teles de Melo. Cultura: Variedades da língua na concordância verbal e intervenção pedagógica nas aulas de língua portuguesa com alunos do ensino médio de uma escola estadual no interior de Pernambuco / Brasil. Lisboa, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, ULHT, 2015.

A preocupação central desta pesquisa foi compreender a presença das diferentes variantes linguísticas nas redações dos alunos, especificamente na concordância verbal e compreender se são as variantes extralinguísticas (sociais e culturais) as responsáveis pelo aparecimento das variantes linguísticas ou não nos textos, tendo como pressuposto as aulas de língua portuguesa. A pesquisa foi conduzida inquirindo 5 professores de língua portuguesa e 253 alunos, destes foram escolhidos 10 que tiveram relevância na temática estudada no ensino médio numa escola da zona urbana pertencente à rede estadual no interior do estado de Pernambuco. Na busca por respostas em torno do objeto pesquisado foi realizada uma abordagem sociolinguística quantitativa e uma abordagem complementar de base qualitativa e finalidade pedagógica. No primeiro momento, na fase quantitativa da pesquisa, foram feitos os questionários sócio culturais com os alunos investigados, em um segundo momento foi pedido que os alunos escrevessem um texto com características do gênero dissertativo com introdução, desenvolvimento e conclusão, e uma linguagem objetiva, e em seguida na fase qualitativa da pesquisa foi feita uma entrevista com os cinco professores de língua portuguesa que lecionam na escola. Os resultados demonstram que existem diferentes variantes linguísticas encontradas nos textos dos alunos, mais especificamente na concordância verbal, mas foi desmistificada a ideia de que estes escrevem com tais variedades porque tem influência extralinguística, mas assim o fazem porque não dominam as regras da gramática normativa. Sendo assim, o ensino não está reconhecendo por completo a realidade heterogênea da língua e ainda se atenta apenas à propagação da língua cultivada pela tradição gramatical, trabalhando a língua-padrão como única possibilidade de acerto, excluindo as demais variantes, rotulando-as como erros ou desvios.

Palavras-Chave: Cultura, Língua, Variantes, Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

BARROS, Márcione Teles de Melo. Culture: Varieties of language in verbal agreement and pedagogical intervention in the Portuguese language classes to high school students of a public school in the state of Pernambuco / Brazil. Lisbon, 2015. Thesis (Master of Science in Education) - Postgraduate Programme in Educational Sciences, ULHT, 2015.

The central concern of this research was to understand the presence of the different language variants in the newsroom of the students, specifically in verb agreement and understand it are the extra-linguistic variants (social and cultural) responsible for the appearance of linguistic variants or not the texts, with the assumption the Portuguese language classes. The research was conducted by interviewing five Portuguese-speaking teachers and 253 students, 10 of these were chosen that had relevance in the subject studied in high school in a school the village belongs to the state system in the state of Pernambuco. In the search for answers about the researched object was performed a quantitative sociolinguistic approach and a complementary approach of qualitative and pedagogical purpose base. At first, the quantitative phase of the research, the socio cultural questionnaires with students investigated were made in a second moment was asked students to write a text of argumentative genre features with introduction, development and conclusion, and an objective language, and then in the qualitative research phase an interview was conducted with the five Portuguese-speaking teachers who teach in school. The results show that there are different linguistic variants found in the texts of the students, specifically in verbal agreement, but was demystified the idea that these write with such varieties because it has extra-linguistic influence, but they do so because they do not master the rules of grammar rules. Thus, education is not recognizing fully the heterogeneous reality of language and still attentive only to the spread of the language cultivated by the grammatical tradition, working the standard language as the only possibility of success, excluding other variants, labeling them as errors or deviations.

Keywords: Culture, Language, Variants, English Language Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CV** - Concordância Verbal
- GN** - Gramática Normativa
- GP** - Gramática Pragmática
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- LM** - Língua Materna
- PCNS** - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PE** - Pernambuco
- SL** - Sociolinguística Laboviana
- SN** - Sintagma Nominal
- SV** - Sintagma Verbal
- ZR** - Zona Rural
- ZU** - Zona Urbana

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01 – Características dos entrevistados.....	77
Quadro 02 – Análise das categorias: língua, escrita e sociolinguística a serviço da educação.....	79
Quadro 03 – Análise das categorias: Diferentes situações para diferentes gramáticas.....	80
Quadro 04 – Análise das categorias: Influência extralinguística na língua e poder.....	80
Quadro 05 – Análise das categorias: Regras de concordância e estratégias pedagógicas.....	81
Quadro 06 – Síntese geral das categorias.....	81
Quadro 07 – Presença extralinguística nas variantes linguísticas.....	87
Tabela 01 – Distribuição do perfil pessoal dos alunos avaliados: 253 alunos.....	83
Tabela 02 – Distribuição do perfil profissional dos alunos avaliados: 253 alunos.....	85
Tabela 03 – Distribuição do perfil escolar dos alunos avaliados: 253 alunos.....	85
Tabela 04 – Prevalência das variantes linguísticas avaliadas no estudo: 253 alunos.....	86
Tabela 05 – Distribuição do perfil pessoal dos alunos avaliados: 10 alunos.....	90
Tabela 06 – Distribuição do perfil profissional dos alunos avaliados: 10 alunos.....	91
Tabela 07 – Distribuição do perfil escolar dos alunos avaliados: 10 alunos	91
Tabela 08 – Prevalência das variantes avaliadas no estudo: 10 alunos	92
Tabela 09 – Distribuição da variante extralinguística segundo o ano de estudo do aluno participante.....	94
Tabela 10 - Distribuição da variante linguística segundo a frequência com que o aluno escreve textos na aula de língua portuguesa.....	94

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - PERCursos TEÓRICOS DA PESQUISA	
1 Cultura / Estudos culturais.....	18
1.1 Cultura e Sociedade.....	22
1.2 Língua no aspecto social e cultural.....	25
1.2.1Variação e preconceito linguístico.....	29
1.3 Ensino de língua portuguesa.....	35
1.3.1 Expressão oral e escrita em sala de aula.....	42
1.4 Produção textual.....	46
1.5 A concordância na perspectiva pedagógica.....	50
1.6 Sociolinguística variacionista.....	53
CAPÍTULO 2 – PERCursos METODOLÓGICOS DA PESQUISA	
2. Objetivos da pesquisa.....	60
2.1 Objetivo Geral.....	60
2.2 Objetivos Específicos.....	60
2.3 Metodologia escolhida.....	60
2.4 Lócus da Investigação.....	62
2.5 Sujeitos da pesquisa.....	63
2.6 Instrumentos de coletas de dados.....	65
2.6.1 Questionário.....	65
2.6.2 Proposta de redação argumentativa.....	66
2.6.3 Entrevista.....	66
2.7 Descrição das variantes submetidas à análise nas dissertações.....	67

2.7.1 A variável dependente.....	68
2.7.2 Variável independente extralinguística.....	69
2.7.3 Variável independente linguística	71
2.8 Instrumento de análise de dados.....	73

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3. Análise e discussão dos resultados obtidos através das entrevistas.....	77
3.1 Identificação pessoal dos professores.....	77
3.2 Análise de conteúdo das entrevistas	78
3.3 Análise e discussão dos resultados obtidos através das variáveis independentes extralinguísticas: questionário dos 253 alunos.....	83
3.4 Análise e discussão dos resultados obtidos através das variáveis linguísticas: redações dos 253 alunos.....	86
3.5 Análise conjunta (bivariada) das influências extralinguísticas nas variantes linguísticas estudadas.....	87
3.6 Análise e discussão dos resultados obtidos através das variantes linguísticas: questionário dos 10 alunos.....	89
3.7 Análise e discussão dos resultados obtidos através das variantes linguísticas: redações dos 10 alunos.....	92
3.8 Análise bivariada e multivariada das variantes extralinguísticas e linguísticas (Modelo logístico).....	93
3.9 Análise conjunta dos dados qualitativos e quantitativos.....	94
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
5. REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE A – Guião de questionário: alunos.....	I
APÊNDICE B– Guião de entrevista: professores.....	VI
APÊNDICE C – Respostas dos professores.....	IX
ANEXO A – 10 Redações.....	XXVII

1 INTRODUÇÃO

As variantes da concordância verbal, encontrada na fala e na escrita do português brasileiro, embora ocorra em diferentes níveis sociais, é discriminadora nas salas de aula. A escola pauta o seu ensino na variedade culta da língua, tanto escrita como falada, e norteia-se pela gramática normativa que busca prescrever regras gramaticais de uma língua como única forma correta, assim o verbo deve concordar em número e pessoa com o seu sujeito.

Muito já foi falado sobre concordância verbal, sobretudo na modalidade falada da língua, e neste trabalho o enfoque maior será na modalidade escrita, sob a luz da Teoria da Variação Laboviana.

Alguns teóricos foram de grande importância para este estudo como Williams (2011), que procura entender de maneira adequada nosso uso da palavra “cultura” e as questões a que ela se refere; Cevalco (2003), trazendo os estudos culturais como transformadores das mudanças de significado, mas conservando as conotações da história; Bakhtin (2009), discutindo e reconstruindo uma postura singular de base social em relação à linguagem e seus estudos; Burke (2010), refletindo sobre a evolução das relações entre língua e comunidade; Bagno (2004), fazendo um estudo sobre o ensino de português; Souza (2009), trazendo a práxis pedagógica como processo educativo, situado no interior de uma determinada cultura; Labov (2008), reconhecido como fundador dos estudos sobre variantes linguísticas e reconhecendo o Brasil como o lugar mais importante para os estudos em linguística e variação; e Tarallo (1994) como seguidor das ideias de Labov, fez pesquisas sociolinguística no Brasil.

Cambi (1999, p.196) que é um pedagogo, indaga a respeito da história e da pedagogia e assegura que “sociedade de ordens era uma sociedade governada pela autoridade política, religiosa e cultural, representada no grau máximo pelo imperador e pelo papa, que eram os avalistas da ordem social e cultural” onde as regras eram ditadas por quem detinha o poder religioso e político, e quem não as seguisse, correria o risco de ser considerado não padrão, fora dos limites sociais, digamos um anarquista. O autor complementa dizendo que esse controle social entra em crise nos anos quatrocentos, e o mundano do religioso é separado, e a centralidade volta-se para a vida do homem.

Nessa mesma perspectiva, Giddens (1999, p.47- 48) que é sociólogo e estuda temas como estrutura de classes e poder, explica que “por meio desses símbolos, a maioria das pessoas demonstram sua lealdade a antigos rituais, cujas origens mergulham num passado

distante”, e que “as tradições e os costumes foi à essência da vida da maioria das pessoas durante a maior parte da história humana”. Para o autor as pessoas tendem a ficar a mercê dos costumes, que estão envoltos de tradições, e que esta não tende a ser questionada, mas aceita, pois quem detém o poder são os povos que tem o controle social, gerando uma dependência das comunidades, tornando o sistema conservador.

É nesse apanhado de questões sobre cultura tradicional baseado em regras não questionáveis que aparece os estudos culturais, tendo por objetivo entender o funcionamento da sociedade para modificá-la. Percebendo que o tempo deve se prender no presente considerado como eterno, e que os preceitos mais históricos devem ser retratados como mais um estilo, que não devem ser esquecidos, mas intercalados com o tempo atual.

Dessa forma para Cevalco (2003, p.15) uma pesquisadora dos estudos culturais “a cultura é chamada a desempenhar um novo papel social, o de apaziguar e organizar a anarquia do mundo real dos conflitos e disputas sociais”. Para ela, os efeitos sociais causados pela modernidade são muitos, mas não se podem abafar os pontos de contato entre o histórico e o moderno, para que o resultado final não seja distorcido. A autora compreende que não se pode encarar a cultura, tradição e os preceitos modernos como uma rivalidade entre o bem e o mal, mas fazer uma leitura e uma tradução cultural, reconhecendo que esta está em um processo de reprodução contínuo e que sofre influência de outras referências além da tradição, como a violência, o urbanismo e a tecnologia.

Trazendo para uma visão pedagógica Souza (2009) argumenta sobre a cultura afirmando que as escolas não estão preocupadas em entender o que é cultura num processo ensino aprendizagem fazendo com que ela se torne um conteúdo educativo. Para o autor os estudos com a cultura dentro do contexto escolar contribuiriam para o entendimento do mundo e para um crescimento humano, afastando as possibilidades de diferenciação entre cultura como boa ou ruim. Assim,

A educação quase nunca é compreendida nem organizada como atividades culturais para o desenvolvimento da cultura. Concepção que poderia levar a educação a contribuir com a superação das negatividades de todos e quaisquer processos culturais ao trabalhar essas culturas como conteúdos educativos. Assim atuando, contribuiria para o crescimento humano de todas e todos, possibilitando também a promoção das positivities presentes em todas e quaisquer culturas, garantindo condições subjetivas e também objetivas de humanização da humanidade (SOUZA, 2009, p.37)

Para o autor ainda existe resistência das escolas em trabalhar a cultura de forma mais eficaz, considerando os aspectos sociais envolvidos e as relações existentes com outros povos

e costumes, onde a própria escola estigmatiza a cultura como apropriada ou não, e isso deixa de proporcionar um novo olhar às negatividades da vida.

Estudar a cultura e a língua significa compreender as noções de práxis de uma organização escolar, pois segundo Souza (2009, p.38) “a educação tem uma única finalidade que é contribuir para a construção da humanidade dos seres humanos, em suas diversas feições em todos os quadrantes da pós - modernidade”. Ele quer dizer que a educação escolar, religiosa, profissional, sexual e outras, devem contribuir para o crescimento intelectual do indivíduo e não abafá-lo, conseguindo criar estereótipos de exclusão social, cultural e de fala.

Nessa perspectiva humanista pode-se ter em consideração os pensamentos de Williams (2011) quando afirma que é preciso recuperar a cultura como criação da sociedade desmontando os conceitos idealistas, mas compreendendo o modo de vida que se apresenta nas produções culturais, e a partir desse conhecimento, abrir um espaço para uma maneira de viver mais humana.

Segundo Williams (2011, p.358) “Qualquer sistema educacional irá refletir o conteúdo de uma sociedade; qualquer ênfase na exploração irá acompanhar uma ênfase da necessidade comum”. O autor afirma que os cursos precisam ser adequados e verdadeiros à situação, permitindo uma flexibilidade se for o caso, mas nunca excluir um tema, pois assim seria deixar de lado o comum. Porém para ele o mais importante nesse apanhado de informações é que “a ênfase na ideia de cultura está correta quando ela nos lembra de que, essencialmente, não é viável planejar” (p.358), mas garantir os meios de vida na comunidade. É claro que o autor não pode dizer o que deve ser cultura, mas reconhecer que ela é o “cultivo do crescimento natural” (p.359). Para o autor é no relacionamento dos indivíduos que nascerá uma verdadeira cultura de massa, e todo um pensamento poderá ser transformado pelas forças que estão atuando no mundo, e assim o homem não poderá ser controlado, mas acompanhado de maneira natural, conforme a sua linguagem individual e a situação vivida por ele.

Nessa visão de cultura enraizada na sociedade, aparecem dois autores que em certo momento se complementam, Burke (2005) trazendo uma concepção de nova história cultural, enfatizando a história das mentalidades, sentimentos e uma preocupação com a teoria, para ele as imagens e o texto refletem a realidade social e Bakhtin (2009) autor indispensável para se entender a nova história cultural, desenvolvendo a ideia de polifonia, que é a presença de vários textos em um só conteúdo, causada pela inclusão do autor em contextos anteriores que acabam lhe influenciando, no qual é possível escutar vozes em um único texto.

Assim, Burke (2010, p.22) assegura que “um registro da língua, utilizado por um indivíduo numa ocasião particular não revela a sua identidade, muito menos sua identidade nacional. Trata-se somente do registro da identidade que predomina na situação.” Para ele a reação do indivíduo é moldada por regras fixas, e se aproxima da ideia de liberdade individual, variando de acordo com a situação e a lógica. Isso quer dizer para o autor, que falantes individuais podem manifestar diferentes tipos de fala, conforme a situação que se encontram “as pessoas utilizam diferentes formas ou variedades linguísticas, conscientemente ou não” (p.22).

Dessa forma Bakhtin (2009, p.104 -105) faz uma observação lembrando que “a realidade (infraestrutura) determina o signo e como este reflete e retrata a realidade em transformação” e que “investigar a realidade da linguagem a partir da infraestrutura, já que, a palavra penetra literalmente em todas as relações de colaboração, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político”. O autor se expressa por meio de um exemplo de signo, formado por um significante que pode ter vários significados dentro de diferentes contextos falados ou escritos.

Assim, é possível questionar quais os contextos sociais e estruturais que determinam a fala e a escrita dos alunos, e como um texto pode entrar em outro texto e influenciar na sua resolução final. Como afirma Souza (2009) que é no interior da sala de aula que esses conceitos de entrelaçamento textual se concretizam, pois está ligado à diversidade cultural e a forma de se trabalhar com ela. Para o autor os princípios de cultura trabalhados na sala de aula sobre diversidades linguísticas ligadas às questões culturais podem e devem contribuir para identificar o tipo de relação entre os diferentes alunos provenientes de culturas distintas e perceber as diversas versões de escrita e de fala dentro de uma mesma língua.

Diante desse objeto de estudo as categorias eleitas para dar suporte à pesquisa são: cultura, língua e ensino de português, as quais darão base à pesquisa empírica.

Assim, nossa questão de partida nessa investigação é:

- Quais variantes sociais extralinguísticas determinam o aparecimento de diferentes variantes linguísticas nos textos dos alunos?

Para tal, foi realizada uma investigação quantitativa e qualitativa, organizada da seguinte forma: proposta de redação argumentativa, questionário sócio cultural com os alunos e entrevista com os professores de língua portuguesa, coleta e análise de dados.

Esta dissertação está dividida em três capítulos e considerações finais.

O primeiro capítulo, *Percursos Teóricos da Pesquisa*, discorre sobre os conceitos de cultura e estudos culturais na sociedade, relacionando com a língua e suas variabilidades e preconceitos, fazendo um paralelo com o ensino de português padrão, na fala e na escrita.

No segundo capítulo, *Percursos Metodológicos da Pesquisa*, são organizados os caminhos da investigação, contextualizando os sujeitos da pesquisa, e mostrando os instrumentos de coleta de dados, os procedimentos e técnicas de análise dos dados coletados.

O terceiro capítulo faz a *análise e discussão dos dados* linguísticos e extralinguísticos, onde tratamos dos achados empíricos da pesquisa.

Na conclusão são feitas algumas reflexões, tendo como embasamento os resultados obtidos em relação aos objetivos propostos.

.

CAPÍTULO 1

PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA

1 CULTURA / ESTUDOS CULTURAIS

De acordo com Cevalco (2003) uma pesquisadora dos estudos culturais, o campo de estudo desta surge diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária na Inglaterra. O objetivo principal de observação dos estudos culturais é a relação entre a cultura contemporânea e a sociedade em mudança. Assim, os estudos culturais devem ser estudados de forma abrangente sendo interdisciplinar, atuando em uma tendência antropológica de cultura e humanista.

A autora que é pesquisadora dos estudos culturais afirma que, a produção cultural se liga a processos de dominação e de controle social. Isso implica em uma submissão aos detentores do saber, onde seus subservientes são considerados sem cultura, ou sem sabedoria, permitindo que as decisões fiquem sempre nas mãos dos controladores da sociedade considerados dominantes. Essa sempre foi uma ideia passada de geração a geração, marcada por preconceitos e estereótipos pré-estabelecidos pela sociedade, sobre o que é ou não é cultura.

De acordo com Williams (2011) que tem uma contribuição teórica importante nos estudos culturais, a cultura é uma categoria chave que conecta a análise literária com a investigação social, sendo uma rede que se constitui de práticas da vida cotidiana, e o indivíduo juntamente com a sociedade são os protagonistas da ação, um precisa do outro para acontecer. Assim

A cultura, então, é tanto estudo quanto busca. Não é apenas o desenvolvimento da “cultura literária”, mas de todos os lados de nossa humanidade. Tampouco é uma atividade relacionada apenas com indivíduos, ou alguma parte ou seção da sociedade; ela é, e deve ser essencialmente geral (WILLIAMS, 2011, p.139).

O autor entende que a cultura não pode ficar limitada a alguns povos ou regiões, mas deve atingir a todos, acreditando que ela modifica o espaço, de modo que não se pode atribuir valores melhores ou piores à cultura, menosprezando uma e supervalorizando a outra, o caminho é reconhecê-las como diferentes, porém, importantes em adequações de uso dela para fins particulares ou não, como é o caso das instituições de ensino e, sobretudo para entender a sociedade.

Os comportamentos dos indivíduos em suas vidas diárias têm relevância para a cultura, é o que afirma Williams (2011) quando aponta o período em que foi vivenciada cada coisa pelos povos, e percebe que cada atitude tem a ver com suas experiências naquela época histórica, nada é em vão, e nada deve ser ignorado como inferior, pois:

Uma hipótese essencial no desenvolvimento da ideia de cultura é que a arte de um período está íntima e necessariamente relacionada com o modo de vida prevalecente naquele período e, além disso, que, consequentemente, os juízos estéticos, morais e sociais estão também intimamente inter-relacionados (WILLIAMS, 2011, p.144)

Segundo o autor a cultura deve se contextualizar no universo em que cada indivíduo nasce, pois ali é o meio em que ele irá aprender, internalizando o que está sendo-lhe apresentado, principalmente através da linguagem, pois os indivíduos precisarão ter uma interação. Ele complementa afirmando que a cultura foi uma reação ao industrialismo, já que surgiam novos problemas sociais que precisavam ser gritados e interpretados, através de atividades intelectuais e morais, transformando as agilidades, e dando significado a todo um modo de vida.

Nesse contexto, Cevasco (2003, p.111) acrescenta que “a cultura, mais do que um mero efeito da superestrutura, é um elemento fundamental na organização da sociedade e, portanto, um campo importante na luta para modificar essa organização”.

Além disso, para a autora, outra forma de ver a cultura é salientar que ela guarda tradições antigas importantes de cada época, para valorizá-las em contextos diferentes no futuro, pensando na cultura como um meio de realmente guardar essas tradições para gerações posteriores. É por isso que as regras normalmente não são modificadas, afirma a autora, uma coisa que fica bem evidente no estudo de cultura, é que o sentido das palavras acompanha as transformações sociais ao longo da história.

A autora admite que as mudanças e a cultura tentam abafar reações sociais causadas por elementos externos ao homem, mas que influenciam diretamente em seu comportamento, assim ela afirma:

O foco do interesse nas mudanças semânticas é que elas encapsulam e informam reações às intensas mudanças sociais. As mudanças de significado desses termos são vistas como um registro e uma reação às modificações sociais causadas pela Revolução Industrial e pela implantação de uma ordem capitalista hegemônica na Inglaterra a partir do século XVIII (CEVASCO, 2003, p.14)

Segundo a autora existem motivações externas que tentam influenciar a cultura, que é o caso da política, tendo como consequência o total controle das ações do indivíduo. É nesse contexto econômico e político que muitas vezes a cultura abafa reações contrárias aos detentores do saber, ou simplesmente camuflam uma verdade, ou até mesmo desmascaram, não permitindo muitas vezes que o indivíduo seja autônomo em suas escolhas e na sua intelectualidade.

Segundo Silva (2009, p.08) os estudos culturais podem ser identificados por domínios de interesse particular, e que nenhuma lista pode identificar os tópicos dos quais eles podem tratar,

entender os estudos culturais é empregar as estratégias tradicionais pelas quais as disciplinas assinalam seus territórios e pelas quais os paradigmas teóricos marcam sua diferença: reivindicando um domínio particular de objetos, desenvolvendo um conjunto singular de práticas metodológicas, seguindo uma tradição fundadora e utilizando um léxico particular.

Os estudos culturais se aproveitam de quaisquer campos que forem necessários para produzir o conhecimento exigido por um projeto particular, eles têm sido vistos como uma espécie de processo, uma alquimia para produzir conhecimento útil sobre o amplo domínio da cultura humana.

Assim, para o autor os estudos culturais não podem ser qualquer coisa, devem demarcar fronteiras,

[...] as quais, não importa quão amplamente divergentes possam ser sob outros aspectos, partilham um compromisso de examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de relações de poder. Trabalhar dentro dessa configuração bastante ampla exige, naturalmente, uma análise daquelas relações de poder e o nosso lugar dentro delas. Além disso, o termo “relações” aponta para a longa história de esforços dos Estudos Culturais para teorizar e capturar as mútuas determinações e inter-relações das formas culturais e das forças históricas. (SILVA, 2009, p.13)

Segundo ele, construir uma visão dos estudos culturais que possa ser desdobrada em qualquer conjunto particular de circunstâncias exige uma análise das mesmas circunstâncias ao estilo dos estudos culturais. Ao mesmo tempo, abordar ou definir a especificidade dos estudos culturais é perguntar por que ele é importante. Assim

Nos estudos culturais e na tradição, a política de análise e a política do trabalho intelectual são inseparáveis. A análise depende do trabalho intelectual; para os estudos culturais, a teoria é uma parte crucial desse trabalho. Entretanto o trabalho intelectual é, por si mesmo, incompleto, a menos que retorne ao mundo do poder e da luta política e cultural, a menos que responda aos desafios da história(SILVA, 2009,p.17)

Os estudos culturais, em suma, são sempre parcialmente dirigidos pelas demandas políticas de seu contexto e pelas exigências de sua situação institucional; uma prática crítica não é determinada apenas por sua situação, conclui Silva (2009). Os estudos culturais regularmente teorizam em resposta a condições sociais, históricas e materiais particulares.

Na realidade o que o autor quer dizer, é que os estudos culturais juntamente com a tradição, devem fazer, e têm a capacidade para fazer, é articular compreensões sobre a natureza constitutiva e política da própria representação, sobre suas complexidades, sobre os

efeitos da linguagem, sobre a textualidade como um local de vida e morte, mas isso não quer dizer que:

Todo avanço teórico feito na tradição dos estudos culturais exija o mesmo nível de independência em relação a usos anteriores antes de ser aplicado a um contexto cultural marcadamente diferente. O conceito de articulação – juntamente com os termos que o acompanham “desarticulação” e “rearticulação” – é um exemplo de um conceito suficientemente abstrato e geral para poder ser transferido para novos contextos sempre que seja útil. (SILVA, 2009, p.21)

Os estudos culturais estão preocupados com a cultura popular de uma forma ou de outra, afirma Silva. Estão preocupados com as inter-relações entre domínios culturais supostamente separados, é necessário questionar a mútua determinação entre crença popular e outras formações discursivas, pois os estudos culturais e a tradição têm estado há muito tempo preocupados com o terreno cotidiano das pessoas e com todas as formas pelas quais as práticas culturais falam a suas vidas e de suas vidas. Nesse sentido,

A importância do popular nos estudos culturais envolve crescente interagir e operar através das práticas culturais, da linguagem e da lógica do povo – contudo “o povo” não pode ser definido antecipadamente. Não existe nenhum sistema binário hierárquico simples que possa ser tomado como dado, como se “o povo” fosse sempre absolutamente subordinado a uma minoria de elite e a subordinação pudesse ser definida ao longo de alguma dimensão simples de diferença social (SILVA, 2009, p.21)

Quer dizer que, segundo Silva, os estudos culturais têm uma história de compromisso com populações em poder, que é o caso de Williams que veio de família operária, e é em suas obras que se vê a sua necessidade para incluir sua própria herança cultural no estudo universitário da cultura. É nessa perspectiva que Souza (2009) argumenta sobre crescimento intelectual do indivíduo, resgatando a sua herança para poder compartilhar com a sociedade e o meio acadêmico, pois sendo o homem um ser intelectualizado pode contribuir de maneira eficaz na pedagogia da escola no processo da aprendizagem, levando em consideração suas experiências no meio cultural. Assim,

Os estudos culturais são necessários numa sociedade. Não deveríamos aceitar a ideia de iluminismo de que o mundo deveria se desvencilhar por completo da tradição. As tradições são necessárias, e persistirão sempre, porque dão continuidade e forma à vida. Tome a vida acadêmica, por exemplo. Todos no mundo acadêmico, por exemplo. Todos no mundo acadêmico trabalham de acordo com tradições. Até as disciplinas acadêmicas, como um todo, como a economia, a sociologia ou a filosofia, têm tradições. A razão disso é que ninguém seria capaz de trabalhar de uma maneira inteiramente eclética. Sem tradições intelectuais as ideias não teriam foco nem direção. (GIDDENS, 2000, p.55)

O autor explica que a tradição pode ser entendida de maneira não tradicional, e este deveria ser seu futuro. Ritual, cerimonial e repetição têm um importante papel social, algo

compreendido e posto em prática pela maioria das organizações, inclusive os governos e a política.

Segundo o autor o papel da tradição e dos estudos culturais muda, novas dinâmicas são introduzidas em nossas vidas. Estas podem ser sintetizadas como um empurra e puxa entre cosmopolitismo e fundamentalismo pelo outro. Pode-se dizer que a autonomia e a liberdade podem substituir o poder oculto da tradição por uma discussão e um diálogo mais aberto.

A difusão de ideia e da realidade da dependência, foi originalmente aplicada exclusivamente ao alcoolismo e ao consumo de drogas. Mas agora qualquer área de atividade pode ser invadida por ela. Podemos ser viciados em trabalho, em exercício, comida, sexo – ou até em amor. Isso ocorre porque essas atividades, e outras partes da vida também, estão muito menos estruturadas pela tradição e o costume do que eram outrora (GIDDENS, 2000, p.56)

Para o autor, com a tradição, a dependência diz respeito à influência do passado sobre o presente; e como no caso da tradição, a repetição tem um papel primordial, pois o passado é mais individual que coletivo, e a repetição é movida pela ansiedade. Para o autor, a dependência entra em jogo quando a escolha, que deveria ser impelida pela autonomia, é subvertida pela ansiedade, crenças e sentimentos coletivos compartilhados. O dependente está igualmente escravizado ao passado – mas por que não consegue escapar do que, originalmente, eram hábitos de estilo de vida livremente escolhidos.

1.1 CULTURA E SOCIEDADE

O mundo globalizado e diversificado permite um novo olhar às mudanças, o homem muda o espaço que vive constantemente,

Trata-se de uma sociedade que vive após o fim da natureza um mundo em que a modernização não fica confinada a uma área geográfica, mas se faz sentir globalmente tem várias consequências para a tradição. A tradição e a ciência por vezes se mesclam de maneiras estranhas e interessantes (GIDDENS, 2000, p.53)

As comunidades estão pegando a herança e ré embalando como espetáculo, é o caso dos prédios restaurados, que são esplendidos, em que a tradição vivida pelos povos naquele ambiente em alguma época jamais poderá ser vista novamente, isto afirma Giddens (2000, p.55) dizendo que “a tradição deveria ser defendida de uma maneira não tradicional – e esta deveria ser seu futuro”. Não se podem negar rituais, que são defendidos pelas instituições, para que estas sejam sempre justificadas e continuar apoiadas, como é o caso da fé, que é amparada por alguns e não por todos.

Segundo Williams (2011, p.30) “a personificação e a garantia da própria humanidade do homem é a comunidade histórica”, pois se ele for deixado livre sem amarras nas tradições e heranças, se tornará artificial levando em consideração que tudo no mundo ele próprio está modificando. Ainda para ele “todo o progresso de um homem é dependente, portanto, não só da comunidade histórica em um sentido abstrato, mas da natureza da comunidade específica na qual ele nasceu” (p.31).

O autor complementa afirmando que a cultura é uma crítica do que foi chamado de ideia burguesa da sociedade, foi uma reação necessária às pressões feitas por essa mesma sociedade. Mas enquanto ela está sendo vivenciada, não está sendo percebida: “a consciência não pode preceder a criação, e não existe nenhuma fórmula para a experiência desconhecida”,

[...] a ênfase na ideia de cultura está correta quando ela nos lembra de que, essencialmente, não é viável planejar uma cultura. Temos de garantir os meios de vida e os meios da comunidade. Mas não podemos saber nem dizer o que é que, por esses meios, será finalmente vivenciado. A ideia de cultura baseia-se em uma metáfora: o cultivo do crescimento natural. E realmente é no crescimento, como metáfora e como fato, que a ênfase última deve ser colocada. (WILLIAMS, 2011, p.358-359).

É sobre esse olhar que Williams (2011) afirma que cultura de massa é onde os atos nunca devem ser pensados, mas vivenciados naturalmente, sem culpas ou preconceitos, assim se forma um povo e suas tradições. Normalmente quem pensa sobre as atitudes fica preso a modelos pré-estabelecidos e não consegue formar sua própria identidade, em meio a tantas classificações de conduta. Por isso mesmo a cultura deve ser apenas vivenciada e nunca percebida, pois se assim acontecer ela não será verdadeira, mas uma imitação da ideia de burguesia.

Segundo o autor, o homem precisa está alicerçado em comunidades que tragam uma herança, que tenham um legado, pois se assim não for, ele será considerado sem base, e não terá coerência as mudanças que ele fizer no mundo, pois estas não terá muito significado, nem para ele nem para os outros que virão.

Nesse sentido Bakhtin (2009) afirma que “a valorização social que, implicitamente, expressa a posição de um de “nós”, que remete à família, ou à tribo, ou à nação, ou à classe social, ao dia, ano ou a uma época inteira em que a valorização social determinada se inscreve” (p.39).

Essas valorizações de família, dia, época, ficam implícitas no dia a dia, porém são verificáveis como naturais, e passam a fazer parte da cultura de um povo. Ainda segundo o autor as formas artísticas têm um caráter hierárquico, tanto na forma quanto no conteúdo, indissoluvelmente ligados, a expressão da valorização social se manifesta.

Como afirma Hermann (2010, p.81) “no iluminismo, a relação de cultura sofrerá problematizações. Rousseau mostrará indignação com a cultura de seu tempo, levando-o a romper o vínculo entre consciência moral e consciência cultural” quando entende que a sociedade não seria capaz de educar porque se baseia apenas no poder, na ambição e na vaidade. É nesse contexto que aparece o conceito de educação estética, voltado para a sensibilidade, tentando compreender as novas exigências éticas da pluralidade, transcendendo as fronteiras racionais do iluminismo do projeto educacional. Ele volta ao conceito de liberdade e natureza, a uma sociedade que vive sem intervenção humana, buscando uma tradição que floresce em todas as partes. Segundo o autor:

Cabe à cultura harmonizar os impulsos do homem, por meio de uma dupla tarefa: primeiramente preservando a sensibilidade da rigidez dos princípios; segunda, promovendo a personalidade contra as forças arrasadoras das sensações. Seu empenho foi propor uma educação estética do homem, a única capaz de conduzir a uma sociabilidade e sobrejugar o egoísmo hostil (HERMANN, 2010, p.81)

A discussão sobre essa liberdade e natureza vem mostrar segundo o autor que a educação está envolta de barbáries, enraizada em tradições de punição, e a cultura vem desses princípios, e não de uma liberdade crítica. Por isso ele menciona essa educação estética, como modo de enfrentar a atitude restritiva das alegações racionais, já que ela sugere uma valorização da beleza artística e natural, conferindo uma vida mais plena. Hermann (2005) afirma que essa educação estética surgiu como disciplina filosófica no século XVIII, onde havia discussões sobre o que é belo, gosto, criação artística, tudo isso a luz da sensibilidade.

Para Hermann (2010) o conceito de clássico precisa ser comparado com as crenças atuais, com o contexto social e histórico e entrar em consonância com o mundo, para ter uma possível validade. Ele ainda complementa afirmando que o autor precisa ter um distanciamento histórico dos conceitos tradicionais para que o seu valor não seja confundido com o tempo e com o atual. Dessa forma,

Educação continua requerendo algo mais que a dimensão técnica de preparo de competências, que rompa, por um lado, com a letargia da repetição do mesmo e, por outro, com o incessante ímpeto pelo consumo, a obsessão pelas sucessivas produções de autoimagens, que impedem aquele que as experiências de apropriar-se da experiência no sentido de ganhar um novo horizonte (HERMANN, 2010, p.88)

Segundo o autor o homem precisa se auto afirmar com os conceitos clássicos e modernos, tendo coragem de romper com a repetição das mesmas produções, tendo liberdade de fazer sua própria transformação, rompendo de certa forma com a tradição. Não é possível que todos tenham os mesmos propósitos e caminhos a seguir no horizonte, mas é necessário que se tenha um objetivo comum, “pois se assim não for à formação se desvincularia de compromissos ético-sociais para ficar centrada na autocriação” (p.89).

A cultura perpassa por esses caminhos de autoafirmação, pois segundo Hermann (2010, p.89):

A cultura e a formação expõem também o quanto a experiência é a condição mesma, para a formação de responsabilidades na recuperação, sendo difícil romper o ciclo perverso de tal empobrecimento, porque não percebemos mais as deformidades, tampouco aventuramos a invenção de mundos alternativos como condição de possibilidades de escolha moral do mundo que queremos.

Para o autor o homem precisa se sentir irritado o suficiente para que tudo fique melhor, pois assim se enfrenta a verdade da vida e se prepara para a transformação do ser, que é o grande objetivo da vida. Assim, o homem mostrará indignação com a cultura de seu tempo, e o levará a romper o vínculo entre consciência moral e consciência cultural, e seria capaz de educar não mais se baseando no poder, na ambição e na vaidade.

1.2 LÍNGUA NO ASPECTO SOCIAL E CULTURAL

Pensar sobre a língua nesse contexto cultural, é uma questão que perpassa por variedades consideradas populares e sem prestígio social, e por uma variedade apreciada pela sociedade que é considerada padrão e com prestígio. Os estudos da linguagem começaram no século III A.C. no Egito, e os estudiosos da literatura clássica estavam preocupados em preservar na maior pureza a língua grega, dessa forma resolveram descrever as regras gramaticais da época, e assim elas serviriam de modelo para todos (BAGNO, 2005).

Uma das funções sociais da linguagem é marcar e apresentar a identidade do indivíduo e de seu status, afirma Bagno (2011, p.145) “a língua pode servir de meio para sublinhar uma distinção social e, inversamente, uma solidariedade de uns em relação aos outros”. Para o autor, a língua possui analogia com outros meios simbólicos. A roupa serve para vestir, e a língua serve para comunicar-se, e as duas servem para a percepção dos outros. Isso quer dizer que, “num dado estágio do desenvolvimento de uma língua, algumas partes admitem mais variações que outras” (p.146). Dessa forma Bagno (2011) afirma que falar com distintas variantes no discurso, é uma escolha dentro da natureza do contexto que o falante se encontra.

É curioso perceber que a língua desde os seus primórdios está associada ao domínio “a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade” (TARALLO, 1999, p.27).

O autor considera que, quem tem o domínio linguístico considerado padrão, tem o poder nas mãos, pois isso é sinônimo de superioridade no meio da sociedade. Assim a língua

se torna indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder.

É nessa perspectiva de língua padrão e de prestígio como sendo indispensável na educação, que a pedagogia tem o seu papel primordial que é o de intervir para o crescimento de todos e não de alguns, já que ela detém o saber e o poder de quem a domina. É preciso desmistificar a ideia de culturas de certo e errado na língua para que as classes desfavorecidas também possam participar, e para tanto, é preciso que a língua seja falada com as expressões culturais do indivíduo e escrita baseada em uma forma comum aceita pela comunidade, para depois estruturá-la baseada nas regras de gramáticas, já que os alunos serão cobrados pela sociedade por uma língua comum baseada em regras pré-estabelecidas. Se a escola, enquanto instituição de ensino–aprendizagem e valorização da língua, não entender que todos os alunos têm o direito de se comunicarem e tem o direito de saber a base comum sem preconceitos e estereótipos, ela não estará fazendo nada, simplesmente estará contemplando alguns com o direito de dominar a língua e consequentemente o poder. E os outros ficarão à margem, assim afirma Souza (2009).

Embora essa conjuntura de tradições no ensino da língua seja defendida por muitos acadêmicos e guardadores intelectuais, Bagno (2005, p.22) assegura:

[...] é preciso, sim, é deixar de ver a gramática tradicional como uma doutrina “sagrada” e “infalível” para que os estudos gramaticais possam voltar ao seu lugar de origem: o da investigação do fenômeno da linguagem, o da tentativa de compreender a relação entre língua e pensamento.

Enquanto a escola estiver presa em uma gramática sagrada irredutível, o aluno não avançará como um ser autônomo e crescer intelectualmente, pois estará preso às convenções sociais e às regras. É preciso segundo o autor investigar a língua para poder deixar que ela seja interiorizada no pensamento e depois exteriorizada na fala individual de cada um. Dessa forma haverá uma ligação entre a linguagem e o pensamento, assim a gramática deixará de ser um bicho de sete cabeças, pois o indivíduo encontrará pontos em comum com a sua realidade.

Nessa mesma perspectiva de pensamento Tarallo (1994, p.19) observa que “a língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”. Essa comunicação se dá à medida que existe um intercâmbio entre os membros, por exemplo, de uma família, entre amantes, amigos. Nesse universo linguístico diversificado, aparecem diferentes conceitos sobre um mesmo tema, pois são vistos de formas distintas, conforme Bakhtin (2012) são criadas reflexões sob diversos ângulos da linguagem, a respeito da vida cotidiana e ações, no meio social em que está inserida “estreita vinculação com o signo ideológico, palavra,

comunicação, interação, gêneros discursivos, texto, tema e significação, discurso, discurso verbal, polifonia, dialogismo, ato/atividade/evento e demais elementos constitutivos do processo enunciativo – discursivo” (BAKHTIN, 2012, p.65)

A relação entre a linguagem e o meio social em que ela está inserida é importante para entender os processos de comunicação e seus diferentes mecanismos. Mesmo sendo a fala um ato individual, ela é dotada de todos os fenômenos sociais que a cercam, pois se assim não o for, correrá o risco de ficar a mercê de seus próprios dilemas interiores inexplicáveis como afirma Bakhtin (2009, p.64):

A teoria freudiana abdica de aspectos sociológicos e dialéticos e o seu método permanece de caráter subjetivo, pois explica os conflitos do comportamento humano do interior em vez de validar a experiência objetiva externa. Ao transferir para o inconsciente os elementos da consciência, conservando dela a diversidade de objetos e a precisão lógica, “a psicanálise permanece integralmente fiel à ótica da experiência subjetiva interna” e não pode enfrentar os problemas complexos e extremamente graves da produção do sentido que são indissociáveis da realidade exterior. Ao isolar a situação sociocultural como um elemento exterior, o subjetivismo freudiano mantém o paciente prisioneiro das fontes interiores do sentido e anula a compreensão do seu pensamento como uma operação ideológica concreta.

Para o autor não se pode negar os fatores externos à fala como meio importante para justificá-la. A teoria freudiana deseja explicar o ser humano de dentro para fora, onde na realidade deveria estudar os fenômenos exteriores que influenciam o comportamento de todos, e geram conflitos muito maiores e determinantes para a vida social.

Contudo ainda insiste o autor, a língua “condensa a atividade intelectual de muitas gerações de estudiosos que tentaram investigar o funcionamento da linguagem humana (ainda que parcialmente, pois só usaram como material de análise a língua literária)” (BAGNO, 2005, p.22)

São os elementos culturais que dão capacidades às pessoas desde bem pequenas de se comunicarem com eficiência, independentemente de ser baseada na variabilidade que está inserida ou na formalidade gramatical, de acordo com Oliveira (2000, p.181):

Os elementos culturais do meio da criança é que darão capacidade futura de se assemelhar aos outros falantes e de entender e construir enunciados simples ou complexos. Serão capazes de manter comunicação com falantes ignorantes que deformam os fonemas, ou morfemas, os lexemas, a sintaxe pouco comum e uma sintaxe mais sofisticada para a fala coloquial. Essa performance é ajudada muito pelos elementos paralinguísticos próprios dos falantes da língua materna.

Para o autor a criança traz consigo toda a herança de sua comunidade, dessa forma na hora da fala ela transmite não só o ato individual, mas toda bagagem histórico tradicional do seu povo. Elas se comunicam pois é de sua natureza. Se haverá compreensão ou não, se haverá respeito ou não, ou até mesmo se haverá preconceito ou não, as pessoas têm o direito

de se expressarem em busca de um progresso individual. Assim a escola precisa entender e respeitar o direito de falar de todos desde pequenos.

Sob esse mesmo olhar Bakhtin (2012, p.88) assegura que:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseo – lógicos e gramaticais – mas, também, e sobretudo, por sua construção composicional.

A língua está envolto de uma atividade individual e ao mesmo tempo grupal, onde os falantes interagem entre si, buscando suas próprias identidades, e não baseados em concepções já estabelecidas. Nesse mesmo olhar Bakhtin (2009, p.81) declara que “os formalistas propunham, a libertação da poética em relação a preocupações estéticas”. Aqui os formalistas já estavam se desmembrando das produções tradicionais e se aproximando dos linguistas, pois ainda argumenta o autor:

[...] a grande diferença entre a linguagem cotidiana e a linguagem poética reside no fato de que a primeira é regida pela “lei da economia de forças”, que permite assegurar uma comunicação eficaz, enquanto a segunda, ao contrário, deve dificultar a percepção por uma “forma complicada”, a fim de dar a ver (e não reconhecer), assegurando uma percepção estética aos objetos representados.

Para o autor existe uma grande diferença entre a língua do dia a dia e a língua literária ou poética, que é aquela que a escola tenta ensinar, pois esta segunda não está preocupada se está sendo entendida, ela está preocupada em ser correto esteticamente, ser bonita, ter aparência, enquanto a primeira preocupa-se em se comunicar, mesmo que seja considerada mais feia, sem estética alguma. Falar então se torna uma atividade bem complexa e por vezes acaba se distanciando muito dos nativos, porque se começa- aí uma estigmatização das variantes como bonitas ou feias. Bakhtin (2009) complementa dizendo que o que é relevante saber aqui, é que os limites de mundo de uma pessoa são adquiridos através da linguagem estimulada pelo próprio mundo. Se o mundo diz que a língua correta é a poética, isso quer dizer que qualquer outra é errada.

Segundo Bagno (2005, p.45) não se pode afirmar que a língua é igual, pois “qualquer língua, em qualquer momento histórico, em qualquer lugar do mundo, nunca é uma coisa compacta, monolítica, uniforme”. Percebem-se essas mudanças fazendo um passeio pela região em que se vive, onde as mudanças na forma de se falar a mesma coisa são enormes, mas isso não quer dizer feio, ou bonito. O autor ainda considera que as variações que a língua sofre, não são apenas na esfera popular, mas na considerada língua culta, pois “um brasileiro culto nascido e criado no Recife, por exemplo, não vai falar exatamente igual a um brasileiro

culto nascido e criado em Porto Alegre” (p.42). Apesar de as variedades apresentarem traços em comum, é importante também deixar claro afirma Bagno (2005, p.43) que “toda língua muda e varia, isto é, muda com o tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante”.

Assim, Labov (2008) ressalta que a língua é de grande interesse social, e que a variação em si, não exerce influencia no desenvolvimento das comunidades, nem afeta nas perspectivas do povo, “pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social” (p.140).

As pessoas se comportam linguisticamente segundo o autor, de acordo com suas posições sociais, e não o inverso. Labov (2008, p.150) complementa afirmando que com “[...] o conceito de língua como uma forma de comportamento social, fica evidente que qualquer avanço teórico na análise do mecanismo da evolução linguística contribuirá diretamente para a teoria geral da evolução social”. Para o autor fica claro que o uso da língua em sociedade pode ser ampliado para um estudo complexo das sociedades, onde a linguística pode ser reinterpretada observando sempre a função e a mudança social. Pois seus comportamentos influenciam diretamente em suas falas e suas escritas, não se defende o que não se conhece.

Em todas as línguas indaga Bagno (2011, p.196) “a regulação linguística põe à frente uma norma dominante, em torno da qual gravitam as variantes e as atitudes dos falantes para com sua própria variedade e para com a variedade dominante. A maneira de viver essa relação já é um traço de cultura”. O grande paradoxo entre a língua e sua variante, é fazer uma fusão entre a norma e o uso cotidiano, afirma o autor. E isso retoma o que foi falado por Bakhtin quando diz que os limites de mundo de uma pessoa são adquiridos através da linguagem estimulada pelo próprio mundo.

1.2.1 VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A variação linguística afirma Bagno (1999), se exprime em função de várias dimensões: geográfica, social, histórica, estilística. Para essas dimensões ainda é analisado as situações de comunicação: níveis de língua, variedade padrão, não padrão, língua formal, informal. Assim, segundo o autor a língua varia conforme alguns registros.

O autor assegura que é preciso fazer um grande esforço para não incorrer no erro milenar dos gramáticos tradicionalistas de estudar a língua como uma coisa morta, sem levar

em consideração as pessoas vivas que a falam. É aí que se começa o preconceito linguístico, na fusão entre língua e gramática,

A língua é um enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua – afinal, a ponta do *iceberg* que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico (BAGNO, 1999, p.09)

Para o autor parece existir cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que é apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica, que pode ser alimentado em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa.

Ainda segundo Bagno (1999), no Brasil a língua falada pela grande maioria da população tem um alto grau de diversidade, isso por causa da grande extensão territorial do país que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo, assim:

A educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. (BAGNO, 1999, p.17)

Para o autor essas pessoas também falam português, uma variante não padrão, com sua gramática particular, que não é reconhecida como válida, e que é ridicularizada. Mas para Bagno (1999) os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se serve exclusivamente da língua-padrão, e isso gera uma dificuldade desses falantes de usufruir dos serviços públicos a que têm direito. Assim, fica claro para o autor que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da unidade do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística do país.

Os parâmetros curriculares nacionais de 1998 apontam para essa realidade linguística, e pode-se ler que:

A variação é constitutiva de línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “língua portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades [...]. A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (p.19)

Segundo o autor por mais que se fale que brasileiro não sabe português, isso é uma inverdade, pois o que acontece é que do ponto de vista linguístico, a língua falada no Brasil, já tem uma gramática, com regras de funcionamento, e que se diferencia da gramática de Portugal, por isso os linguistas preferem usar o português brasileiro.

Nessa mesma ótica, Burke (2010, p.22), diz que:

As comunidades imaginadas, assim como outros frutos da imaginação, têm efeitos reais, e as tentativas de criar comunidades impondo uma língua ou uma variedade linguística em particular têm importantes consequências, mesmo que não sejam sempre as pretendidas pelos idealizadores. Dessa forma, precisamos analisar o papel das línguas não somente como expressões ou reflexos de um senso de coesão comunitária, mas também como um dos recursos por meio dos quais as comunidades são construídas ou reconstruídas.

Para o autor é necessário ter em mente o fato de que os indivíduos podem pertencer e normalmente pertencem a uma série de diferentes comunidades: de locais nacionais, religiosas, profissionais, e assim por diante. Quer dizer que, um registro da língua utilizado por um indivíduo numa ocasião particular não revela a sua identidade, muito menos sua identidade nacional. Trata-se somente do registro da identidade que predomina na ocasião. Para Burke, muitas vezes as pessoas utilizam diferentes formas ou variedades linguísticas, conscientemente ou não, para expressar sua solidariedade em relação a diferentes comunidades. E essa é uma forte razão para que haja alternância nos códigos utilizados pelos falantes.

Nessa mesma ótica, opina Labov (2008, p.215) a “sociolinguística da linguagem lida com fatores sociais de larga escala e sua interação mútua com línguas e dialetos”, assim:

Há várias questões abertas e diversos problemas práticos associados com o declínio e a assimilação de línguas minoritárias, o desenvolvimento do bilinguismo estável, a padronização de línguas e o planejamento do desenvolvimento da língua em nações recém-surgidas. O estímulo linguístico para tais estudos é primordialmente o de que dada pessoa ou grupo usa a língua x um contexto ou domínio social.

O autor afirma que é comum que uma língua tenha diversas maneiras de dizer a mesma coisa. Algumas palavras como *pneu* e *roda* parecem ter os mesmos referentes; outras têm duas pronúncias, como *dizendo* e *dizeno*. Em cada um destes casos, existe o problema de decidir o lugar desta variação na estrutura linguística. Dessa forma Labov (2008, p.290) diz que:

É importante não superestimar o grau de contato ou de superposição entre valores sociais e a estrutura da língua. A estrutura lingüística e a estrutura social não são de modo algum coextensivas. A grande maioria das regras lingüísticas estão bastante distantes de qualquer valor social; elas fazem parte do elaborado mecanismo de que o falante precisa para traduzir seu complexo conjunto de significados ou intenções em forma linear. Por exemplo as regras que governam os quantificadores e a negação discutidas acima estão bem abaixo do nível da avaliação social, e sua distribuição irregular, idiossincrática na população reflete esse fato.

Para o autor os valores sociais são atribuídos a regras lingüísticas somente quando há variação. Os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes realmente “têm o mesmo significado” e existe uma forte tendência a atribuir diferentes significados a elas. Se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante lingüística.

Labov (2008, p.302) assegura que a língua é um fato social, mas nem todos dão a mesma ênfase a esse fato, pois:

Quando os linguistas escrevem sobre mudança lingüística, encontramos um grau muito diferente de preocupação com o contexto social em que essas mudanças ocorrem. Alguns ampliam sua visão para incluir uma ampla gama de fatos sobre os falantes e seu comportamento extralingüístico, enquanto outros estreitam sua visão para excluir o máximo possível. Além disso, aqueles que focalizam a comunicação da informação cognitiva ou referencial tratarão mais do indivíduo, e aqueles que se envolvem com os usos afetivos e fáticos da língua, das questões sociais.

Para o autor, muitas vezes os estudos sobre mudança lingüística não aplica um estudo sobre questões sociais, por vezes esse estudo fica focado no indivíduo e na sua fala individual. Assim, as considerações históricas e estratégicas influenciam a decisão dos linguistas de resistir ao estudo do contexto social da mudança.

Para Burke e Porter (1993, p.433) “o termo linguagem naturalmente, implica uso e vida social”,

Creio, que, a partir do reconhecimento honesto deste fato, o mais famoso linguista formal de nosso tempo, Noam Chomsky, retratou-se por denominar seu trabalho uma teoria da “linguagem”, assumindo que não poderia haver uma teoria sistemática de tal coisa. Pode-se desenvolver uma teoria da gramática?

Assim para os autores, a extensão da linguagem, é obviamente, a fonte do problema. Pode-se falar sobre linguagem como envolvendo um modo de vida, e também se pode falar sobre poucas palavras como sendo a linguagem disto ou daquilo. Para alguém acostumado a pensar com os modos lingüísticos, nenhuma das formas seria produtiva, pois:

Para aqueles que refutam o modo de vida, pode-se oferecer exemplos de análise da vida social, não como confusão infinita, mas como se estivesse organizada em formas contínuas à organização da linguagem. O lingüista precisará ver quais são os dados relevantes, dados que ligam elementos verbais a padrões e contextos de uso, e fazer isso de tal forma que permita a identificação de elementos e relações. (BURKE e PORTER, 1993, p.434)

Para os autores os métodos apropriados para a linguagem analisam elementos e suas relações no interior de um conjunto de dados. Isso ocorre com muitos métodos adequados à vida social, quer extrapolado da linguagem, quer simplesmente congruentes com ela. Assim, a língua é um instrumento que está em constante transformação, não é algo pronto acabado, e muito menos estagnado. Se ela fosse assim, ainda falava-se o português de Camões.

Por isso, afirma Bagno (2010), é preciso lutar contra o preconceito linguístico existente nas línguas, pois as mudanças que acontecem na fala, e muitas vezes, na escrita são provenientes de uma norma internalizada que o falante traz inconscientemente, que embora não pareça, fazem parte do senso comum da língua ou de uma comunidade específica de falantes.

Assim, o falante precisa entender que a norma padrão é apenas uma variante da língua e, segundo Bagno (2010), entender que essa norma deve ser ensinada e aprendida para que haja uma uniformização na escrita formal e para que haja comunicação em eventos formais de fala.

Segundo o autor, não existe nenhuma variante nacional, regional ou local que seja intrinsecamente melhor, mais pura, mais bonita, mais correta que outra, pois,

Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico, com suas vicissitudes e peripécias particulares (BAGNO, 2010, p.47)

É preciso, de acordo com o autor, abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso da cultura. Assim, entender que língua e sociedade estão ligadas entre si de maneira inquestionável. A língua tem papel fundamental nas relações humanas, pois, durante toda a vida, o ser humano está cercado pelos signos linguísticos, e desde o nascimento, passa por processos de aprendizagem a fim de que haja uma comunicação com a sociedade em que vive. Dessa forma Bagno (2010, p.53) ainda complementa afirmando que:

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada artificial, e reprovando como erradas as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer bonito ou bonito, mas que só pode escrever bonito, porque é necessária uma ortografia única

para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito, mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumentista vai interpretá-la de um modo todo seu particular.

O autor reconhece que é preciso ter uma escrita baseada em regras estabelecidas, mas também reconhece que é papel da escola ser democrática com o ensino e o idioma falado naturalmente por seus alunos deve ser respeitado e até reaproveitado. O aluno precisa entender que existe uma escrita que é a base comum de comunicação dos povos, independentemente da classe social, onde quem ler possa compreender. Para o autor não é errado ensinar ao aluno que ele ao falar pode ser informal e usar variantes específicas de sua comunidade, mas que ao escrever ele deve ter uma forma fixa e comum com todos que falam a mesma língua, pois se assim não for, haverá várias línguas, e não uma só língua.

Sob esse mesmo olhar Antunes (2007, p.91) diz que “toda a questão linguística vai além de constituir um simples rol de palavras e regras, portanto mais que um inventário de erros e acertos”. Para ele essas questões são culturais, políticas, simbólicas e não podem ficar engessadas ou imóveis ao tempo, ou a um grupo específico de pessoas. Ele ainda complementa afirmando que,

Devemos rejeitar qualquer atitude preconceituosa e não perder a oportunidade de abrir a discussão sobre tais pontos, a fim de possibilitar um entendimento equilibrado da questão: existe muitos falares; todos são legítimos; cada um é apropriado a uma situação particular. Competente é aquele que domina o maior número possível desses falares, inclusivamente, aquele falar apropriado às situações mais ligadas à fala e à escrita formal (ANTUNES, 2007, p.100)

Segundo o autor é preciso ter cautela no julgamento de usos considerados errados, e abrir mão do rigor no julgamento desses erros. Seria bem mais proveitoso ter um novo olhar sobre a língua, sendo menos rígido, e menos montado na correção. A língua parece ser um requisito voltado para estar sempre correta, como se a expressão individual estivesse sempre errada. Sabe-se que a língua pode se adequar a várias situações, e para cada uma ela se apresenta de uma forma, e isso não pode ser considerado ilegítimo. O que seria correto na língua para uns, não seria para outros. Assim, como afirmou Bagno (2010) a língua deve ter uma base comum que é a escrita, mas na fala ela pode ser mais diversificada, e aqui nesse pressuposto ela pode ser aceita como correta ou não.

Bernstein (1971, p.83) reafirma essa ideia de linguagem, quando diz que

Numa sociedade dividida em classes, pode-se identificar a existência de duas variedades linguísticas, dois códigos, determinados pela forma social: o código elaborado, e o código restrito. Estes diferentes códigos resultariam da diferença entre os processos de socialização que ocorrem nas várias classes sociais.

Para o autor, há existência de diferentes tipos de linguagem, se dá pela sociedade que também é diferente, e a consequência é que cria no falante ordem de organização da sociedade, dividida em códigos que regula os sistemas. Assim, os códigos são divididos em código restrito (da classe trabalhadora) que depende do contexto e são particularizados, e o código elaborado (da classe média) que não depende do contexto e é universal.

Bernstein (1971, p.75) ainda complementa afirmando que “o sujeito é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa”. Isso pode ser explicado melhor quando ele discute o significado da tendência predominante na educação, que ele denominou de pedagogia visível e invisível, quando examina suas características como valores da classe média, onde a escola deveria garantir junto com a família, a reprodução cultural, num modelo em que as relações de indivíduos com sua classe apresentavam papéis rígidos e delimitados. Quando a maneira de transmissão do conhecimento é implícita, ela é invisível à pedagogia e está voltada para o aluno, para o seu desenvolvimento cognitivo, e quando ela é visível é porque realiza estruturas rígidas e específicas de tempo e avaliação, e está voltada para o professor. Assim, a mudança da pedagogia invisível para a visível, ou vice-versa é uma mudança no código, e uma mudança nos princípios de relação social e das práticas.

É importante perceber, segundo o autor, que falar revela mais do que um código, revela nível cultural do falante, e posição social e a sua capacidade de se adaptar as diferentes situações. Isso tudo sem incorrer no risco de se sentir discriminado ou marginalizado, por está dizendo seus sonhos, seus sofrimentos e suas lutas. Isso é o que torna uma sociedade mais igualitária e justa. O falante não percebe, mas quando fala ele está sendo inserido em uma classe social, e caba sendo estereotipado por sua formação. Por isso para Bernstein o estudo das variantes linguísticas está dividido em códigos determinados ou não pela classe social em que os falantes estão interagindo.

1.3 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Para que a língua padrão não caia ao acaso, ela precisa de usuários, afirma Bagno (2011). Assim ensinar português é basear-se nesse estudo padrão da língua, mesmo que o grupo falante seja muito pequeno. O autor afirma que saber e conhecer uma língua padrão

pode ser motivo de grandes recompensas, como poder e posição, já que se assim não o for, as aulas se tornariam sem graça, e seriam cabuladas pelos alunos. Assim, indaga o autor que,

O domínio da língua padrão terá naturalmente um valor mais alto se ele permitir à pessoa ingressar no concílio dos poderosos. Do contrário, o estímulo para aprendê-la, exceto talvez passivamente, pode ser muito baixo. Se o status social for fixado por outros critérios, é compreensível que transcorram séculos sem que uma população a adote. Mas em nossa época industrializada e democrática existem razões óbvias para a rápida difusão das línguas padrão e para sua importância nos sistemas escolares de cada nação. (BAGNO, 2011, p.111)

Segundo o autor as línguas têm oferecido o acesso ao título de membro de uma nação, dando um ingresso a participar de um novo grupo na sociedade. Falar bem e escrever nos padrões abrem portas.

Para Antunes (2007) ensinar português é ir além da nomenclatura gramatical, ela deve ser um ponto de passagem, e não um fim. Para o ensino fundamental, é importante que a exploração da terminologia gramatical seja pouca, e que sejam explorados a contemplação e atuação na linguagem. A terminologia deve assegurar ao aluno o uso da norma de prestígio da língua, dando adequação aos termos. Fora disso, não tem sentido a fixação de nomenclatura, pois “ela esconde pretensões sutis de sonegar aos alunos a oportunidade da reflexão crítica e lúcida sobre o real funcionamento da linguagem e sobre o que isso significa na vida das pessoas” (ANTUNES, 2007, p.82).

O autor complementa afirmando que é preciso em sala de aula, inserir no conteúdo programático que deve ser dado ao aluno que estuda a língua portuguesa, uma produção linguística valorizada “como exemplares da literatura, da imprensa, da divulgação científica, por exemplo – representa, sem dúvida, uma condição para a incorporação gradual de esse falar/escrever prestigiado”. (p.101)

De acordo com o pensamento de Bagno (2005) ensinar português está longe de uma produção linguística diferenciada, pois significa impor uma série de pronúncias artificiais, uma escrita baseada em regras incoerentes, definições incompletas e que qualquer variante de uso da língua fonética ou semântica é considerada erro. Na realidade essa é uma ideologia de ensino que “contribui desastrosamente para a ruína do idioma. Uma ideologia que menospreza as identidades individuais e esmaga a autoestima dos cidadãos” (BAGNO, 2005, p.09)

Nesse sentido o autor argumenta que ensinar português é provar todo o tempo que a língua é bonita e muito boa, e ainda que os colonizadores europeus sejam os melhores falantes, aqueles que nunca cometem erros. Assim a tradição da invasão será eternizada pela cultura, que a guardará e a defenderá muito bem, fazendo com que todos os brasileiros

acreditem não saber português e considerar uma disciplina muito difícil, já que o ensino de português está baseado nessas regras imutáveis e soberanas.

Nessa perspectiva Bagno (2005) propõe que as escolas devam se adequar a uma realidade mais sociolinguística do ensino de língua portuguesa, buscando aulas com participação dos alunos, considerando o social e o individual, e ouvindo-os, mas com o intuito de aproximá-los a realidade do dia a dia, lembrando que as regras gramaticais podem ser adequadas a algumas situações consideradas mais formais que outras, e assim as aulas tendem a ser mais participativas e proveitosas para todos no processo ensino-aprendizagem, tornam-se menos frustradas, pois os alunos reconhecerão os termos falados, e ficarão sem medo de se expressar de acordo com os seus costumes naturais, pois sabem que serão respeitados, assim,

Falar ou escrever não é apenas uma questão de gramática, de morfologia ou de sintaxe, não é apenas uma questão de executar, certo ou errado, determinados padrões linguísticos. Não é tampouco formar frases, nem sequer juntá-las, por mais bem formadas que elas estejam. Falar ou escrever é ativar sentidos e representações já sedimentados que sejam relevantes num determinado modelo de realidade e para um fim específico; é, antes de tudo, agir, atuar socialmente; é, nas mais diferentes oportunidades, realizar atos convencionalmente definidos, tipificados pelos grupos sociais, atos normalizados, estabilizados em gêneros, com feição própria e definida. É uma forma a mais de, tipicamente, externar intenções, de praticar ações, de intervir socialmente, de fazer, “afinal” (BAGNO, 2005, p.14)

Segundo o autor, o falar e o escrever devem caminhar juntos, apesar de a gramática tradicional dizer o contrário, quando se dedica apenas à língua escrita. As escolas estão se adaptando a esse modelo de fala neste século, mas ainda há muita resistência por parte das camadas tradicionais e conservadoras que não acreditam na língua popular, apenas na língua trazida pelos Europeus, “a classe que detinha o poder econômico e político e ditava as normas do que era bom e certo em todos os aspectos da vida social” (BAGNO, 2005, p.16).

Sobre esse mesmo olhar Oliveira (2000, p.86) explica que nenhum ser humano falante de uma língua nativa precisa do conhecimento teórico da gramática para se comunicar com outro semelhante, sendo a gramática importante apenas para preservar uma língua culta e oficial de uma Nação. As bases do estudo do português sempre ficarão às margens da gramática, que consegue fazer análise, mas que não conseguem ser amiga da fala, e isso prejudica os estudos já que os gramáticos estão mais preocupados com a estrutura da língua do que com a própria língua. O autor ainda complementa afirmando que:

O estudo e cultivo da gramática é muito importante para toda e qualquer língua que necessita alcançar ou manter o “status” de língua oficial de uma sociedade organizada politicamente. Entretanto, nenhuma gramática inventada por algum especialista em algum campo de língua, linguística, linguagem, comunicação, informação, informática, etc., poderá criar uma língua que possa ser falada por um povo de uma sociedade qualquer.

Não se pode querer podar a língua do povo, pois a cada dia novos dialetos são criados, o falante só precisa falar e ser compreendido, ainda afirma o autor. Onde por mais que se criem novas gramáticas, elas ainda estarão bem distantes do que é o verdadeiro português. Ele ainda completa dizendo que se os falantes estão se compreendendo, a gramática está presente, dessa forma não é preciso ficar memorizando regras para dizer que sabe português “ninguém precisa explicar nada do ponto de vista gramatical para que alguém fale e seja entendido”, “e se o enunciado foi entendido pelo ouvinte a gramaticalidade está presente” e, portanto “todos os falantes do meio nativo continuam vivendo independentemente da existência desta ou daquela gramática” (OLIVEIRA, 2000, p.94).

Essas concepções de ensino de português podem ser vistas por outro ângulo, que é o da ação educativa, onde Souza (2009, p.53) “propõe impedir que os seres humanos se submetam a ideias e formas de conduta impostas pelas relações sociais predominantes”. Ele ainda complementa dizendo que o conteúdo pedagógico deve ser repensado pelo professor, e a forma como ele abordará também “a partir do ou no interior de um determinado contexto cultural e institucional, tendo como finalidade a formação humana dos sujeitos humanos envolvidos na práxis pedagógica” (p.60).

O autor defende a ideia de que o professor é capaz de modificar a sua práxis em sala de aula, e não se limitar ao que lhe é imposto como regra e como princípio comum, deve acima de tudo “organizar a sua prática pedagógica em um contexto cultural, ou em uma realidade natural, assumindo o conteúdo educativo a partir de ou na construção do qual serão trabalhados os conteúdos instrumentais e operativos” (SOUZA, 2009, p.60).

De acordo com Cambi (1999, p.208) a escola deve estar voltada para uma reorganização no universo moderno, não mais fixado aos modelos formais de ensino, preocupada com o crescimento individual do sujeito, e tornando-se agente da “reprodução social e, em particular, da ideologia dominante, do poder e seus objetivos, seus ideais e sua lógica” (p.207), mas onde “novos elementos do conhecer e do saber, além do linguístico, serão postos em foco também na formação escolar”.

Segundo o autor o sujeito deve estar relacionado com a sociedade, e não buscando o conhecimento individual, baseado em regras prontas, pois o estudo deve abarcar o maior número de conhecimento possível, buscando uma totalidade, e não generalizando os saberes.

Nessa mesma linha de pensamento Souza (2009, p.38) defende que:

Em última instância, o problema educativo atual radica na necessidade de descobrir em função de que ou para que se formam os indivíduos, para que tipo de sociedade os estamos educando e se, de fato, queremos e estamos trabalhando pela construção desse tipo de sociedade. E não apenas para aquilo a que os discursos predominantes

tentam reduzi-la: atender as demandas do mercado, especificamente do mercado liberalizado indiscriminadamente.

Para o autor a escola acaba ensinando discursos prontos das forças predominantes, que é o caso da gramática, que se não for trabalhada como tal, fica o estereótipo de que a escola não é boa, pois não segue os padrões pré-determinados pela sociedade que quer formar cidadãos para o mercado de trabalho.

Bagno (2005, p.41) assegura que essa prática pedagógica pronta, defendida pelos gramáticos normativos “não é um vestido pronto e acabado, é apenas uma série de linhas, traços e medidas que, seguidos à risca, podem fazer surgir um vestido. Mas será sempre um vestido, um único, e não vai caber em todo mundo”. O autor complementa afirmando que são poucas as pessoas consideradas usuárias da língua padrão, defendida pela gramática normativa, a maioria delas usa a língua com finalidades práticas de comunicação diária, que nada tem haver com estética.

Portanto para o autor, ensinar o português não significa abolir uma língua considerada modelo por outra, pois:

ao contrário do que muita gente imagina, a língua não é uma coisa pronta e acabada, que está bem guardada em algum lugar imaginário, sendo possível preservá-la intacta e “pura” durante os séculos... Nada disso: a língua é sempre um processo, um fazer contínuo e ininterrupto, um trabalho empreendido pelos falantes cada vez que se vêem numa situação de produção verbal e de interação lingüística. Daí a necessidade de empreender a pesquisa, para termos uma boa imagem deste processo no momento em que estamos investigando ele. (BAGNO, 2005, p.175).

Ele ainda complementa afirmando que o importante em ensinar português é reconhecer as diferenças, deixar de considerar que elas são erros, e sim admitir que se trate de regras gramaticais características da língua falada pelos nativos, mas que não se pode esquecer o passado colonial, porque é história, e ela é presente.

Nessa mesma perspectiva Soares (2013) também considera que “o discurso nos ideais democrático-liberais em favor da educação popular é tão antigo quanto ineficiente. A democratização do ensino ora torna uma direção quantitativa, ora qualitativa” (p.01). Isso mostra que, apesar do discurso, não existem escolas para todos e a que existe parece destinada contra o povo que para o povo. A autora ainda complementa dizendo que a ideologia da diferença cultural está nas suas origens, justificada pela hierarquia social que o indivíduo pertence, de acordo com características individuais.

A autora afirma que o déficit linguístico está relacionado com a capacidade intelectual da criança, assim:

A psicologia justificava as desigualdades através da teoria da deficiência cultural. Outros países da Europa e América Latina incorporam a teoria, assim como o Brasil. Expressões como carência afetiva, falta de desenvolvimento psicomotor, incapacidade de discriminação visual e auditiva, vocabulário pobre, erros de linguagem, baixo nível intelectual, comportamento social inadequado e entre todas estas carências, destaca-se o déficit linguístico. (SOARES, 2013, p.02)

Para a autora a hipótese do déficit linguístico é que as diferenças na língua da criança desfavorecida são também cognitivas, porque a pobreza de sua linguagem inadequada como veículo do pensamento lógico e seu formal, é obstáculo ao seu desenvolvimento cognitivo. Suas dificuldades decorrem das diferenças linguísticas e cognitivas. Assim,

No Brasil, a educação compensatória chegou atrasada vinte anos em relação aos EUA e fracassou primeiro porque não se discutiam seus pressupostos e segundo porque não se questionou a estrutura social responsável pelas discriminações sociais e finalmente porque se atribui o fracasso responsabilizando-se a sociedade a estrutura discriminatória. A justificativa é que a escola não tem poder de compensar as desigualdades sociais que estão fora dela e que têm origem no antagonismo das relações sociais e econômicas, dos quais não pode fugir. A única saída para esta linha é produzir cidadãos e trabalhadores que se adaptam à hierarquia das diferentes classes sociais (SOARES, 2013, p.04)

Para a antropologia afirma Soares, e para a sociologia não existem línguas ou variantes linguísticas superiores ou inferiores, melhores ou piores. Os sociolinguístas creditam que a língua sofre a visão que do mundo tem os que a falam e que exerce influência sobre o meio físico e o contexto cultural. Eles acreditam nas diferenças linguísticas e não nas deficiências cognitivas.

A autora ainda continua afirmando que a teoria sociológica nessa perspectiva vem contribuir para que os professores possam fazer uma correlação com os problemas vividos hoje, na prática de sua função, com a família, com as expectativas da escola e as suas próprias expectativas sobre como e para que educar e como conjugar essas crenças com a sociedade.

Nessa perspectiva a escola tem a função de

adaptar o aluno à sociedade, aceita tal como ela é e considerada como essencialmente justa. Já a teoria do capital linguístico escolarmente rentável denuncia que embora a promoção da igualdade social seja tarefa atribuída à escola, o que ocorre é a preservação das discriminações sociais (SOARES, 2013, p.05)

A autora afirma que semelhanças ocorrem entre a teoria das diferenças linguísticas e a teoria do capital linguístico escolarmente rentável que se opõem à teoria da deficiência linguística. Ambas são descritivas, embora a primeira tenha como base a análise da própria linguagem e a segunda, as relações materiais e simbólicas, que é a cultura.

Nessa perspectiva de diferenças linguísticas e sociais Bernstein (2008) indaga sobre a teoria das pedagogias visíveis e invisíveis para explicar a relação do aprendizado com as classes sociais, quando diz que foi na classe média institucionalizada pela escola pública onde

à reprodução cultural foi garantida, com modelos rígidos para transformar os alunos em cidadãos capazes de exercer um papel na sociedade e progredir. Assim, o objetivo da escola e do professor era bem claro e visível, onde este tinha o total controle do ritmo, forma, velocidade e sequência do que seria ensinado. Os alunos sabiam como e quando seriam avaliados, e era possível fazer uma comparação entre eles, já que eles eram considerados homogêneos, entre médias altas ou baixas.

Bernstein (2008, p.28) argumenta sobre essa pedagogia afirmando que ela passou a não atender as necessidades da classe média “devido ao aumento da complexidade da divisão de trabalho do controle simbólico cultural, apropriado por esta classe” passando a dar mais valor às práticas cognitivas disponibilizadas pela escola, onde os papéis são flexíveis e há maior probabilidade de construir uma identidade. Essa pedagogia é invisível, onde as regras são implícitas e não conhecidas pelos alunos, mas toda a atividade pedagógica está centrada no comportamento da criança. Essa pedagogia segundo o autor atende as necessidades da classe média que trabalha com campos simbólicos (cultura) e não no campo da produção.

Assim, Bernstein (1971) propõe uma pedagogia diferenciada proporcionando uma reflexão sobre a prática discursiva onde todos são diferentes, que aprendem de maneiras diversas, e assim precisam ser tratados diferentes. A diferença é algo natural, inerente ao ser humano, por isso nada justifica todos serem tratados da mesma forma. Para o autor é preciso reconhecer a diversidade e que o sujeito criança ou não se desenvolve dentro de uma cultura familiar com costumes e valores, totalmente diferenciados. Dessa forma é de suma urgência que se faça uma prática pedagógica tendo como base os determinantes da diversidade, adentrando na realidade educacional, social, política, ética e constituinte de cada indivíduo.

Como afirmou Bakhtin quando trouxe a fala em sociedade, a língua falada nas casas, nas feiras, já que ela está sempre em movimento dentro dos seus limites, e não se submete a uma única forma adestrada por nenhuma classe específica, já que uma única frase pode ser dita de diferentes entonações e propósitos distintos, e adaptadas a diferentes situações. É nessa perspectiva que a gramática deve ser estudada, voltada para a realidade do aluno, não que ele vá escrever ou falar longe da norma considerada culta, mas a partir de sua experiência ampliar seu horizonte, mostrando as várias formas de se expressar dentro de diferentes contextos, ampliando é claro a sua capacidade verbal.

Assim o professor deve organizar a sua prática diária, sendo vigilante de sua pedagogia, colocando-a em contato com a realidade cultural diversa, assumindo um papel de

investigador crítico para se apropriar da construção de aulas participativas e democráticas, onde o aluno é ativo na aquisição de seu conhecimento.

1.3.1 EXPRESSÃO ORAL E ESCRITA EM SALA DE AULA

De acordo com Marcuschi (2003, p.35) “A língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade”. A língua mantém amarradas as representações sociais. Para o autor dizer que existe uma supremacia em uma das modalidades, é uma questão equivocada, levando em consideração que essa relação não é homogênea. Dessa forma,

A escrita, por sua vez, pelo fato de ser pautada pelo padrão, não é estigmatizadora e não serve como fator de identidade individual ou grupal. Isso, a menos que se sirva, como na literatura regional, de traços da realidade lingüística regional ou apresente características estilísticas tão peculiares que permitem a identificação de autoria. [...] Enquanto a fala pode facilmente levar à estigmatização do indivíduo, com a escrita isso acontece bem menos. Parece que a fala, por atestar a variação e em geral pautar-se por algum desvio da norma, tem caráter identificador. É possível que identidade seja um tipo de desvio da norma-padrão. (MARCUSCHI, 2003, p.36)

Para o autor há práticas sociais que intercedem pela escrita e outras pela reminiscência oral. Ao se olhar para a escrita se tem a impressão de que se está contemplando algo fluentemente definido, sem variação e estável. Já a fala, afirma Marcuschi (2003, p.37) “se apresenta como variada e, curiosamente, não nos vem à mente em primeira mão a fala padrão”. Pois para ele a fala e a escrita são arquitetadas como ideias opostas e não correspondem à realidade.

Para Bagno (1999), o pior no ensino de português é querer que o aluno escreva e fale da mesma forma, como se fosse uma única configuração. Muitos gramáticos e professores durante muito tempo corrigindo os alunos, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas. Assim o autor afirma que “é preciso ensinar e escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua artificial e reprovando como erradas as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma” (p.52).

Segundo o autor é de suma importância que a escola se responsabilize por ensinar o aluno a escrever e a falar de acordo com as normas padrões cobradas pela sociedade consideradas “corretas”, para que sejam usadas em situações apropriadas, consideradas formais de uso. Contudo, não se pode deixar à margem a naturalidade da língua falada em

situações informais, criando estereótipos de erro para quem as fala, pois se assim ocorrer à língua se tornará artificial.

O autor ainda complementa afirmando que:

Não existe nenhuma ortografia em nenhuma língua do mundo que consiga reproduzir a fala com fidelidade. Outras línguas, como o inglês, têm mais exceções do que regras, e é preciso aprender a escrever e a pronunciar praticamente cada palavra, pois a generalização das regras ortográficas tem boa chance de falhar: para um falante de português, é estranho imaginar que as palavras jail e goal tenham a mesma pronúncia! (BAGNO, 1999, p.54)

Essa relação complexa assegura Bagno (1999), entre língua falada e língua escrita precisa ser profundamente reexaminada no ensino. Durante mais de dois mil anos, os estudos gramaticais se dedicaram exclusivamente à língua escrita literária, formal. O autor ainda complementa dizendo que “a gramática tradicional despreza totalmente os fenômenos da língua oral, e quer impor a ferro e fogo a língua literária como a única forma legítima de falar e escrever, como a única manifestação linguística que merece ser estudada” (p.56).

O autor continua indagando que um professor de português deveria querer formar bons usuários da língua escrita e falada, e não prováveis candidatos ao prêmio Nobel como tentam ensinar em suas aulas, assim:

A gramática passou a ser um instrumento de poder e de controle, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua bonita, correta e pura. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa não é português. (BAGNO, 1999, p.64)

Segundo o autor a gramática normativa é que estabelece a norma culta, esta que simplesmente existe como tal. O papel de uma gramática seria definir, identificar e localizar os falantes cultos, coletar a língua usada por eles e descrever essa língua de forma clara, objetiva e com critérios teóricos e metodológicos coerentes.

O autor complementa, afirmando que ensinar a norma culta na escola, não significa que o aluno irá subir na vida, pois:

O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente, a uma pessoa que viva numa zona rural onde um punhado de senhores feudais controlam extensões gigantescas de terra fértil, enquanto milhões de famílias de lavradores sem-terra não tem o que comer (BAGNO, 1999, p.70)

É preciso garantir a todos os brasileiros o reconhecimento da variação linguística, porque o simples domínio da norma culta ensinada na escola não é fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. O acesso à educação deve ser garantido, afirma o autor, pois:

É preciso escrever uma gramática da norma culta brasileira em termos simples, claros e precisos, com um objetivo declaradamente didático-pedagógico, que sirva de ferramenta útil e prática para professores, alunos e falantes em geral. Sem essa gramática eu nos descreva e explique a língua efetivamente falada pelas classes cultas, continuaremos à mercê das gramáticas normativas tradicionais, que chamam erradamente de norma culta uma modalidade de língua que não é culta, mas sim cultuada: não a norma culta como ela é, mas a norma culta como deveria ser, segundo as concepções antiquadas dos perpetuadores do círculo vicioso do preconceito linguístico. (BAGNO, 1999, p.114)

Enquanto essa gramática não chega, é preciso combater o preconceito nas aulas de português, com mudanças de atitude, onde cada professor “recuse com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós” (BAGNO, 1999, p.115), e essa mudança de postura deve não repetir alguma coisa, mas refletir sobre ela, pois:

É necessário lançar dúvidas sobre o que está dito ali, questionar a validade daquelas explicações, filtrá-las, tomando inclusive como base seu próprio saber linguístico, devidamente valorizado: eu não falo assim, não escrevo assim; meus colegas também não; escritores que tenho lido não seguem essa regra – será que ela pertence de fato à norma culta? (BAGNO, 1999, p.116)

Essa dúvida precisa ser posta em sala de aula, para que as reflexões comecem, e não sejam guardadas e esquecidas. Segundo o autor essa reflexão é indispensável para que o professor procure estar sempre a par dos avanços das ciências da linguagem e da educação., e coloque os seus alunos nessas indagações, tornando-os críticos da sua aprendizagem.

Para Bortoni-Ricardo (2004, p.38), os professores não sabem como agir quando estão em sala de aula e surgem os chamados “erros de português”, e o professor intervém, fornecendo a variante padrão, assim ele argumenta que:

Uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. Na prática, contudo, esse comportamento é ainda problemático para os professores, que ficam inseguros, sem saber se devem corrigir ou não, que erros devem corrigir ou até mesmo se podem falar em erros.

Para o autor o padrão de comportamento do professor em relação ao uso de regras não padrão pelos alunos depende basicamente do tipo de evento em que essas regras ocorrem. Como regra geral, observa-se que quase nunca os professores intervêm para corrigir os alunos durante a realização de um evento de oralidade, que, como já vimos, são realizados sem exigência de muita monitoração, pois os professores acreditam que devem respeitar as suas expressões pessoais de uso da língua na ora da oralidade informal.

Visando um estudo de português mais voltado para a fala natural do aluno, Bagno (2004) vem assegurar que o processo ensino aprendizagem deve “dar voz a língua falada e

escrita aqui, neste país 92 vezes maior que Portugal, habitado por uma população quase 17 vezes mais numerosa” (p.10). Segundo o autor:

Falar e escrever são ativar sentidos e representações já sedimentados que sejam relevantes num determinado modelo de realidade e para um fim específico; é, antes de tudo, agir, atuar socialmente; é, nas mais diferentes oportunidades, realizar atos convencionalmente definidos, tipificados pelos grupos sociais, atos normalizados, estabilizados em gêneros, com feição própria e definida. É uma forma a mais de, tipicamente, externar intenções, de praticar ações, de intervir socialmente, de fazer, afinal. (BAGNO, 2004, p.11)

Desse modo segundo o autor, a gramática, se é necessária, se é imprescindível, se é constituinte da linguagem, não chega, no entanto, a ser suficiente, a bastar, a preencher todos os requisitos para a atuação verbal adequada, assim pretende-se que o aluno,

chegue a uma escola em que o estudo da língua não se reduza a um conteúdo insípido e inócuo, destituído de sentido social e de relevância comunicativa. Que o estudo da língua possa significar o acesso à expressão, à compreensão e à explicação de como as pessoas se comportam quando pretendem comunicar-se de forma mais eficaz e obter êxito nas interações e nas intervenções que empreendem. Para que o acesso à palavra possa resultar numa forma de acesso das pessoas ao mundo e recobre, assim, um sentido humanizador, o que nesse vasto mundo, não é rima, mas pode ser uma solução. (BAGNO, 2004, p.12)

Para Bagno (2004) “todo falante nativo de uma língua, tem o direito de se expressar em sua língua materna, oralmente ou por escrito” (p.13) assim,

Este direito se torna um dever quando se trata de um falante plenamente escolarizado, um falante culto, que tem como campo de atuação profissional a educação de outros concidadãos. É mais do que justo esperar que alguém que se diz professor de língua seja também uma pessoa interessada em tudo o que diz respeito à língua, à linguagem, à leitura em geral. Só pode chamar de professor quem também for leitor, redator e pesquisador. (BAGNO, 2004, p.13)

Segundo ele ser professor é muito mais que memorizar regras gramaticais e corrigir alunos, enfim é uma tarefa que requer esforço e coragem, principalmente é uma tarefa sem preconceito e desmistificada de valores tradicionais colonialistas.

Nessa mesma ótica Marcuschi (2003) faz uma referencia a transcrição da fala para a escrita, pois é preciso fazer uma interpretação da oralidade. Para o autor existem duas formas de se fazer isso. A primeira é transcrevendo o sonoro para o gráfico exatamente como ele é. E a segunda é adaptando, em uma perspectiva da modalidade que é a retextualização. Dessa forma, “não importa se na modalidade escrita ou falada. Podemos observar que a construção de categorias para a reflexão teórica ou para a classificação é tanto um reflexo da linguagem como se refletem na linguagem e são sempre construídas dentro da sociedade”. (MARCUSCHI, 2003, p.35). Nessa perspectiva segundo o autor, se vê que a fala não apresenta propriedades negativas, nem a escrita privilégios, mas modos de representações diferentes, que são utilizadas em situações diversas. Ainda segundo o autor,

Para o ensino de língua relativamente à oralidade, inclusive nos atuais parâmetros curriculares nacionais, suponho que um trabalho atento e metucioso no campo das atividades de retextualização em suas várias alternativas pode ser um bom início. É uma maneira prática e eficaz de se obter informações sob o ponto de vista textual-discursivo e acabar com uma série de mitos a respeito da oralidade na sua relação com a escrita. Em especial fica evidente que a escrita não é uma representação da fala (MARCUSCHI, 2003, p.124).

Segundo o autor vale a pena lembrar à noção de que as diferenças não são essenciais no conteúdo, e que o cognitivo da oralidade não deve nada à escrita. E que os processos de compreensão desenvolvidos na oralidade são os mesmos que na escrita, variando as condições de produção.

Nessa mesma perspectiva Koch (2002, p.79) salienta que no “texto falado ao contrário do que acontece no texto escrito, em cuja elaboração o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer rascunhos, proceder a revisões e correções etc...”, planejamento e a verbalização ocorrem concomitantemente, pois acontece no mesmo momento da interação. “Já a escrita é o resultado de um processo estático” (p.80). Segundo ele, o texto que é falado é dinâmico e o texto escrito é como um filme, com roteiro a seguir.

Sob esse mesmo olhar Antunes (2007, p.89) vem indagar que no Brasil “o acesso à cultura da produção escrita se converteu em privilégio de poucos, quer dizer, daqueles que podem “pagar” para serem alfabetizados e inseridos no mundo da comunicação escrita”. Para ele os pobres ficam à margem sem o direito à escrita e sem a alfabetização.

1.4 PRODUÇÃO TEXTUAL

De acordo com Koch (2002) a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais, é uma atividade criativa, que compreende estratégias concretas de ação, assim,

Conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos co-enunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação de acordo com práticas socioculturais. (p.27)

Para o autor os textos são resultados da atividade verbal de indivíduos atuantes, fazendo relação entre informação textualmente expressa e conhecimentos prévios.

Nessa perspectiva Antunes (2007, p.130) indaga que o texto é a única forma de usar a língua “a gramática é constitutiva do texto, e o texto é constitutivo da atividade da

linguagem”. O texto deve ter objetivos de não deixar a aula monótona e também objetivos de entendimento explorando atividades discursivas e opinativas,

Enquanto a discussão em sala de aula gira em torno do substantivo (se abstrato, concreto, primitivo, derivado ou coletivo), muito esclarecimento deixa de ser dado acerca de como fazer da interação verbal um instrumento de politização do cidadão e dos grupos, ou de como saber escapar à manipulação sutil e velada de muitos discursos, teórica e politicamente “edificantes” e bem “intencionadas” (ANTUNES, 2007, p.132).

De acordo com o autor os alunos ficam presos a regras de gramática, e não analisam o texto na íntegra, o seu sentido, o que está nas entrelinhas. “Língua e gramática podem ser uma solução: se damos à gramática a função que de fato ela tem; nem mais nem menos; se reconhecemos seus limites; [...] aprendemos a apreciar a recriação da língua cada vez que a gramática varia [...]” (p.160).

Sob essa mesma ótica Koch e Travaglia (2002) argumentam afirmando que há diferentes tipos de texto, e uns apresentam mais elementos coesivos que outros. “Assim, textos científicos ou acadêmicos tenderiam a ser bem mais coesivos do que a maioria dos textos poéticos” (p.40).

Os autores defendem uma ideia clara de intertextualidade coesiva, onde os textos devem ser escritos para fins específicos, onde Marcuschi (2003, p.17) também indaga a esse respeito, afirmando que,

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

Assim para o autor o som está de um lado, e a grafia está de outro, mas os usos da escrita, no entanto, quando arraigados numa dada sociedade, impõem-se com uma violência inusitada e adquirem um valor social até superior à oralidade.

Koch (2002) reconhece a existência de sujeitos que planejam ações escritas, e sua correlação com outros sujeitos,

Vai construir um texto, sob a influência de uma complexa rede de fatores, entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções, atitudes dos integrantes, os conhecimentos partilhados, as expectativas mútuas, as normas e as convenções sócio culturais (p.07).

Para o autor a construção do texto exige a realização de uma série de atividades cognitivo-discursivas, sendo responsável pela produção de sentidos, onde a produção do texto

requer uma leitura de outros textos, isto é, fazer uma visita a outros sujeitos que disseram o que se quer dizer agora.

Nessa mesma perspectiva de pensamento Estevam e Silva (2009, p.23) falam sobre o texto argumentativo, uma tipologia exigida em vestibulares e que é motivo de dificuldades para os que fazem,

Ele pode ser de natureza expositiva ou argumentativa, sendo que o primeiro consiste em apenas expor uma determinada ideia com um processo demonstrativo e o segundo em fazer um debate com um determinado tema onde quem o escreve procura utilizar meios para seduzir, persuadir, e convencer o leitor que sua opinião está certa, nesse deve conter a exposição do tema com argumentos e provas.

Os autores complementam afirmando que o texto deve ser coerente, coordenando causa e efeito para que não haja equívoco.

Segundo Coelho (2011, p.45) “o texto não pode ser definido simplesmente por um conjunto de frases em sequências, a distinção entre texto e discurso precisa ser abordada”. Portanto, o texto tem por função materializar uma intenção comunicativa que se estabelece com base não só em valores informativos, mas também em valores linguísticos e extralinguísticos referentes à identidade dos autores e a relação sócio interativa.

Dessa forma argumenta Coelho (2011, p.87) “o texto é a representação do resultado material do ato de comunicação, sendo o resultado das escolhas do locutor (autor) dentre as categorias da língua e os modos de organização do discurso, em razão das restrições da situação de comunicação”.

Assim para a autora, quem escreve algo, está colocando no papel toda a sua vivência e experiência diária, seus valores e opiniões. Não tem como falar e escrever algo que não se acredita. São feitas escolhas dentro de um critério, dando maiores valores ou piores as intenções comunicativas que aparecem no decorrer do texto.

Para Estevam e Silva (2009) é através do texto dissertativo que os alunos aprendem a argumentar, colocando seu ponto de vista “faz parte da bagagem cultural que ele adquiriu, consegue fazer uma separação da argumentação feita em um debate oral com um amigo sobre determinado tema, por exemplo, e de outra feita num texto escrito, e assim aprender a utilizá-la” (p.26). Para os autores esta é a forma de se colocar um discurso falado para o escrito, levando em consideração os usos das variantes no momento da fala, mas transcrevendo para o papel, essas variantes mudam de intencionalidade. Pois ao escrever planeja-se e não se fragmenta usa-se uma linguagem mais elaborada e pensada, sendo mais subordinada a outra.

Sob essa ótica, Nicola (2005, p.177), argumenta afirmando que é preciso entender o que é um texto dissertativo e um texto argumentativo para não cair na ideia de que eles são sinônimos,

A argumentação é um tipo característico de arranjo linguístico que possibilita a expressão de um ponto de vista e que pode ser concretizado por meio de diversos textos, em função da necessidade da interação social: comentários opinativos, ensaio, crítica de cinema, carta de opinião, etc; a dissertação é um tipo de texto predominantemente argumentativo, trata-se de um gênero textual, muito comum nas produções escolares e nos exames de vestibulares.

Para o autor um texto argumentativo procura expor ao leitor, uma determinada posição ou mesmo levantar elementos para uma possível análise ou reflexão, para isso é necessário saber fazer uma relação de argumentos, que solidificam a sua tese. Assim é preciso selecionar ideias e escolher se a modalidade será escrita ou oral, e se o registro será formal ou informal, levando em consideração as variabilidades da língua.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa (2002) tratam da abordagem oral e escrita com muita particularidade, já que muito se discute sobre como trabalhar a oralidade em sala, se a grande função da escola não é ensinar o aluno a falar, visto que ele já é um falante nativo, e isso torna esse ensino um pouco caótico, já que a fala não tem gramática. É importante ressaltar que a prática do professor nesse caso consiste em fazer uma interação entre a escrita e a fala, que se pode chamar aqui de letramento, que de acordo com Sarmento (2010) é a condição de quem não sabe só ler e escrever, mas sabe se expressar pelas práticas sociais de leitura e de escrita, tendo uma interação oral.

O processo de passagem do oral para o escrito chama-se retextualização, que não deve ser mecânico, já que está envolvido em operações complexas, e esse processo é imprescindível ao ensino para o melhor domínio da produção escrita dos alunos. Não existe uma superioridade da escrita ou da fala, ambas se destinam à interação verbal. O que existe entre elas são diferenças estruturais na recepção e uso. Como por exemplo, nem sempre a escrita consegue traduzir todos os fenômenos da fala, e a fala não apresenta os elementos significativos da escrita como pontuação e parágrafos. Assim, a fala se torna mais fragmentada e redundante já que precisa na maioria das vezes de um ouvinte, então o seu planejamento e desenvolvimento é curto, o contrário da escrita que pode ser planejada e requer maior tempo de imaginário e produção.

Nessa perspectiva entende-se que o aluno precisa escrever com coerência aquilo que previamente ele já argumentou oralmente, e para isso ele precisa de uma gramática que seja prudente com essa situação de uso, que nesse caso é a gramática textual, onde penetra no

discurso do texto, e a aprendizagem consiste no desenvolvimento através da investigação e comparação. Onde o aluno faz comentários e faz uma reescrita a partir de outros textos. Essa gramática é mais dinâmica, reflexiva, abrangente e aplicada.

1.5 A CONCORDÂNCIA NA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA

Sobre o estudo específico da concordância, foi preciso pesquisar alguns conceitos defendidos por diferentes autores, com o propósito de perceber que apesar de serem distintos, eles chegam sempre à mesma conclusão a respeito da concordância verbal, defendida pela escola com base na gramática normativa da língua. Assim, veremos alguns importantes nessa temática.

De acordo com os estudos de Antunes (2007) a concordância verbal salienta o domínio de norma culta, sendo um item privilegiado quando se trata de buscar os indicadores de maior ou menor grau de adesão do falante. Assim, ele indaga sobre o conceito de culto afirmando que é um “requisito linguístico-social próprio para as situações comunicativas formais, sobretudo para aquelas atividades ligadas à escrita” (p.88). Assim,

Os contextos que exigem certa formalidade são aqueles que transcendem os limites da vida privada (isto é, a vida que se passa entre as quatro paredes de nossa casa) e entram, naturalmente, naquilo que é da esfera pública (isto é, a vida que acontece nos ambientes de trabalho ou do convívio social não familiar. (ANTUNES, 2007, p.89)

Para o autor, a norma culta é requisitada pelo seu caráter de formalidade, e não pelo fato de ser falada ou escrita, é um mito vem se arrastando por tempos a esse respeito, onde se afirma que a qualidade de culto só se aplica à escrita, e não à fala.

Sabe-se que esse mito não deve ser aplicado nem perpetuado pelos educadores, já que tanto fala quanto escrita têm sua importância no momento em que são aplicados. A escola deve deixar claro para os estudantes a mesma importância de se escrever e falar com coerência, levando em conta as probabilidades da concordância nas situações.

Segundo Almeida (2010) a concordância se dá com a relação entre número e pessoa, de acordo com o verbo e o sujeito. As regras de concordância sempre regem o mesmo critério: 1- substantivos ou pronomes no plural pedem um verbo no plural, *Ana fala muito; Elas falam muito.* 2- substantivos ou pronomes coordenados, formando um plural sintático, *Muitas mulheres e homens pereceram.* A concordância pode acontecer com a ideia, como em, *a essa pergunta, contestaram a maioria.*

Assim, para Almeida (2010) a concordância seja verbal, constitui um dos fenômenos sintáticos passíveis de variação regular ou irregular, tentando sempre descrever as ideias e emoções do emissor fazendo sempre uma ponte entre sujeito e o seu verbo.

A concordância verbal (CV) é realizada entre o sintagma sujeito e o verbo, ambos possuindo marcas de número e pessoa. Isso permite a identificação do sintagma sujeito mesmo quando ele não está realizado foneticamente na oração. Isso gera uma redundância nas marcas de concordância.

a. *Nós compramos* balas ontem.

b. *Compramos* balas ontem.

c. *Nós comprou* balas ontem.

Percebe-se em a. que o sintagma sujeito (Nós) possui marcas de concordância com o seu verbo (compramos), já em b. o sintagma sujeito não está realizado foneticamente, mas está implícito, então, podemos identificá-lo. No exemplo c., observamos que há ausência de marcas de CV, mas, mesmo assim, continuamos identificando o sujeito da oração. Essa ausência não comprometeu o entendimento da frase, já que identificamos foneticamente o sujeito e seu verbo. Contudo essa ausência da flexão verbal é considerada pela visão normativa como uma forma desprestigiada e, portanto, estigmatizada.

Sacconi (1994, p.365) divide as regras de concordância verbal da seguinte forma: A- O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa “*O cigarro é um mal*”; B- Os verbos que não podem ter sujeito, chamados impessoais, são usados sempre na pessoa do singular “*Chove bastante*”; C- Nome coletivo no singular deixa o verbo no singular “*Uma série de irregularidades aconteceu ali*”; D- nomes que terminam em S exigem o verbo no plural somente se estiverem acompanhados de determinantes no plural “*A cidade Santos fica no estado de São Paulo*”.

Para Cereja e Magalhães (2005, p.230) “a concordância é um princípio linguístico que orienta a combinação das palavras na frase, e o fato de haver mais de uma possibilidade de concordar o verbo com o sujeito pode acarretar algumas dificuldades” e, embora existam algumas regras sistematizadas, o aprendizado da concordância verbal depende em grande parte do uso sistematizado da língua, de nossa intuição linguística, como por exemplo: *O grupo de estudantes pedia bis ao cantor.*

Para Campos, Cardoso e Andrade (2010, p.237) “a concordância verbal é um mecanismo pelo qual o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito da oração”. Assim as regras básicas de uma concordância são, “Sujeito simples – o verbo concorda em pessoa e número com o núcleo desse sujeito: *Os Estados Unidos investem muito em tecnologia*; sujeito composto – em geral o verbo é usado na 3ª pessoa do plural: *Os jogadores e a torcida abraçaram-se*; sujeito composto com um dos núcleos em 1ª pessoa – o verbo é usado na 1ª pessoa do plural: *Eu, tu e ele faremos a pesquisa*”. Nessa perspectiva, para os autores quem foge a regra, está fora do padrão da concordância.

Para Sarmento e Tufano (2010, p.294) também existe a concordância ideológica que é feita “com a ideia que está subentendida de gênero, número ou pessoa”. Como em *Vossa majestade mostrou-se compreensivo*; *Os americanos temos uma tendência ao consumo* e *A multidão avançava pela praça e cantavam o hino nacional*.

Nessa perspectiva de pensamento sobre concordância Amaral, Ferreira, Leite e Antônio (2010, p.337) resumem o estudo sobre concordância afirmando que ela é “o princípio gramatical que determina como o verbo deve flexionar-se para se ajustar ao sujeito da oração”. E que os casos especiais são: 1) O verbo concorda com o núcleo do sujeito: *Existem nesta região, poucas matas nativas*; 2) Verbo + se (pronome apassivador), o verbo concorda com o sujeito: *Não se publicou o fato do acidente*; 3) Verbo + se (índice de indeterminação do sujeito), o verbo na 3ª pessoa do singular: *Jamais se concordou com os resultados daquela eleição*; 4) núcleos do sujeito ligados pela conjunção e, se o sujeito estiver antes do verbo, este vem no plural, se depois também: *chegou o verão e as férias, chegaram o verão e as férias*; os verbos impessoais não admitem sujeito, por isso ficam sempre na 3ª pessoa do singular: *Não havia salas disponíveis*.

De acordo com Santos (2011) a gramática normativa (GN) tem pretensões cultas, defendidas sempre pelas camadas socialmente privilegiadas,

A gramática normativa procura estabelecer a norma padrão da língua, ou seja, estabelecer um sistema de instruções que define a forma “correta” dessa língua. Por considerar a língua falada um caos linguístico e um sistema difícil de ser estudado, a GN se detém ao estudo da língua escrita padrão. A GN insere, nos estudos sobre a linguagem, as formas consideradas “corretas” e “incorretas”. Na tentativa de evitar o “erro”, a GN elabora regras, derivadas das convenções e dos valores sociais, que levam a uma forma “correta”. (SANTOS, 2011, p.102)

Dessa forma segundo o autor a ausência de Concordância Verbal na Gramática Normativa, é vista como falha que deve ser evitada, e as formas consideradas adequadas e boas devem ser seguidas.

Seguir um padrão gramatical é importante para ter um guia condutor na hora de escrever ou falar, isto é, é bom que se tenha um parâmetro oficial para ser seguido, se levarmos em consideração que em algum momento as regras da GN serão cobradas a rigor nos exames nacionais do ensino médio, nas entrevistas de emprego, e nos concursos públicos. Contudo, é importante ressaltar que por vezes a fala natural pula algumas marcas de concordância, e nem por isso deixou-se de se comunicar.

Após essa tentativa de mostrar como a GN, a partir das gramáticas selecionadas, aborda a CV, podemos afirmar que, para essa gramática, a concordância entre verbo e sujeito, na língua portuguesa, é regra obrigatória.

1.6 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

Para Santos (2011) “a Sociolinguística Variacionista (SV), de Labov estuda a gramática das comunidades de fala a fim de comprovar que a língua é governada por diferenças linguísticas e extralinguísticas sistemáticas” (p.103). Os olhares estão envoltos para a heterogeneidade linguística, que para a autora a língua apresenta formas diferentes, mas semanticamente similares, cabendo ao falante escolher qual forma irá utilizar para se comunicar. Assim,

Na visão da sociolinguística variacionista não há espaço para preconceitos linguísticos, uma vez que essa área tenta dar uma explicação plausível para a ocorrência dos chamados “desvios” da gramática normativa. A sociolinguística se preocupa com a língua falada no cotidiano, mas não descarta ou estigmatiza as demais modalidades da língua, pelo contrário, há alguns trabalhos que estudam a língua escrita e outros a língua dos sinais, por exemplo. O que interessa à SV é a descrição das variações linguísticas. Logo, a principal crítica da SV aos estudos normativos recai sobre o fato de eles descartarem de seus estudos a característica de que a língua é intrinsecamente heterogênea. (SILVA, 2011, p.104).

A autora concorda que a SV leva em consideração que a língua varia de acordo com o contexto em que está inserida, sofrendo influencia de fatores internos e externos a ela. Assim a concordância verbal (CV) não fica de fora dessa análise interna, já que segundo ela, existem várias regras estabelecidas pela gramática normativa, que não são aplicadas na língua falada, já que esta se torna natural e segue seu curso.

Ainda a autora indaga afirmando que (2011) “a variação de CV na língua portuguesa tem sido amplamente registrada pelos estudos variacionistas, que vem demonstrando que a regra de CV é uma regra variável e que essa variabilidade vai depender da influencia de variáveis linguísticas e extralinguísticas” (p.104). Os fatores que influenciam na variável CV

são a posição em relação ao verbo, na relação sujeito e verbo, e enquanto aos fatores externos encontra-se a faixa etária, a escolaridade e a localidade.

Sob essa mesma perspectiva Almeida (2010, p.47) concorda que,

Embora não seja o objetivo dos gramáticos tratar da questão da variação linguística, parece mais profícuo admitir que um determinado fenômeno, como é o caso da concordância, seja visto como passível de variação, uma vez que não está sujeito apenas a motivações de ordem estrutural, mas também a influências externas, num processo dinâmico, que não pode ficar restrito a um conjunto de regras fixas ou à dicotomia certo versus errado.

Para a autora o ensino de língua teve ter por base o estudo das variações dentro da realidade, não pode existir na língua modelos estáticos, dessa forma a concordância é um fenômeno que apresenta muitas variações.

De acordo com Mollica e Braga (2012) a sociolinguística estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para os aspectos sociais e linguísticos.

Assim:

O papel da mudança linguística é fundamental para os estudos sociolinguísticos. Os problemas teóricos envolvidos referem-se aos processos de encaixamento, avaliação e implementação. Antes de tudo, o linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu status social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acham-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no de recuo da inovação. (MOLLICA e BRAGA, 2012 p.10)

Para as autoras a língua encontra-se em mudança de acordo com o número de variantes envolvidas no processo da linguagem, principalmente no aspecto social que a envolve. A sociolinguística também fica responsável de investigar o grau de estabilidade da variação, entendendo que elas são contextualizadas.

Segundo Reis, Machado e Barbosa (2011, p.6441) “a língua e a sociedade estão ligadas entre si de maneira inquestionável. A língua tem papel fundamental nas relações humanas, pois, durante toda a vida, o ser humano está cercado pelos signos linguísticos”, fazendo com que a sociolinguística cumpra seu papel, de investigar o fenômeno no contexto cultural e social. Dessa forma segundo eles, a língua favorece a interação entre os indivíduos, tornando viável a comunicação,

A sociolinguística enquanto conhecimento essencial para que haja um ensino global para alunos de diversos níveis de ensino. Seja como professor de educação básica ou de ensino superior, as atividades realizadas devem partir de uma concepção de língua viva, que, durante toda sua existência, conta com variações e mudanças inerentes ao sistema (REIS, MACHADO, BARBOSA, 2011, P.6441).

A sociolinguística contribui dando possibilidade a língua de ser um marco social nas comunidades, influenciando diretamente o ensino, conscientizando a escola em favor de um

trabalho que leve o aluno a conhecer e usar a norma culta da língua portuguesa de forma a acrescentá-la ao português que já possuía.

Os estudantes devem entender que eles sabem falar e escrever a língua portuguesa, o que muitas vezes eles não sabem é como aplicar as regras gramaticais adequadamente, por isso é preciso ressaltar a importância de refletir sobre as regras para acrescentar e melhorar o que já existe, e não excluir nenhuma.

De acordo com Monteiro (2000) a sociolinguística se desenvolveu a partir de 1960, e ela deve ser vista a partir de duas perspectivas diferentes “a macrosociolinguística e a microsociolinguística”,

A primeira trata das relações entre a sociedade e as línguas como um todo, discutindo questões como as consequências do multilinguismo no desenvolvimento econômico e as prováveis políticas linguísticas que um governo pode adotar; a segunda analisa os efeitos dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas, utilizando-se para tanto de testes estatísticos na tentativa de determinar as pressões que condicionam a aplicação de uma dada regra variável. (p.26)

De toda forma para o autor a sociolinguística trata de problemas relacionados com a sociedade, levando em conta os aspectos culturais envolvidos e a política, entendendo-a como um funcionamento dinâmico.

Sob esse olhar Mollica e Braga (2012, p.13) entendem que as manifestações linguísticas estão sujeitas as avaliações populares de maneira positiva e negativa, então as autoras concordam que,

Os sociolinguistas tem-se voltado para a análise das relações, e o preconceito linguístico tem sido um ponto muito debatido na área, pois ainda predominam as práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, tomando-se como referencia o padrão culto. As línguas, em geral, apresentam uma diversidade que se distribui em continuum, da qual o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e da tradição literária.

Assim, segundo as autoras, toda língua apresenta variantes mais prestigiadas do que outras, onde os estudos sociolinguísticos oferecem uma ótima contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de desmistificar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, procura desqualificar e acabar como expressão linguística natural.

Procurando averiguar o comportamento da concordância verbal em textos dissertativos de estudantes do ensino médio de uma escola estadual no interior do estado de Pernambuco, este estudo segue as orientações metodológicas da sociolinguística de orientação Laboviana. É importante ressaltar que esta pesquisa se desenvolve a partir da noção de

heterogeneidade e sistematicidade da língua, da relação existente entre variação e mudança, do conceito de regra variável, dos problemas da mudança, do tamanho da amostra.

De acordo com Labov (2008) as bases teóricas que amparam o pensamento sociolinguístico sobre a variação e a mudança linguística, configuram um rompimento da identificação de estruturalidade com homogeneidade linguística. No que se refere ao princípio da homogeneidade, a perspectiva sociolinguística opõe-se ao que propõe o modelo gerativista e estruturalista, que se fundamenta no emprego das regras categóricas que podem ser analisadas fora de seu contexto social. A partir do pensamento sociolinguístico, a língua deixa de ser vista como sistema autônomo e sem história, e as regras passam a ser vistas como passíveis de variação.

Por também compartilhar esse pensamento, Coelho (2011) afirma que a heterogeneidade linguística está presente e prevista nos conhecimentos da gramática, que torna possível a mutualidade da língua, reconhecendo que existe uma gramática que pode estudar a língua de forma mais contextualizada e adaptada a realidade da população.

Essa gramática pode ser considerada pragmática por trabalhar diretamente de maneira contextualizada, priorizando os atos de fala e o contexto em que ela está inserida. Assim, de acordo com Sena (2001) o professor que utiliza a gramática pragmática em suas aulas estará adaptando o seu aluno nas mais diferenciadas situações de uso da língua, sem deixar de lado a gramática normativa, pois priorizaria a semântica e trabalharia a norma culta dentro de um contexto.

A comunidade assume características linguísticas compartilhadas pelos falantes; trata-se de um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham sons ou construções gramaticais que são usadas dentro da comunidade,

Os estudos sociolinguísticos apresentam densidade de comunicação interna relativamente alta, isto é, os falantes comunicam-se mais entre eles do que com falantes de outros grupos e, o que é mais importante, compartilham normas e atitudes com respeito aos usos linguísticos, determinando o que seria apropriado para determinado contexto e não par outro (COELHO, 2011, p.58).

Ao definir a comunidade de fala, segundo o autor, nos estudos sociolinguísticos permite averiguar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, tornando viável considerar características linguísticas individuais e marcas de grupo.

Ainda segundo o autor, a análise de um fenômeno linguístico dentro da comunidade pelos moldes variacionistas deve ser feita com cuidado,

Os falantes estudados precisam ser representativos do grupo, sendo consideradas, portanto, pessoas que tenham nascido ou desde pequenas sejam integrantes da comunidade de fala; dessa maneira, torna-se interessante adquirir um conhecimento

prévio do perfil dos falantes para não se obtenham dados isolados, sem importância no grupo de estudo (COELHO, 2011, p.59)

A autora ainda complementa dizendo que o número de falantes que se devem considerar para a composição da amostra em estudo sociolinguístico depende, do grau de variabilidade do fenômeno.

Nessa mesma perspectiva de pensamento Almeida (2010) observa que a Teoria Variacionista proposta por William Labov parte do princípio de que a variação é inseparável da língua. Na realidade, ela emana da aplicação de regras admitidas pelo sistema da língua, sendo que cada indivíduo pode dispor de mais de uma regra para determinada categoria,

Uma das consequências da assunção da possibilidade de um falante dispor de mais de uma variante no seu repertório de conhecimentos linguísticos é a proposta laboviana de explicar a variação observada no uso através de regras variáveis, que vai mais longe do que o tradicional binômio. Nas regras variáveis, fatores independentes de diferente natureza são levados em conta para explicar os contextos em que a regra se aplica ou não e, também, a proporção esperável de sua aplicação/ não aplicação (ALMEIDA, 2010, p.81)

Segundo a autora, as variantes linguísticas encontradas na língua são justificadas pelas variantes extralinguísticas como sexo e grau de formação por exemplo. Quer dizer, os fatores externos ao indivíduo podem contribuir para que ele assuma uma linguagem menos formal, e aplicar ou não as regras da norma considerada de prestígio.

Sob esse mesmo olhar Labov (2008) acredita que não é possível entender os mecanismos da variação e da mudança linguística sem que se saibam quais são os fatores que as motivam, dando igual importância aos aspectos linguísticos e aos sociais, assim a variação e mudança estão ligadas, mas não se pode dizer que a reciprocidade de ambas, pois nem toda variação implica mudança, uma vez que há fenômenos variáveis que permanecem estáveis durante muito tempo.

De acordo com Bagno (2011, p.214), é o modelo de Labov que contribuiu na discussão sobre língua falada, e organizou alguns pressupostos para explicar esse fenômeno: 1) todas as comunidades se distinguem pelo seu modo de falar; 2) nenhum falante possui um só estilo; 3) a seleção das variantes não é livre, ela é determinada pelo contexto linguístico.

Assim, Bagno (2011, p.214) “estudando a distribuição de certo número de variáveis linguísticas dentro de uma amostra representativa de uma população, obtém-se um retrato socialmente significativo da variação numa comunidade linguística”. Dessa forma, acredita o autor, a gramática de uma comunidade linguística é mais regular e sistemática do que o comportamento de qualquer indivíduo isolado.

Foi nessa perspectiva de estudo sobre variantes linguísticas que nossa pesquisa teve como ponto de partida perceber quais variantes sociais extralinguísticas determinam o aparecimento de variantes linguísticas nos textos dos alunos. Esse estudo é de cunho sociolinguístico, pois tenta entender de que modo à escola está trabalhando o texto argumentativo no sentido de fazer desse gênero textual um instrumento de participação numa sociedade mais igualitária e democrática. Para tanto foi necessário entender e buscar na cultura elementos que justifiquem o uso frequente da gramática normativa em sala, mas compreender que através de perspectivas pragmáticas essa gramática pode ser vista de maneira mais contextualizada e menos discriminadora.

A pesquisa foi buscar na realidade dos textos do aluno a influência social extralinguística através de questionário, presentes ou não na concordância verbal e suas variantes linguísticas. Para tanto foi necessário entender como as aulas de língua portuguesa estão estruturadas e como pensam os professores sobre regras normativas. O estudo buscou analisar na estrutura da língua as marcas da concordância em seu sentido mais estrutural, pois só assim podia se comprovar a presença ou não da concordância verbal com suas diversas variantes fazendo um paralelo com o social e buscando compreender como as influências culturais e tradicionais se infiltram na escrita dos alunos.

A hipótese para essa pesquisa, já que ela também é quantitativa, seria a de que os alunos escrevem com uso abusivo de variantes na concordância verbal porque tem influência extralinguística.

CAPÍTULO 2

PERCursos METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.1 Objetivo Geral

Analisar a presença de diferentes variantes linguísticas na concordância verbal em textos dissertativos produzidos por alunos do ensino médio influenciadas por variantes sociais extralinguísticas.

2.2 Objetivos Específicos

Tomando por alicerce o objetivo geral, foram enumerados os seguintes objetivos específicos para seguir o percurso:

- Explicar a relação entre a língua e o contexto cultural em que ela está inserida;
- Perceber a presença de diferentes variantes linguísticas na concordância verbal;
- Determinar quais os contextos extralinguísticos exerce influencia na escrita dos textos dissertativos;
- Entender pela linguagem dos professores de que forma acontece o ensino de língua portuguesa.

2.3 Metodologia escolhida

O estudo pode ser compreendido como uma pesquisa quantitativa, por analisar textos dissertativos e questionários sócios culturais de alunos do ensino médio de uma única escola, e qualitativo por fazer entrevistas com os professores de língua portuguesa.

O modelo teórico-metodológico escolhido para estudar as variantes linguísticas encontradas na concordância verbal de textos dissertativos foi a Sociolinguística Variacionista. Este modelo de estudo é atribuído a William Labov, que investiga a relação entre língua e sociedade, criando um modelo de análise que possibilita a sistematização da variação existente na língua falada ou escrita, segundo Guy e Zilles (2007, p.73).

A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos.

Para os autores o uso de métodos estatísticos tem permitido demonstrar o quanto fundamental a variação pode ser para o raciocínio da comunidade de fala. Esta é uma linha adotada, por ser considerada coerente e eficaz para a descrição da língua em uso numa perspectiva sociolinguística.

De acordo com Mollica e Braga (2012) o projeto do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, ou a homogeneidade não é aleatória, mas regulada. Existem regras que submetem o falante a usar formas que favoreçam ou não o uso de configurações diferentes em cada contexto. Assim para eles,

[...] na língua, variantes podem estar em competição, no sentido de que ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer outra. Porém, dado o pressuposto básico, deve ser possível identificar uma série de categorias independentes que influem neste uso. Estas categorias podem ser internas ao sistema linguístico ou externas a ele. No primeiro caso teremos fatores estruturais, por exemplo, o ditongo /ei / se usa menos quando o segmento seguinte é palatal (peixe) do que quando é alveodental (peito); no segundo caso teremos fatores sociais, por exemplo, as pessoas com formação superior usam mais concordância nominal e verbal do que os analfabetos (MOLLICA e BRAGA, 2012, p.16)

Os autores argumentam que entre os fatores sociais, as categorias mais influentes parecem ser idade, sexo, nível socioeconômico e formação escolar. Cada fenômeno deve ser estudado levando em conta a matriz social, como o caso da concordância verbal, que é regra variável na língua falada.

Nas palavras de Labov (2008, p.13-14)

[...] existiam diversas barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária. Primeiramente, Saussure tinha enunciado o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham de ser estruturados separadamente (1949:124). Esse princípio tinha sido consistentemente eclodido por Martinet (1955) e outros, que encontraram estrutura nas mudanças passadas, mas pouco progresso fora feito na localização da mudança nas estruturas presentes. A segunda barreira ideológica afirmava explicitamente que a mudança sonora não podia, em princípio, ser observada diretamente. Bloomfield defendia a regularidade da mudança sonora contra a evidência irregular do presente declarando (1933:364) que quaisquer flutuações que pudéssemos observar seriam apenas casos de empréstimo dialetal. Em seguida, Hockett observou que, embora a mudança sonora fosse lenta demais para ser observada, a mudança estrutural era rápida demais (1958:457). O estudo empírico da mudança linguística estava, portanto, eliminado do programa da linguística do século XX.

Os primeiros estudos conduzidos por Labov nessa linha de pesquisa foram sua dissertação de mestrado sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard (Centralização de ditongos), no estado de Massachussets, e sua tese de doutorado sobre a estratificação do

inglês falado na cidade de Nova York (a variável /r/), ambos orientados por Uriel weinreich, na universidade de Columbia. (LABOV, 2008, p.65)

A pesquisa Sociolinguística Variacionista de acordo com Santos (2011) busca apreender a sistematicidade da variação, seu encaixamento linguístico e social, e uma possível relação com a mudança linguística por meio de análises quantitativas de um corpus, escolhido a partir de certas características sociais relacionadas a uma variável linguística.

Coelho (2011) diz que, no que se refere aos aspectos metodológicos, a sociolinguística laboviana descreve e analisa o processo de mudança que se observa nos fenômenos da língua a partir do controle de variáveis sociais e linguísticas, busca averiguar o favorecimento ou desfavorecimento de estruturas a defender do contexto que insere. Por meio do pacote de programas computacionais no SPSS, importante aporte teórico metodológico nas pesquisas quantitativas, os pesquisadores conseguem identificar os fatores que condicionam a aplicação de uma ou de outra variante.

Guy e Zilles (2007) explicam que os programas de análise multivariada são preferíveis, pois permitem a construção de um modelo completo e específico dos processos e efeitos que não aparecem num simples cálculo de porcentagens. O resultado da análise das variantes pode produzir duas situações: a existência de estabilidade entre variantes, denominada variação ou a competição entre variantes com aumento de uso de uma delas, chamada mudança em curso.

Com base nos pressupostos da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, analisou-se, no presente estudo, o fenômeno das variantes linguísticas presentes na concordância verbal na modalidade escrita da língua, em redações escolares, estabelecendo-se as variantes linguísticas e extralinguísticas que determinam a opção dos usuários da língua por uma ou por outra variante.

2.4 Lócus da Investigação

A pesquisa foi realizada em uma única escola no interior do estado de Pernambuco no Brasil. A maioria da população é da zona rural e preserva suas características próprias de subsistência, dentre elas, a agricultura.

Os critérios utilizados para escolha da escola foi o fato de se tratar de uma escola da zona urbana, mas que o seu alunado é aproximadamente 80% da zona rural, com suas

peculiaridades locais de variações na linguagem. Por ser uma escola estadual, atende a demanda do ensino médio.

A escola apresenta uma estrutura física: 12 salas de aula, 01 diretoria, 01 secretaria, 01 sala de professores, 01 biblioteca, 01 laboratório de informática, 01 cozinha com 01 dispensa, 05 banheiros.

Possui uma equipe escolar distribuídos nas seguintes funções: 01 diretora, 01 secretária geral, 01 sócio educacional, 01 técnica administrativa, 07 merendeiras, 03 auxiliares de serviços gerais, e o corpo docente formado por 30 professores, dos quais apenas dois não têm especialização, todos os demais são especialistas.

Um dado importante, é que a maioria dos estudantes tem como principal fonte de renda o programa do governo federal, a bolsa família. Essa realidade faz com que algumas famílias vejam o estudo apenas como uma obrigação e não como uma necessidade. Os alunos declaram que preferem trabalhar por que conseguem seu próprio dinheiro e podem comprar as coisas de que necessitam. Por isso que na sexta feira, que é o dia da feira na cidade, a escola fica apenas com 60% do seu alunado, pois muitos estão trabalhando.

Outro fator importante na pesquisa é o local de onde vêm os alunos. A escola atende distintas comunidades rurais. Esse fator leva a uma variedade linguística muito diversificada. Como é o caso específico do sítio riacho do mel, que fica próximo à cidade, e que apresenta uma linguagem própria. Exemplo disso, é que a comunidade ao invés de falar *porta*, fala *posta*. Isso entre muitos outros exemplos de peculiaridades linguísticas.

Esta escola é a mais próxima dos povoados vizinhos, dessa forma os alunos ficam sem opção de escolha para estudar, então ela passa a ser a única opção, segundo Cortez (2012, p.60).

Na concepção dos alunos a escolha da escola está relacionada à diversão, ou seja, o local deve ser grande e com muitas crianças, já os pais visão escolher aquela que aparente maiores recursos para o desenvolvimento da aprendizagem. Buscando compreender as contribuições do ambiente físico ao desenvolvimento e aprendizagem.

Assim, segundo a autora a escola é um lugar importante para o crescimento individual do indivíduo. Mesmo escolhido pela localização e não por seus critérios minuciosos de competência. Apesar disso, a escola apresenta altos índices de desenvolvimento, cumprindo as metas estabelecidas pelo governo do estado.

2.5 sujeitos da Pesquisa

A população é formada por alunos matriculados no semestre 2013.2. A amostra foi calculada através da equação do cálculo de tamanho da amostra para estudo de proporção em população finita.

Considerando a equação e os valores dos parâmetros, temos que o universo da escola pesquisa é de 850 alunos. Foi utilizado o método aleatório simples para que a amostra tivesse 30% do total e correspondesse a 253 alunos. Destes foram selecionados 10 (2 alunos do 3º ano, 4 alunos do 2º ano e 4 do 1º ano do ensino médio entre semi-integral e regular) que tiveram maior significância na problemática estudada, onde o critério foi observar os que apresentassem em seus textos um número considerável de variantes.

De acordo com Guy e Zilles (2007, p.109),

[...] em sociolinguística variacionista, dada a adoção de métodos estatísticos de análise, o termo amostra refere-se ao grupo de indivíduos (e ao correspondente conjunto de respostas amostrais) selecionados para representar, no estudo, a população ou o universo do qual fazem parte e que o pesquisador deseja estudar.

Assim, para os autores o comportamento linguístico reflete regularidades ligadas ao fato de que aderem “às normas de seus respectivos grupos sociais; é nesse sentido que os resultados do estudo do comportamento de certo número de indivíduos (amostra) são generalizados para os grupos sociais aos quais eles pertencem” (p.109).

Nessa perspectiva Mollica e Braga (2012) fazem uma reflexão sobre a amostra indagando que os resultados de análises realizadas serão relativos à amostra, e que não se pode perder de vista que se pretende obter uma pesquisa sobre a comunidade e não apenas sobre a amostra “o pesquisador tomará as medidas necessárias para tornar possível a generalização dos resultados obtidos através dessa amostra” (p.119).

A renda das famílias dos alunos pesquisados é extraída do campo, com o plantio. Por muitos anos perpetuou-se na escola a ideia de que estudar não era interessante, e que trabalhar tinha mais futuro, principalmente nas sextas feiras, quando acontece a feira de rua na cidade, e é a oportunidade que eles têm de ganhar um dinheiro extra. Mas com a implementação do ensino integral, essa realidade mudou e muitos dos alunos hoje entendem que estudar é importante para o seu desenvolvimento cognitivo e pessoal. Ainda assim, muitos deles preferem trabalhar a estudar, principalmente no período das chuvas. Eles afirmam que gostam de ganhar o seu próprio dinheiro e ajudar em casa seus familiares, e que não deixam de estudar porque os seus pais recebem o bolsa escola (que é um programa de governo que dá uma bolsa em dinheiro às famílias para que os alunos frequentem as aulas) e encaram essa realidade estudantil como uma obrigação determinada pela lei, e não como algo que possa contribuir com a formação cidadã.

Não muito diferente os alunos do regular à noite também acreditam e defendem mais o trabalho aos estudos. Muitos passam o dia trabalhando e à noite vão à escola, mas ao contrário dos adolescentes integrais, já entenderam que uma ficha de conclusão parece importante na hora de arrumar emprego ou se promover na sociedade. Muitos falam que estão arrependidos por não terem terminado os seus estudos mais cedo, pois hoje existe uma distorção idade / série, e fica evidente que à noite os professores precisam fazer um trabalho diferenciado com os alunos, tanto pelo fato de muitos serem mais velhos, e também pelo fato do tempo ser mais corrido, e os assuntos precisarem ser condensados.

Segundo o método aleatório simples, de acordo com Mollica e Braga (2012) “[...] consiste em colocar num recipiente uma identificação de cada indivíduo da população e retirar cada identificação uma a uma até completar o número desejado” (p.120). Assim, todos os indivíduos têm exatamente igual probabilidade de escolha, dessa forma dos 253 alunos foram selecionados 10 que tiveram significância na problemática pedagógica do ensino da língua.

2.6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA INVESTIGAÇÃO

Os dados do atual estudo foram coletados em três etapas:

- Questionário
- Proposta de redação argumentativa
- Entrevista

2.6.1 Questionário

No presente estudo foi utilizado o questionário, com o objetivo de coletar dados específicos da amostra investigada, observando assim as variações socioculturais presentes nas respostas dos estudantes.

A proposta de questionário busca controlar diversas informações referentes à comunidade de fala na qual está inserida a intenção de tomar conhecimento de aspectos como nível de escolaridade dos pais, renda familiar, gosto pessoais sobre o dia a dia, e cultura. Segundo Labov (2008, p.31),

Um questionário acerca de juízos de valor é importante para explorar a orientação social do informante [...], onde as respostas às perguntas frequentemente propiciam

uma rica coleta das formas regionais e variantes emocionalmente marcados e não marcados.

Nessa mesma linha de pensamento Mollica e Braga (2012) asseguram que um questionário social deve ser montado de acordo com a pesquisa e a comunidade pretendida.

Assim, afirmam as autoras que “o questionário tem como principal objetivo, traçar o perfil social do informante [...] sendo o primeiro contato antes da produção textual ou entrevista propriamente dita” (p.126). Dessa forma quebra-se o gelo entre o pesquisador e o seu informante. Nessa perspectiva a pesquisa é conduzida da melhor forma, pois os interesses serão preservados.

2.6.2 Proposta de redação argumentativa

O texto dissertativo-argumentativo deve ser aproveitado de atividades aplicadas em sala de aula, com temas diversos ou apenas um tema para todos, levando em consideração que o estudante seguramente passou pelos estágios essenciais de aprendizado da redação, de técnicas de argumentação, e a transcrição do texto falado para o escrito, sabendo como organizar as ideias, além de outros fatores. Segundo Silva e Estevam (2009) o texto deve ser de natureza argumentativa, procurando meios para seduzir, persuadir e convencer o leitor de suas indagações.

De acordo com Almeida (2010, p.50),

A modalidade escrita, considerada fator conservador da unidade linguística, porque monitorada apresenta, apesar disso, contextos em que a concordância verbal não ocorre ou tende a ocorrer menos. Estudos variacionistas confirmam que, assim, como na modalidade falada, a variação na escrita é passível de sistematização, havendo a possibilidade de definir as regras que determinaram a escolha do usuário por uma determinada forma e não outra.

Segundo a autora, a escrita requer um cuidado, que na fala não se tem. Por isso uma análise feita nestes termos requer também um fino trato nas variantes que serão estudadas dentro da concordância, pois esta pode ser sistematizada e possui regras específicas.

2.6.3 Entrevista

No presente estudo foi utilizada a entrevista, com o objetivo de coletar uma grande quantidade de dados juntamente com os professores.

Foram escolhidos cinco docentes justamente os que lecionam a disciplina de língua portuguesa na escola e que estão empenhados em desenvolver o crescimento intelectual do aluno. A amostra dos professores é orientada para esclarecimento sobre o que pode fazer a ação pedagógica pela promoção intelectual crítica dos cidadãos face à variedade linguística. De acordo com Bogdan (1994) as entrevistas são estratégias importantes para a coleta do resultado, pois os dados descritivos da linguagem do entrevistado permitem ao investigador desenvolver uma ideia sobre a maneira como o sujeito interpreta o assunto e a problemática em questão, levando a existir dois tipos de entrevistas, a estruturada e a semi estruturada,

alguns autores colocam a questão de qual dos dois tipos de entrevista é o mais eficaz com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão. Se bem que este tipo de debates possa animar a comunidade de investigação, a nossa perspectiva é a de que não é preciso optar por um dos partidos. A escolha recai num tipo particular de entrevista, baseada no objectivo da investigação. Para além disso, podem-se utilizar diferentes tipos de entrevista, em diferentes fases do mesmo estudo (BOGDAN, 2004, p.135)

Segundo o autor o mais importante é que a entrevista seja de fala livre e espontânea, onde o entrevistador deixa claro para o seu entrevistado o seu objetivo, é importante que a conversa comece à vontade sem pressupostos, mas que o assunto flua naturalmente, e que até uma entrevista considerada má, poderá ser útil ao investigador, pois o mais importante é ficar atento as afirmações, mesmo que o juízo de valor seja diferente do entrevistador, ele precisa ficar atento para não perder nenhuma palavra, nenhum argumento.

Segundo Bogdan (2004) um investigador qualitativo que tem pretensão em elaborar uma teoria sobre o seu objeto de estudo só começa a estabelecer uma relação concreta com o caso estudado após a coleta dos dados e o passar de tempo com os sujeitos. “O processo de análise dos dados é como um funil: as coisas estão abertas de início (ou no topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo” (p.142). O investigador qualitativo pretende utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes, para depois fazer sua análise minuciosa dos dados levantados.

As questões foram elaboradas com o intuito de levantar os conhecimentos que os docentes têm em relação às variantes da língua na concordância verbal e dos aspectos pedagógicos, onde cada questão pode proporcionar uma exposição do pensamento dos professores investigados.

2.7 DESCRIÇÃO DAS VARIANTES SUBMETIDAS À ANÁLISE NAS DISSERTAÇÕES

As variáveis estudadas basearam-se em estudos variacionistas sobre concordância verbal na modalidade falada, porém adaptadas ao plano da escrita. Dessa forma as variáveis são as dependentes e independentes, que de acordo com Mollica e Braga (2012, p.10),

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência de marca de concordância.

As autoras indagam sobre o que as variantes representam que são concebidas no sentido que não são aleatórias, mas são influenciadas por outros grupos, as variáveis independentes de natureza social ou estrutural, exercendo pressão sobre os usos das ocorrências, para aumentar ou diminuir a frequência.

Dessa forma, para Guy e Zilles (2007, p.75) “a terminologia de variáveis dependentes e independentes não deveria nos fazer perder de vista o fato de que essa distinção é altamente conceptual e deriva de uma concepção de mundo”. Para os autores, um ponto de vista diferente muda a relação entre as variáveis.

2.7.1 Variável Dependente

A variável estudada procura explicar o fenômeno de variação que está sendo examinado, constituindo um grupo binário (presença ou ausência de marca de plural de terceira pessoa). Quer dizer a presença ou ausência de flexão verbal.

Segundo Guy e Zilles (2007, p.120) “mesmo quando o pesquisador tem uma definição clara da variável dependente, ainda existe a possibilidade de certas ocorrências da variável não poderem ser incluídas no corpus por problemas como neutralização, ou falta de clareza”. Para os autores a variável dependente necessita ser clara e objetiva de acordo com a pesquisa.

Almeida (2010, p.67) defende em seus estudos que “para alguns indivíduos, a aprendizagem da regra canônica de concordância verbal se dá na escola, interessando, portanto, conhecer os contextos em que ela não se efetiva na escrita”. A autora acredita que os colégios tradicionais apresentam maior índice de concordância verbal, e que o turno noturno

por apresentar o maior número de estudantes trabalhadores, o índice de concordância verbal é menor.

Sendo assim, a variável dependente se divide em:

- Não concordância: Sem amor é que *acontece* as brigas.
- Concordância: Amor e paixão *andam* juntos.

2.7.2 Variável Independente Extralinguística

As variáveis não linguísticas não atuam sozinhas, pois de acordo com Mollica e Braga (2012, p.27) “operam num conjunto complexo de correlações que bloqueiam o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”. Para as autoras o nível social, a faixa etária, o sexo entre outras competem para o aumento na fala ou na escrita das variedades prestigiadas.

Almeida (2010) indaga a esse respeito, e diz que estudar as variantes extralinguísticas é observar a influencia do grupo sócio cultural sobre a aprendizagem, e formar um perfil dos informantes por meio das variáveis.

Gênero

De acordo com Mollica e Braga (2012, p.33) é preciso entender de que forma os fenômenos linguísticos estão relacionados ao gênero do falante. Assim,

Parece natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher. Nas sociedades ocidentais, a existência de um vocabulário feminino e de um vocabulário masculino parece menos acentuada e tende, progressivamente, ao desaparecimento.

Para as autoras a análise da correlação entre gênero / sexo e a variante linguística têm de, “fazer referencia não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala” (p.35). Dessa forma as análises tem mostrado que existem diferenças entre homens e mulheres na interação verbal.

Essa regra tem por objetivo verificar se há diferença entre a escrita formal entre indivíduos dos dois sexos. Para a amostra a variável considerada foi:

- Gênero masculino
- Gênero feminino

Nível de escolaridade

Os textos analisados foram produzidos por alunos matriculados no ensino médio. O controle dos textos elaborados por alunos de diferentes níveis de escolaridade tem por objetivo observar o avanço nas diferentes etapas da aprendizagem e uso ou não da concordância.

De acordo com Mollica e Braga (2012, p.53),

O ensino produtivo supõe a aquisição de novos hábitos linguísticos, a incorporação de novos modos de dizer e escrever, sempre com ênfase nos modos prestigiados de comunicação. Em vista dos modelos que escolhe para a familiarização do aluno com o nível culto, este tipo de ensino contribui para que os aspectos não abordados pela disciplina gramatical sejam também incorporados.

Para as autoras o nível de escolaridade maior ou menor interfere na escrita e na fala dos estudantes, sendo que o domínio da norma de prestígio depende do uso das diversas variantes. Dessa forma a escola tem um papel primordial de socializar o uso da norma de prestígio social, e garantir o sucesso dos participantes nesse processo de comunicação.

Assim, as variantes constituem-se de seis fatores:

- 1º ano do ensino semi- integral
- 2º ano do ensino semi- integral
- 3º ano do ensino semi- integral
- 1º ano do ensino regular
- 2º ano do ensino regular
- 3º ano do ensino regular

Turno de estudo

A variante que controla o horário de estudo está baseada na ideia de que os alunos matriculados no turno diurno se enquadram nos considerados periodizados, de acordo com Almeida (2010, p.98) “aqueles que, além de estarem matriculados nas séries correspondentes

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – Instituto de Educação

às suas idades, não trabalham e têm como compromisso principal o estudo”. Os que estão matriculados no horário noturno estão fora da faixa etária para a série, isto é, são mais velhos e provavelmente trabalham durante o dia. Desse modo a variável foi dividida em:

- Diurno
- Noturno

2.7.3 Variável Independente Linguística

Posição do sujeito em relação ao verbo

A posição do sujeito é muito importante, e influencia no fenômeno estudado. Segundo Almeida (2010) distintos trabalhos variacionistas comprovam que o sujeito posposto ao verbo favorece o cancelamento da marca de número no sintagma verbal, enquanto sua anteposição favorece a aplicação da marca. Essas estruturas abaixo foram controladas:

- Sujeito anteposto ao verbo (*Os meninos* brincam)
- Sujeito posposto ao verbo (Existe *muitos homens* maus.)

Distancia entre o núcleo do sujeito e o verbo

Nesse fenômeno fica claro que quanto maior a distancia entre o SN e o verbo, maior a possibilidade de cancelamento da regra de concordância verbal, estabelecida de acordo com o número de sílabas dos vocábulos existentes entre os dois termos, afirma Almeida (2010).

Assim, estabeleceu-se:

- zero sílaba (As matérias que eles (0) estudaram / Elas (0) leram o livro)
- Uma sílaba (As matérias que eles *se* recusaram a estudar)
- Duas sílabas (Os homens *não se* suportam)

Paralelismo nível – clausal (oração)

Esta variável explica a relação entre o tipo de marca existente no sujeito, e o tipo existente no verbo, se de plural ou não.

- Marca de plural no último elemento do sujeito (*Os animais vivem na floresta*)
- Ausência de marca de plural no último elemento do sujeito (*O amor e o ódio faz parte do dia a dia*)

Animacidade

De acordo com Mollica e Braga (2012, p.94), os resultados dos fenômenos que envolvem variação permite concluir que “referentes animados ou, mais especificamente, humanos coo correm preferentemente com a variante pronome pessoal. Inversamente, referentes não animados e não humanos tendem a coo correr com a variante alternativa”.

Almeida (2010) também argumenta sobre esse fato, afirmando que o controle da variável do sujeito influencia na marca de plural no SV.

- (+ animado) (+ humano) – *Os homens* não respeitam nada mais.
- (- animado) (+ concreto) – *Os objetos* faz diferença na nossa casa.
- (- animado) (- concreto) – *Os problemas* causa medo.

Saliência fônica – gráfica

O fenômeno da saliência fônica ressalta a relação entre a fonética e a morfologia. Assim, para Guy e Zilles (2007, p.57)

O português popular brasileiro tem na desnasalização e nas regras de concordância do sujeito com o verbo um outro grande caso de entrelaçamento e interação de processos fonológicos e morfossintáticos. A desnasalização é fator importante para que se estabeleçam os níveis de saliência fônica, uma vez que envolve formas verbais regulares em que a nasalidade é o único traço distintivo entre as formas singular e plural.

Assim, foi necessário fazer alterações para que se pudessem adaptar os fatores da saliência fônica falada, aos dados da língua escrita. Dessa forma as variáveis estudadas foram:

- Nasalização da vogal acentuada (vai/vão) – (Os vestibulandos que *vão* fazer testes para o vestibular / Essas ruas não *vai* mudar a realidade)

Modo tempo verbal

Os tempos verbais foram classificados de acordo com as regras dos gramáticos normativos.

- Presente do indicativo (Os homens *vivem*/ *vive* a mercê dos remédios)
- Pretérito perfeito do indicativo (Ela *ficou* doente) (Nós *ficou* doente)
- Futuro do presente (Elas *farão* um teste) (Elas *fará* um teste)

2.8 INSTRUMENTOS DE ANÁLISES DE DADOS

Para análise dos dados foi construído um banco de dados no programa SPSS onde foi realizada a análise. Para avaliar o perfil pessoal, escolar, social e de gênero do aluno foram calculadas as frequências percentuais e construídas as respectivas distribuições de frequências. Ainda, foram calculadas a prevalências das variantes dos alunos através da aplicação de um texto dissertativo. Na comparação das proporções encontradas foi aplicado o teste Qui-quadrado para comparação de proporção. Todas as conclusões da análise univariada foram tiradas considerando o nível de significância de 5%.

Para avaliar quais os fatores que individualmente e conjuntamente influenciam nas 14 variantes mais importantes do estudo foram utilizados a teoria do modelo logístico. No ajuste deste modelo foi considerada como variante dependente a ocorrência das variantes (cada uma delas) e como variantes independentes os fatores do perfil escolar noturno ou diurno, social, gênero. Para entrada na análise multivariada foi utilizado o nível de 20% de significância e para a saída o nível de 5%. O ajuste foi feito pelo método Backward Stepwise (Likelihood Ratio). Ainda, foram obtidas as Odds Ratio (OR) para determinar qual o grau do risco para a ocorrência das variantes nos grupo com maior chance de apresentar a variante em estudo.

Em busca de analisar os dados coletados através das redações argumentativas, foi utilizado o SPSS (Statistical Package for Social Sciences) para implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico adequado a dados coletados e neste caso

aos linguísticos variáveis. Esse sistema pode dar suporte, portanto, à avaliação quantitativa de dados linguísticos que são analisados de acordo com a teoria da variação de William Labov.

É preciso que os dados que farão parte do corpus da pesquisa sejam selecionados, transcritos, codificados e, após, submetidos aos programas do SPSS adequados para serem obtidos os resultados estatísticos. Diante da obtenção dos resultados, cabe ao pesquisador interpretá-los à luz das hipóteses levantadas, confirmando-as ou rejeitando-as, com base em um modelo teórico.

Assim,

Análise e interpretação estão intimamente ligadas: de hábito, fazem-se paralelamente, conjuntamente em uma operação em que a fronteira entre as duas é muitas vezes impossível de traçar com precisão, salvo em alguns estudos em que a análise consiste essencialmente na aplicação de testes estatísticos cujos resultados são interpretados em segunda, em uma seção à parte (LAVILLE e DIONE, 1999, p.197)

Os autores afirmam que pesquisas baseadas em variantes envolvem normalmente grandes massas de dados e a possibilidade de errar não é pequena. Portanto, quanto maior for à organização na forma de levantar os dados, tanto menor será a margem de erro.

Para o tratamento computacional do conjunto de dados obtidos lançou-se mão do pacote de programas do SPSS que de acordo com Coelho (2011) pode ficar perfeitamente responsável por fornecer o índice de aplicabilidade da regra variável linguística e extralinguística, tomando formas, como pontes e escalas, e fazendo comentários escritos. As análises tornam a forma de cálculos matemáticos, a interpretação delas.

De acordo com Laville e Dione (1999) os dados devem ser codificados (atribui um código para cada dado coletado e o divide em categorias) transferidos (transfere-se os dados para um quadro funcional) e verifica-se (faz-se a recepção dos dados brutos, para prosseguir, limpando o que é desnecessário na pesquisa). Dessa forma os testes estatísticos vão ajudar o pesquisador a julgar a presença ou ausência de vínculos significativos entre as variantes escolhidas em relação a suas questões e hipóteses, e a determinar a intensidade desses vínculos (LAVILLE e DIONE, 1999, p.209)

Observe a seguir, a lista das variantes independentes linguísticas consideradas e seus respectivos fatores após a realização dos amálgamas necessários, feitos de acordo com o que se julgou conveniente para conferir clareza e confiabilidade à interpretação dos resultados obtidos.

1-Posição do sujeito em relação ao verbo

- Sujeito anteposto ao verbo

- Sujeito posposto ao verbo

2-Distância entre o núcleo do sujeito e o verbo

- Zero sílaba
- Uma sílaba
- Duas sílabas

3-Paralelismo nível – clausal

- Marca de plural no último elemento do sujeito
- Ausência de marca de plural no último elemento do sujeito

4-Animacidade

- (+animado) (+ humano)
- (- animado) (+ concreto)
- (- animado) (- concreto)

5-Saliência fônico – gráfica

- Nasalização da vogal acentuada (vai/vão)

6-Modo tempo verbal

- Presente do indicativo
- Pretérito perfeito do indicativo
- Futuro do presente

Com base nos índices absolutos e percentuais obtidos com as rodadas realizadas e a observação atenciosa dos dados, procede-se à interpretação dos resultados, que se expõe no capítulo seguinte. Ressalta-se que a análise dos dados aqui apresentados serão de cinco entrevistas com os professores (análise de conteúdo) e análise das variantes extralinguísticas nos questionários (Sociolinguística Variacionista) de 253 alunos e redações com variantes linguísticas, para posteriormente fazer uma análise mais centrada e conjunta dos dados de 10 redações e 10 questionários significativos.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS

As entrevistas realizadas foram estruturadas com perguntas que segue no Apêndice B com base nas perguntas de partida, nos objetivos e nos apoios teóricos analisados, e procuraremos depois fazer uma análise com profundidade dos dados. De acordo com Bogdan e Biklen (1994) o objetivo da pesquisa qualitativa é de compreender os sujeitos com base em seus pontos de vista,

Ponto de vista é um construto de investigação. Entender os sujeitos com base nesta ideia pode, conseqüentemente, forçar a experiência que os sujeitos têm do mundo a algo que lhes é estranho. Contudo, esta forma de intrusão do investigador no mundo do sujeito é inevitável em investigação. Para todos os efeitos, o investigador faz interpretações, devendo possuir um esquema conceptual para as fazer. Os investigadores qualitativos pensam que o facto de abordarem as pessoas com o fito de compreenderem o seu ponto de vista ainda que não constitua algo de perfeito é o que menos distorce a experiência dos sujeitos (BOGDAN e BKLEN, 1994, p.54).

Dessa forma para os autores, a entrevista é um método de coleta de dados onde o pesquisador com metas definidas entra em contato com os entrevistados, para através de um diálogo adquirir dados necessários a sua pesquisa, não para confirmar hipóteses previamente levantadas, mas para agrupar dados relevantes que são vivenciados em todo o processo da sua vida habitual, nesse caso de ensino aprendizagem.

3.1 IDENTIFICAÇÃO PESSOAL DOS PROFESSORES

Tomando por base as entrevistas realizadas com os cinco professores, foi presumível mostrar de forma clara o perfil do grupo docente investigado. Reuniram-se questões sobre idade, gênero, tempo de formação e função.

Quadro 01- Características dos entrevistados

Professor	Idade	Gênero	Tempo de formação	Tempo de função
A	33 anos	Feminino	13 anos	16 anos
B	30 anos	Feminino	13 anos	12 anos
C	24 anos	Feminino	04 anos	05 anos
D	30 anos	Masculino	06 anos	12 anos
E	42 anos	Masculino	14 anos	15 anos

A escolha dos nomes dos professores foi pensando naqueles que promoviam o desenvolvimento intelectual do aluno, e que mais trabalhavam com produções escritas, que neste caso são os de língua portuguesa. Para garantir o anonimato eles foram apenas colocados em ordem alfabética. A entrevistada A é uma mulher muito criativa e dinâmica em sala de aula, atua como professora de língua portuguesa, e tem facilidade para preparar vídeos interativos para complementar a sua prática em sala. A entrevistada B, é muito inteligente e discreta, suas aulas são muito reflexivas baseadas em diferentes gêneros textuais, já que toda a sua formação é em língua portuguesa. Já a professora C, é a mais nova do grupo, mas já apresenta domínio em trabalhar com diferentes gêneros em sala de aula, suas aulas normalmente são com o livro didático e sem recursos visuais, prende-se as normas gramaticais, o entrevistado D é um professor altamente intelectual que adora a literatura brasileira, onde sua formação é em língua portuguesa, mas atualmente cursa direito em uma universidade estadual nas redondezas da cidade. Suas aulas são sempre mescladas com interatividade e com o livro didático. O entrevistado E é um homem bastante disciplinado que rege suas aulas totalmente baseado no livro didático, é raríssima às vezes que ele foge do padrão, levando para os seus alunos algum tipo de vídeo, ou outra atividade interativa.

3.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

A análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa que interpreta todo o conteúdo presente em textos captando o seu sentido simbólico. O pesquisador que trabalha com análise de conteúdo está sempre buscando um texto atrás de outro, que não aparece na primeira leitura, e precisa ser desvendado.

Para Bardin (2009) a análise de conteúdo é marcada por uma diversidade de forma que são adaptadas ao campo da comunicação,

A análise de conteúdo é um método muito empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto a vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes, dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e aos objetivos pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento, (BARDIN, 2009, p.35).

Segundo o autor a análise de conteúdo está dividida em etapas, que asseguram os fatos e os organizam de maneira estruturada para a análise geral das respostas. Estas etapas são chamadas para o autor de categorias que “tem como primeiro objectivo (da mesma

maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (p.119) Assim,

As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises. As distorções devidas à subjectividade dos codificadores e à variação dos juízos não se produzem se a escolha e a definição das categorias forem bem estabelecidas. O organizador da análise deve definir claramente as variáveis que trata, assim como deve precisar os índices que determinam a entrada de um elemento numa categoria (BARDIN, 2009, p.120)

O autor explica que a organização das categorias deve estar a serviço de um único conjunto, onde diferentes análises devem ser separadas da melhor maneira possível para organizar as mensagens.

Dessa forma o trabalho desenvolvido pelos professores nas turmas e nos alunos investigados traz intrínsecos ao seu resultado a postura de cada professor, seu perfil, seus gostos, seus anseios, por isso ao serem interrogados mostram visões distintas e detalhadas nas categorias.

Toda a entrevista com a amostra de professores foi analisada na ordem das respectivas perguntas, levando em consideração os aspectos individuais de cada entrevistado, e acima de tudo respeitando o seu tempo. Toda a entrevista com os professores está integral no apêndice III.

Quadro 02- Análise das categorias: língua, escrita e sociolinguística a serviço da educação.

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Entrevistados
Língua, escrita e sociolinguística a serviço da educação.	Gramática Pragmática	A escola aumenta o vocabulário do aluno ensinando a gramática pragmática.	A
	Aprimorar a língua	Os alunos escrevem como falam e a escola deve ajudar o aluno a aprimorar a sua língua.	B
	Norma culta	A escola deve ensinar a norma culta baseada na gramática normativa.	C
	Norma culta	O aluno deve adequar a sua língua às diferentes situações, mas cabe a escola ensinar a norma culta.	D
	Norma culta	A escola teve ensinar a norma culta.	E

Quadro 03- Análise das categorias: diferentes situações para diferentes gramáticas

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Entrevistados
Diferentes situações para diferentes gramáticas	Gramáticas diferentes	A escola deve mesclar o uso da gramática, já que o uso da normativa é mecânico.	A
	Regras necessárias	Cabe a escola dar função às regras da gramática em diversas situações.	B
	Funções da gramática	Função da gramática dentro da realidade do aluno.	C
	Valorização das gramáticas	Diferentes gramáticas valorizando o conhecimento do aluno	D
	Cultura do aluno	Inserir na gramática normativa do aluno a cultura.	E

Quadro 04- Análise das categorias: influência extralinguística na língua e poder

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Entrevistados
Influência extralinguística na língua e poder	Informalidade	Os alunos falam e escrevem de maneira informal, influenciados pela rede social, cabe a escola ensinar os níveis de linguagem.	A
	Interdependência	As influências estão na visão de mundo do aluno, onde as variedades estão se interdependendo.	B
	Norma padrão	Levar em conta as variedades do aluno sem deixar de lado domínio padrão.	C
	Norma padrão	Todas as variedades são válidas, mas é preciso mostrar o padrão para que a língua seja entendida como participação e poder.	D
	Norma padrão	Vícios de linguagem influenciam na língua, mas é a norma padrão que garante a unidade linguística.	E

Quadro 05- Análise das categorias: regras de concordância e estratégias pedagógicas

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Entrevistados
Regras de concordância e estratégias pedagógicas	Frisar regras	Frisar regras para o aluno memorizar, mesmo com diferentes textos.	A
	Usar diferentes textos	Sensibilizar os alunos para que estes sejam menos gramatiquinhos e mais linguistas, usando diferentes textos.	B
	Domina a norma culta	O aluno domina a norma culta quando conhece diferentes contextos linguísticos.	C
	Diferentes contextos	A língua é viva e não engessada, é preciso ensinar com diferentes contextos.	D
	Aulas sistemáticas	A aula deve ser sistemática para o aluno se apropriar da língua culta, cabendo à escola efetivar a justiça social através dos contextos.	E

Quadro 06- Síntese geral das categorias

Categorias	Número de professores	Subcategorias
Língua, escrita e sociolinguística a serviço da educação.	03	Gramática Normativa / Norma culta
Diferentes situações para diferentes gramáticas.	05	Diferentes níveis de linguagem / Norma culta como padrão
Influências extralinguísticas na língua e poder.	03	Unidade linguística padrão: Norma culta
Regras de concordância e estratégias pedagógicas.	03	Ensino sistemático / Norma culta

De acordo com o quadro 02 que indaga a respeito da língua, escrita e da sociolinguística a serviço da educação três dos entrevistados defendem o uso da gramática

normativa em sala de aula para que assim a norma culta se efetive. Já foi anteriormente afirmado por Bagno (2011) que ensinar português é basear-se no estudo padrão da língua para que esta não caia ao acaso. Os professores afirmam que mesmo que se trabalhe com diferentes textos, defendidos pelos outros dois professores, a norma culta é a base para todas as outras variantes. Assim o aluno terá condições de escrever e falar de acordo com o exigido pela sociedade.

O quadro 03 analisa diferentes situações para diferentes gramáticas os 05 professores entrevistados concordam que o aluno deve ter acesso a diferentes situações de uso da língua, mesmo que no final o que predomine nas aulas seja o estudo de situações formais da língua e para isso ele deverá usar diferentes gramáticas para não ficar preso apenas a nomenclaturas da gramática normativa como afirma Antunes (2007). Os professores defendem a ideia de que os alunos precisam ter acesso a diversos textos, que eles não podem ficar apenas reféns de regras como forma de discriminação e estigmas de certo e errado na língua, mas quando se fala em poder que é o que aparece no 3º quadro essa concepção muda totalmente como aconteceu no 2º quadro, pois 03 professores acreditam que a norma padrão deve ser ensinada como unidade linguística, acreditando que poder e participação na sociedade só tem quem domina a norma culta considerada formal, ficando acima daqueles 02 que defendem um ensino participativo entendendo que existe uma interdependência das variantes e que cabe a escola ensinar diferentes níveis de linguagem.

Autores como Tarallo (1999) ratificam essa perspectiva quando sancionam que a língua se torna indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. O autor sintetiza a ideia de língua como participação ativa, quem não a tem como requisito de formalidade e desenvolvimento está à margem da sociedade e do poder. Em suma, é bom que se tenha um parâmetro oficial para ser seguido, se levarmos em consideração que em algum momento as regras da GN serão cobradas a rigor, e isso só mudaria se as convenções sociais também mudassem, e os exames nacionais não fossem na estrutura que são formados.

O último quadro vem confirmar essa perspectiva formal da língua quando mostra o questionamento sobre as regras de concordância e as estratégias pedagógicas onde 03 dos entrevistados concordaram que o ensino da língua deve ser sistemático pautado em regras para serem memorizadas pelos alunos, só assim estes saberão usar em diferentes situações como afirma Santos (2011) que seguir um padrão gramatical é importante para ter um guia condutor na hora de escrever ou falar. Os entrevistados acreditam que o ensino de língua

portuguesa deve ter como prioridade a gramática normativa e suas regras, pois assim o aluno terá acesso à cidadania com dignidade e participação.

Chega-se em um denominador comum sobre as respostas dadas pelos entrevistados, onde 03 deles acreditam que as aulas de língua portuguesa só se efetivam quando voltadas para a sistematização do conteúdo pautado em regras da Gramática Normativa, onde o ensino e a aprendizagem se dão através de contextos baseados em certo e errados cobrados pela sociedade e pelos exames, enquanto 02 dos entrevistados defendem aulas menos gramatiquinhas e mais linguísticas voltadas para textos e interpretações em diferentes contextos, contanto que o aluno saiba no fim empregar adequadamente as regras e as palavras em seus contextos diversos, adequados a situações de uso em uma base sólida, que é a gramática normativa. Assim, mesmo aqueles professores que defendiam os diversos gêneros acabaram se rendendo ao sistema formal, onde não importa o meio mais o fim, que é a gramática normativa e suas regras.

3.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS: QUESTIONÁRIO DOS 253 ALUNOS

De acordo com a hipótese da pesquisa, os dados extralinguísticos podem influenciar a presença de um número considerável de variantes presentes nos textos dissertativos dos alunos. Dessa forma faremos uma análise do questionário levando em consideração as respostas dadas pelos 253 alunos investigados.

Pode-se dizer que o maior número de alunos avaliados foi do sexo feminino com menos de 18 anos e frequentam o primeiro e o segundo ano do ensino médio, divididos entre o semi-integral e o turno regular, moram na zona rural e são solteiros, são da cor branca, morando com seus pais e irmãos e estes não tem ensino médio, mas a maioria possui ensino fundamental, que representa o primário até o nono ano.

Tabela 1. Distribuição do perfil pessoal dos alunos avaliados: 253 alunos

Fator Avaliado	N	%
Sexo		

Masculino	81	32,02%
Feminino	172	67,98%
Idade		
Menos de 18	158	62,45%
18 ou mais	95	37,55%
Série		
Primeiro ano	100	40%
Segundo ano	100	40%
Terceiro ano	53	20%
Regime escolar		
Semi-integral	126	50%
Noturno	126	50%
Onde mora		
Zona Rural	176	69,56%
Zona Urbana	77	30,44%
Estado civil		
Solteiro	232	91,69%
Casado	21	8,31%
Cor		
Branca	189	74,70%
Parda	64	25,30%
Moro		
Meus pais	98	38,73%
Marido ou esposa nas casas	31	12,25%
Do pai		
Pais e irmãos	124	49,01%
Escolaridade do pai		
Fundamental	200	79,05%
Médio	53	20,94%
Escolaridade da Mãe		
Fundamental	200	79,05%
Médio	53	20,94%

Veremos na tabela número 02 a distribuição do perfil profissional dos alunos avaliados, onde percebeu-se que a maioria dos alunos não trabalha, e os que trabalham são menos de oito horas por dia, onde a renda de suas famílias por mês não ultrapassa um salário mínimo.

Tabela 2. Distribuição do perfil profissional dos alunos avaliados: 253 alunos

Fator avaliado	N	%
Trabalha um dia por semana		
Sim	75	29,64%
Não	178	70,35%
Trabalha todos os dias		
Sim	98	38,73%
Não	155	61,26%
Hora de trabalho		
Quatro horas	98	38,73%
Seis horas	122	48,22%
Oito horas	33	13,04%
Qual a renda familiar mensal		
Menos de um salário mínimo	81	32,01%
Um salário mínimo	126	49,80%
De um a cinco salários mínimos	46	18,18%

Na tabela 03 verificou-se o perfil escolar dos alunos. A maioria sempre estudou em escola pública, repetindo o ano, porém sem desistir de estudar. Os alunos escrevem textos nas aulas de língua portuguesa uma vez por mês, e estudam com o livro e estudam a gramática com frequência, lendo e interpretando diferentes tipos de gêneros textuais.

Tabela 3. Distribuição do perfil escolar dos alunos avaliados: 253 alunos

Fator avaliado	N	%
Onde estudou		
Sempre na escola pública	241	95,25%
Já repetiu o ano		
Sim	159	62,84%
Não	94	37,15%
Já parou de estudar		
Sim	7	2,76%
Não	246	97,23%
Nas aulas de língua portuguesa você normalmente		
Escreve textos com que frequência		
Todas as aulas	62	24,50%
Uma vez por semana	71	28,06%

Uma vez por Mês	120	47,43%
-----------------	-----	--------

Nas aulas de língua portuguesa você normalmente

Estuda com o livro	100	39,52%
Interpreta textos diferentes do livro	53	20,94%
Estuda a gramática	100	39,52%

Você observa o seu professor de língua portuguesa durante as aulas

Respeita as diferenças sociais do aluno	100	39,52%
Faz a turma ler e interpretar diferentes tipos de gêneros textuais	153	60,47%

3.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS: REDAÇÕES DOS 253 ALUNOS

Como a pesquisa tem por objetivo principal perceber a influência de variantes extralinguísticas nas redações dos alunos, esta tabela tem uma importância primordial no estudo, pois será aqui exposto o número de variantes linguísticas encontradas nos textos, para depois ser feito uma análise conjunta com as extralinguísticas e justificadas ou não sua presença ou ausência. Dessa forma, percebe-se que os alunos escrevem mais com sujeito posposto ao verbo, que a distância entre o núcleo do sujeito e o verbo aparece em duas sílabas em 63% dos alunos, estes deixam de colocar a marca de número no último elemento mais vezes, a animacidade (+ animado) (+ humano) também aparece mais com 60% dos casos. A metade dos alunos escrevem dando tonicidade a vogal acentuada vai\vão, e a maioria deles escrevem no tempo presente.

Tabela 4. Prevalência das variantes linguísticas avaliadas no estudo: 253 alunos

Variante	N (%)
1- Posição do sujeito em relação ao verbo	
Sujeito anteposto ao verbo	86 (34%)
Sujeito posposto ao verbo	167 (66%)
2- Distância entre o núcleo do sujeito e o verbo	
Zero sílaba	38 (15,03%)
Uma sílaba	85 (33,59%)

Duas sílabas	130 (51,38%)
--------------	--------------

3- Paralelismo Nível clausal

Marca de plural no último elemento	58 (22,93%)
Ausência de marca de plural o último elemento	195 (77,07,%)

4- Animacidade

(+ animado) (+ humano)	125 (49,40%)
(- animado) (+ concreto)	24 (9,5%)
(- animado) (- concreto)	104 (41,10%)

5- Saliência Fônico gráfica

Nasalização da vogal acentuada	127 (50%)
--------------------------------	-----------

6- Modo tempo verbal

Presente do indicativo	123 (48,61%)
Pretérito perfeito do indicativo	33 (13,06%)
Futuro do presente	97 (38,33%)

3.5 ANÁLISE CONJUNTA (BIVARIADA) DAS INFLUÊNCIAS EXTRALINGUÍSTICAS NAS VARIANTES LINGUÍSTICAS ESTUDADAS

De acordo com os resultados das variantes linguísticas estudadas podemos montar um quadro para explicar a presença extralinguística na concordância verbal escrita nos textos dos alunos investigados, podendo ser justificativa ou não para o uso desta ou daquela variante. Percebeu-se um número considerável de fatores extralinguísticos para o p-valor do teste de significância individual das 14 variantes estudadas, mas muitas destas variantes que apareceram nos textos dos alunos não tiveram influências e nem relação com fatores extralinguísticos,(questionário sócio-cultural) para justificar seu uso ou não, onde o p-valor do teste não foi significativo. Assim temos:

Quadro 07: Presença extralinguística nas variantes linguísticas

Variante estudada	Número de casos	Presença extralinguística
1- Posição do sujeito em relação ao verbo		
Sujeito anteposto ao verbo	86	00
Sujeito posposto ao verbo	197	00

2- Distância entre o núcleo do sujeito e o verbo Zero sílaba Uma sílaba Duas sílabas	38 85 130	00 00 Série do aluno
3- Paralelismo Nível clausal Marca de plural no último elemento Ausência de marca de plural o último elemento	58 195	00 Série e trabalho
4- Animacidade (+ animado) (+ humano) (- animado) (+ concreto) (- animado) (- concreto)	125 24 104	00 00 Local onde estudou e escolaridade da mãe
5- Saliência Fônico gráfica Nasalização da vogal acentuada	127	Sexo, idade, série, regime escolar, trabalha, renda familiar, escreve texto uma vez por semana, escolaridade do pai
6- Modo tempo verbal Presente do indicativo Pretérito perfeito do indicativo Futuro do presente	123 33 97	Sexo, regime escolar, onde estudou 00 00

Percebe-se que das 14 variantes apresentadas apenas 5 tiveram influência extralinguística significativa no estudo. Na variante distância entre o núcleo do sujeito e o verbo em duas sílabas o único fator significativo extralinguístico foi a série do aluno; na variante ausência de marca de plural no último elemento o fator significativo foi a série do aluno e aquele aluno que trabalha; na variante (- animado – concreto) o fator significante foi o local onde o aluno estudou e a escolaridade da mãe; na variante nasalização da vogal acentuada: vai/vão os fatores significantes foram sexo, idade, série, regime escolar, o aluno que trabalha, e a renda familiar, e o aluno que escreve texto uma vez por semana, e a escolaridade do pai e na variante modo tempo verbal o fator significante apareceu apenas no tempo presente do indicativo e foram o sexo, regime escolar e onde o aluno estudou os fatores extralinguísticos que apareceram.

Nove das variantes linguísticas estudadas não apresentaram fator significativo, que foram as variantes posição do sujeito posposto e anteposto ao verbo; distância entre o núcleo do sujeito e o verbo em zero e uma sílaba; paralelismo nível clausal com plural no último elemento; a animacidade (+animado + humano) e (-animado + concreto), e o modo tempo verbal nos tempos pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente.

Ficou evidente nessa análise bivariada que não são os fatores extralinguísticos que influem na presença de variantes linguísticas escritas pelos alunos. Ficou definido na fala dos professores entrevistados que a base de suas aulas estão na gramática normativa, mesmo quando os alunos trazem expressões e culturas próprias de sua região. O professor acaba levando o aluno a aprender e a memorizar as regras de concordância para utilizar nas situações que for necessário. Principalmente por serem (alunos) cobrados pela sociedade a terem uma linguagem mais formal sem variantes presentes, principalmente em suas escritas. Para os professores os alunos escrevem com variantes por não estarem internalizando a gramática normativa e não por terem influências externas a eles.

Se não são esses fatores externos os responsáveis pelo aparecimento de tantas variantes, qual seria o fator responsável? Analizaremos agora apenas 10 redações e 10 questionários retirados desse amostra de 253, os quais aparecem no apêndice. Serão 2 alunos do 3º ano, 4 alunos do 2º ano e 4 alunos do 1º ano do ensino médio regular e semi-integral.

3.6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS VARIANTES INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS: QUESTIONÁRIO DOS 10 ALUNOS

Com o objetivo de coletar dados específicos, o questionário observa as questões sócias culturais presentes nas respostas dos alunos, que possam influenciar nas variantes linguísticas encontradas ou não nos textos argumentativos produzidos pela amostra investigada. O questionário completo encontra-se no apêndice.

Como já foi mencionado antes por Almeida (2010) estudar as variantes extralinguísticas é observar a influência do grupo sócio cultural sobre a aprendizagem, e formar um perfil dos informantes por meio das variáveis.

Para análise dos dados foi construído um banco de dados no programa EPINFO 2000 o quando foi exportado para o software SPSS onde foi realizada a análise. Para avaliar o perfil pessoal, profissional, escolar, social e de atividades do aluno foram calculadas as frequências percentuais e construídas as respectivas distribuições de frequências. Ainda, foram calculadas a prevalências das variantes dos alunos através da aplicação de um texto dissertativo. Na comparação das proporções encontradas foi aplicado o teste Qui-quadrado para comparação de proporção. Para avaliar os fatores que influenciam na ocorrência das variantes foram construídas as tabelas de contingencia e aplicado o teste Qui-quadrado para

independência. Todas as conclusões da análise foram tiradas considerando o nível de significância de 5%.

Na tabela 5 veremos a distribuição do perfil pessoal dos alunos avaliados. Através dela verifica-se que a maioria dos alunos é do sexo feminino, possuem idade menor que 18 anos, são do 1º ou 2º ano, moram na zona rural, são solteiros, são da cor branca, moram com os pais e irmãos e tanto o pai como a mãe estudaram até o ensino fundamental completo/incompleto.

Tabela 5 - Distribuição do perfil pessoal dos alunos avaliados: 10 alunos

Fator avaliado	N	%	p-valor¹
Sexo			
Masculino	4	40,0	0,527
Feminino	6	60,0	
Idade			
Menos de 18	7	70,0	0,206
18 ou mais	3	30,0	
Mínimo	15		-
Máximo	21		-
Média±Desvio padrão	17,4±2,1		-
Série			
1º ano	4	40,0	-
2º ano	4	40,0	
3º ano	2	20,0	
Regime escolar			
Semi-integral	5	50,0	1,000
Noturno	5	50,0	
Onde mora			
Zona rural	6	60,0	0,527
Zona urbana	4	40,0	
Estado civil			
Solteiro	9	90,0	0,011
Casado	1	10,0	
Cor			
Branca	8	80,0	0,058
Parda	2	20,0	
Moro			
Meus pais	2	20,0	-
Marido ou esposa nas casas do pai	1	10,0	
Pais e irmãos	7	70,0	
Escolaridade do pai			
Fundamental	9	90,0	0,011
Médio	1	10,0	
Escolaridade da mãe			

Fundamental	9	90,0	0,011
Médio	1	10,0	

Na tabela 6 temos a distribuição do perfil profissional dos alunos avaliados. Através dele verifica-se que a maioria dos alunos não trabalha apenas um dia na semana, metade dos alunos trabalham todos os dias da semana. Dos alunos que trabalham (3 casos) fazem uma carga horária diária de seis horas e (6 casos) apresentam uma renda familiar de um salário mínimo.

Tabela 6 - Distribuição do perfil profissional dos alunos avaliados: 10 alunos

Fator avaliado	N	%	p-valor ¹
Trabalha um dia por semana			
Sim	1	10,0	0,011
Não	9	90,0	
Trabalha todos os dias			
Sim	5	50,0	1,000
Não	5	50,0	
Hora de trabalho			
Quatro horas	1	16,7	-
Seis horas	3	50,0	
Oito horas	2	33,3	
Qual a renda familiar mensal			
Menos de um salário mínimo	2	20,0	-
Um salário mínimo	6	60,0	
De um a cinco salários mínimos	2	20,0	

Na tabela 7 temos a distribuição do perfil escolar dos alunos avaliados. Através dela verifica-se que todos os alunos avaliados sempre estudou em escola pública, já repetiu de ano, nunca parou de estudar, uma vez por mês escreve texto nas aulas de língua portuguesa e, além disso, estuda mais pelo livro e gramática durante esta aula (4 casos) e afirmam que o professor faz a turma ler e interpretar diferentes tipos de gêneros textuais (6 casos).

Tabela 7 - Distribuição do perfil escolar dos alunos avaliados: 10 alunos

Fator avaliado	n	%	p-valor ¹
Onde estudo			
Sempre na escola pública	10	100,0	-

Já repetiu o ano				
Sim	7	70,0	0,206	
Não	3	30,0		
Já parou de estudar				
Sim	1	10,0	0,011	
Não	9	90,0		
Nas aulas de língua portuguesa você normalmente escreve texto com que frequência				
Todas as aulas	1	10,0	-	
Uma vez por semana	4	40,0		
Uma vez por mês	5	50,0		
Nas aulas de língua portuguesa você normalmente				
Estuda com o livro	4	40,0	-	
Interpreta textos diferentes do livro	2	20,0		
Estuda a gramática	4	40,0		
Você observa o seu professor de língua portuguesa durante as aulas				
Respeita as diferenças sociais e regionais do aluno	4	40,0	0,527	
Faz a turma ler e interpretar diferentes tipos de gêneros textuais	6	60,0		

3.7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS VARIANTES LINGÜÍSTICAS: REDAÇÕES DOS 10 ALUNOS

As variabilidades na escrita foram analisadas através de estudos das variantes da concordância verbal em textos argumentativos, e como afirma Almeida (2010) “a variação na escrita é passível de sistematização, havendo a possibilidade de definir as regras que determinam a escolha do usuário por uma determinada forma e não outra” (p.50).

Na tabela 8 temos a prevalência das variantes avaliados no estudo. Através dela verifica-se que no grupo relacionado à posição do sujeito em relação ao verbo a variante mais prevalente é o sujeito anteposto ao verbo, seguido de sujeito posposto ao verbo. Quanto a distancia entre o núcleo do sujeito e o verbo, o mais presente entre os alunos foi zero sílaba e uma sílaba. Já no paralelismo ao nível clausal, temos que nove dos alunos escrevem com marca de plural no último elemento do sujeito em certas partes do texto e também com ausência de marca de plural no último elemento do sujeito em outras partes do texto.

Em relação à animacidade, a mais prevalente foi a (+ animado) (+ humano) com cinco alunos e (- animado) (- concreto) com quatro alunos. Já na Saliência fônico no que se refere à grafia, a prevalência da nasalização da vogal acentuada foi de três alunos. No modo tempo verbal o mais utilizado foi o presente do indicativo e o futuro do presente cinco alunos. O pretérito perfeito do indicativo apareceu em três alunos.

Tabela 08- Prevalência das variantes avaliadas no estudo: 10 alunos

Variante	n(%)
1 - Posição do sujeito em relação ao verbo	
Sujeito anteposto ao verbo	8(80,0%)
Sujeito posposto ao verbo	6(6,0%)
2-Distância entre o núcleo do sujeito e o verbo	
Zero sílaba	9(90,0%)
Uma sílaba	7(70,0%)
Duas sílabas	2(20,0%)
3-Paralelismo nível – clausal	
Marca de plural no último elemento do sujeito	9(90,0%)
Ausência de marca de plural no último elemento do sujeito	9(90,0)
4 – Animacidade	
(+animado) (+ humano)	5(50,0%)
(- animado) (+ concreto)	2(20,0%)
(- animado) (- concreto)	4(40,0%)
5 - Saliência fônico – gráfica	
Nasalização da vogal acentuada (vai/vão)	3(30,0%)
6 - Modo tempo verbal	
Presente do indicativo	10(100,0%)
Pretérito perfeito do indicativo	3(30,0%)
Futuro do presente	10(100,0%)

3.8 ANÁLISE BIVARIADA E MULTIVARIADA DAS VARIANTES EXTRALINGUÍSTICAS E LINGUÍSTICAS (MODELO LOGÍSTICO)

Análise conclusiva sobre o p-valor do teste de significância individual dos fatores avaliados para a ocorrência da variante estudada. Através dela verifica-se que das variantes avaliadas apenas nas variantes linguísticas (distância entre o núcleo do sujeito e o verbo/duas sílabas) e (Saliência fônico – gráfica/Nasalização da vogal acentuada) foram influenciadas por fatores avaliados no estudo. Para as demais variantes o teste de independência não foi significativo em nenhum dos fatores avaliados, indicando que o perfil pessoal dos alunos, perfil escolar e características da aula de português não são determinantes para ocorrência das mesmas.

Na variante linguística (distância entre o núcleo do sujeito e o verbo/duas sílabas) a série do aluno foi o único fator significativo e a maior prevalência desta variante foi encontrada na turma de 3º ano, os dois alunos investigados apresentaram essa variante.

Na variante linguística (Saliência fônico – gráfica/Nasalização da vogal acentuada) a frequência da escrita de textos durante a aula de português foi o único fator que apresentou influencia significativa na ocorrência desta variante e os alunos que fazem a escrita de texto uma vez por semana foram os que apresentaram maior prevalência, em sete alunos apareceu esta variante, distribuídos nos 1º, 2º e 3º anos.

Tabela 9 - Distribuição da variante extralinguística segundo o ano de estudo do aluno participante

Série		
	Sim	Não
1º ano	0(0,0%)	4(100,0%)
2º ano	0(0,0%)	4(100,0%)
3º ano	2(100,0%)	0(0,0%)

Tabela 10- Distribuição da variante linguística segundo a frequência com que o aluno escreve textos na aula de língua portuguesa

Frequência		
	Sim	Não
Todas as aulas	0(0,0%)	1(100,0%)
Uma vez por semana	3(75,0%)	1(25,0%)
Uma vez por mês	0(0,0%)	5(100,0%)

3.9 ANÁLISE CONJUNTA DOS DADOS QUALITATIVOS E QUANTITATIVOS

Os dados mostraram que os cinco dos professores entrevistados acreditam em aulas baseadas em gramáticas normativas, cuja unidade linguística é a norma culta da língua. Mesmo aqueles que defenderam aulas mais contextualizadas baseadas em diferentes gêneros, no fim concordaram que só com a sistematização das aulas em regras sólidas e organizadas é que o aluno será apto a escrever como mandam as exigências sociais, pois sem essa base o aluno acaba cometendo deslizes na língua, e fugindo do padrão cobrado.

Percebeu-se que os professores por mais linguistas que queiram ser acabam organizando a sua prática tendo por base as aulas tradicionais gramatiquieras, pois acreditam que o aluno precisa de uma referência para se basear ao escrever. Os resultados quantitativos desmistificaram a ideia de que a influência extralinguística era a causadora do uso das variantes pelos estudantes, observou-se que tanto na análise das 253 redações juntamente com o questionário, como as 10 redações e os 10 questionários a nível de comprovação do estudo, o número de variantes extralinguísticas que influem as variantes linguísticas são menores. Nessa última análise apenas duas variantes influenciaram o seu uso, sendo assim só com a prática e a sistematização do conteúdo é que o estudante poderá escrever com uma variante linguística ou com outra, e não por causa das variantes extralinguísticas influenciadoras.

Com base nos dados quantitativos, concluímos que independentemente de aulas baseadas em gramáticas normativas ou gramáticas pragmáticas, apenas duas variantes estudadas, que foram: 1 (posição do sujeito em relação ao verbo) 2 (distância entre o núcleo do sujeito e o verbo) 3 (paralelismo nível clausal) 4 (animacidade) 5 (saliência fônico gráfica) e 6 (modo tempo verbal) têm influencia extralinguística, isto é, a distância entre o núcleo do sujeito e o verbo em duas sílabas tem influência extralinguística da série (3º ano) com ocorrência nos dois alunos. Isto quer dizer que os alunos que já estão terminando o ensino médio conseguem interagir com essa variante onde o sintagma nominal (sujeito) fica mais distante do verbo em duas sílabas, como por exemplo, na frase retirada em um dos textos “Os estados *que se* destacam”. E a outra variante foi à saliência fônico-gráfica que tem influência extralinguística da frequência da escrita de textos nas aulas de português, uma vez por semana, com ocorrência em sete alunos. Agora os alunos que escrevem mais textos por semana apresentam maior chance de cometer a troca fônica gráfica (vai/vão), como no exemplo “Os nordestinos quando vai/vão falar”.

Se nos reportarmos aos 253 alunos pesquisados podemos afirmar que de acordo com os dados quantitativos encontrados e analisados, os alunos escrevem com variantes não por causa das influências extralinguísticas, mas pelo caminhar dos resultados esses alunos estão confirmando as respostas dadas pelos professores, quando afirmam que só baseados em regras da gramática normativa conseguirão diminuir as variantes. E que as influências nada conseguirão afetar a fala e a escrita quando as regras forem fixadas, apenas os alunos conseguirão adaptar-se ao uso de diferentes variantes e isso se dará de forma consciente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este último capítulo será de considerações que objetivam focalizar os principais tópicos do desenvolvimento desta pesquisa, fazendo assim um retrocesso nos objetivos específicos, e na questão de partida encontrados na introdução deste trabalho. Em seguida, tranço comentários a respeito dos resultados obtidos quando da utilização dos instrumentos de coleta de dados, que foram à entrevista, o questionário e a redação argumentativa. Passo então para uma reflexão relacionada à possível contribuição que este estudo poderá trazer-me no aspecto pessoal e profissional. Por fim buscarei possíveis brechas que esta pesquisa não coligou condições de completar e que poderão no futuro, ser estudadas por outros pesquisadores e servir como objeto de estudo para novas pesquisas.

Os objetivos que nortearam este estudo foram: a) Explicar a relação entre a língua e o contexto cultural em que ela está inserida; b) Perceber a presença de diferentes variantes linguísticas na concordância verbal; c) Determinar quais contextos extralinguísticos exerce influência na escrita dos textos dissertativos dos alunos; d) Entender pela linguagem dos professores de que forma acontece o ensino de língua portuguesa. Diante destes objetivos surgiu o seguinte questionamento: “Quais variantes sociais extralinguísticas determinam o aparecimento de variantes linguísticas nos textos dos alunos”?

Com base nos resultados obtidos nas respostas dadas pelos alunos no questionário sócio cultural não existe relevância das variantes extralinguísticas serem responsáveis pelo grande número de variantes linguísticas encontradas na concordância verbal dos textos argumentativos dos alunos. Isto é, não houve um resultado significativo para a presença ou ausência de variantes serem justificadas pela vida social do aluno, pelo sexo, idade ou série ou mesmo por suas opiniões a respeito dos professores e suas aulas de língua portuguesa.

Percebeu-se dessa forma que as influências sociais não são o fator determinante para o aluno escrever com ou sem variantes, e que para o professor as aulas de língua portuguesa são o marco dessa postura, onde escrever textos, ler e fazer compreensões em sala é que são responsáveis para o aparecimento das variantes ou não.

De acordo com Marcuschi (2003, p.19) a escrita permeia todos os campos sociais dos povos existindo muitas formas juntamente com o letramento, inclusive o social que surgem à margem da escola, e isso precisa ser interpretado por ela,

Em cada um desses contextos, as ênfases e os objetivos do uso da escrita são variados e diversos. Inevitáveis relações entre escrita e contexto devem existir,

fazendo surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas.

O autor afirma que quando os alunos usam variantes em seus textos está fazendo o real acontecer, e mesmo que os professores não consigam justificar, ou mesmo justifiquem a língua está em movimento, e acima de tudo está sendo experimentada em diversos contextos e por diferentes pessoas que usam e abusam do meio social para se expressar.

No percurso teórico da pesquisa foi falado sobre as questões culturais como pressuposto simbólico para a escola e referência para o aluno, para que este não fique solto deixando a escrita sem uma base norteadora. Marcuschi (2003) indaga sobre isso afirmando que “da fala para a escrita são atividades conscientes que seguem os mais variados tipos de estratégias” (p.55). Os professores investigados nesse estudo compreendem que é a norma padrão a estratégia linguística mais apropriada para o aluno escrever. Percebe-se agora que esses símbolos realmente fazem diferença para o aluno enquanto questionado na sua relação com o professor e com a aprendizagem, onde a base tradicional se sobressai as nuances sociais e pragmáticas do estudo de língua portuguesa. Os resultados recolhidos dos textos dos alunos foram trançados com as suas respostas no questionário, e isso foi claramente concluído que o meio social e a cultura individual não é fator determinante para o uso desta ou daquela variante. Mas que aparecem muitas variantes nos textos dos alunos, porém não justificadas pela presença extralinguística da cultura do aluno. Esse resultado não é suficientemente determinante para afirmar que as variantes extralinguísticas interferem na escrita dos alunos, mas que a presença do social aparece em suas escritas pelo fato dos alunos estarem incluídos no imput cultural onde a gramática ensinada na escola passa longe desse universo, não está adaptada a essas mudanças e a essas diferenças, pois acaba sendo engessada, servindo de base comum para diferentes povos de diferentes contextos sociais e culturais.

Ficou evidente a conduta dos professores diante dessa realidade, suas respostas confirmam o resultado obtido através do questionário e da proposta de redação feita com os alunos. Para eles a gramática normativa é o condutor mestre na hora de preparar as suas aulas de língua portuguesa, sendo assim as questões sociais por mais trabalhadas que sejam em sala de aula acabam perdendo terreno para as regras gramatigueiras, defendidas por todos os professores de língua portuguesa.

É claro que essa realidade não se aplica a todos os povos, mas de uma maneira particular ao Brasil, por ser um dos centros de estudos sobre variantes linguísticas mais importantes do mundo, por ter um território vasto e diversificado, onde a linguagem muda totalmente de um estado para outro.

Foi importante perceber as respostas dos professores na entrevista, para fazer um apanhado de como são as aulas de língua portuguesa que os alunos investigados frequentam e de que forma o professor está percebendo essas variantes e como está adaptando-as ao contexto formal da vida diária dos alunos, já que a maioria deles reside em uma zona rural., sem fazer discriminação ou ter preconceitos.

Dessa forma as respostas dos alunos aos questionamentos feitos na pesquisa confirmaram esse posicionamento encontrado nas respostas dos professores. Por mais linguistas que esses tentam ser, não conseguem admitir as variantes encontradas na escrita dos textos de seus alunos, pois para eles a base comum deve ser priorizada, e caso isso não ocorra o aluno está cometendo erro gravíssimo de concordância verbal, postura essa defendida pelos gramáticos tradicionalistas que ao contrário dos linguistas admitem variantes entendendo que a fala, e até mesmo a escrita podem ser adaptadas as diferentes situações de uso, principalmente se for levado em consideração o uso próprio da escrita feita nas redes sociais, fator este atual e vivido por todas as regiões e povos.

Não se pode deixar de levar em consideração a presença extralinguística na hora que o aluno escreve um texto, sua idade, sua escolaridade e até o seu status social acabam influenciando na sua prática na escola e em sua vida social, até mesmo em sua fala. Dessa forma fica de responsabilidade do professor perceber essas influências e adaptá-las ao processo de ensino e de aprendizagem, já que os resultados apontaram para um caminho norteador de gramática normativa. Os professores entendem que só através do ensino da gramática pura e de suas regras é que o aluno saberá entender o uso das diversas variantes e saberá então adaptá-las em diferentes situações. E não o contrário, entender e aceitar as variantes para adaptá-las ao contexto culto da escrita e da fala.

Numa perspectiva pedagógica, fica evidente que as aulas desses professores analisados não estão levando em conta os processos culturais vividos pelos alunos na escola, em casa, e na comunidade em busca de uma democratização que respeite o simbólico e as tradições que a escola deve seguir ao ensinar uma base comum. Os professores estão ignorando as variantes presentes nos textos dos alunos para tão somente passarem regras, que se decoradas serão usadas, mas se não compreendidas serão atropeladas pelas variantes que devem ser adaptadas.

Os resultados desta pesquisa mostraram que os professores não reconhecem e não admitem as variantes faladas e escritas pelos alunos, e acabam discriminando-os e marginalizando-os, pois ficou claro que estes alunos escrevem com um número enorme de

variantes, mas pela opinião dos seus professores recolhidas na entrevista, estes alunos devem simplesmente memorizar regras e aplicar em seus textos. Foi descaracterizado o indício de que os alunos escrevem “errado” com uso abusivo de variantes na concordância verbal porque tem influencia extralinguística, mas assim o fazem, segundo as respostas dos professores porque não dominam a gramática normativa e não memorizam as suas regras para poder usá-las. Os professores admitem a presença e a influência do meio social na escrita do aluno, mas não aceitam que essa influência seja determinante para que este aluno não domine a norma considerada padrão pela sociedade. Assim o resultado mostrou que os professores preferem aulas baseadas em regras gramatigueiras, que se o aluno fugir do padrão estará incorrendo erro gravíssimo, e que a presença de variantes no texto destes alunos significa falta de memorizar regras.

A relevância deste estudo está em trazer a tona os questionamentos acerca do pedagógico e da língua escrita pelos alunos em uma corrente cultural. Para mim foi de suma importância pesquisar sobre essas questões, percebendo que os professores de língua portuguesa na escola pesquisada não estão voltando a sua prática para um ensino real da língua, mas camuflam a realidade com conceitos e símbolos, principalmente quando as variantes aparecem. É como se as regras memorizadas fossem substituir a cultura e o social inculcado na fala e na escrita dos estudantes.

Apesar disso não podemos esquecer que há um grupo de alunos que estão sendo influenciados diretamente pelas variantes extralinguísticas expostas, e que pela falta de sensibilidade do professor poderão fracassar em suas vidas futuras, pelo fato de não terem sido adaptados a contextos diversos, apenas guiados ao comum padrão seguido pela sociedade.

Cabe, então, levantar alguns questionamentos que podem transformar-se em objeto de futuras investigações:

- 1) Se não houve relevância das variantes extralinguísticas nos textos dos alunos, então qual fator está influenciando o uso de variantes na escrita?
- 2) O professor tem a gramática normativa como base para as suas aulas defendendo sempre os símbolos que sustentam a sociedade. Dessa forma como fica então a questão da democratização da escola levando em consideração as correntes culturais trazidos pelos alunos de suas comunidades?
- 3) Será que existe uma valorização da escrita na vida diária dos alunos (trabalho, família, atividade esportiva, dia-a-dia?)

Sendo assim, será nossa intenção estudar os alunos que escrevem com variantes linguísticas diversas e encontrar subsídios pedagógicos para adaptar estes ao meio social sem os frustrar e dando-lhes o direito de ter também acesso a uma variante de língua padrão exigida pela sociedade.

Encerro, portanto, com o pensamento de Bagno (2007, p.10) onde afirma que

A língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio / língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó / gramática normativa envelhece e só renovará quando vier a próxima cheia.

O autor afirma em seu livro *Preconceito Linguístico* que temos que fazer um grande esforço para não cometer os erros de muitos gramáticos tradicionalistas de estudar a língua como se fosse uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam.

5 REFERÊNCIAS

AIO, Michele de Abreu. **A tradução literária entre o português europeu e o português brasileiro**: relação entre a língua e cultura, Portugal, 2010. Disponível em: <http://hdl.Handle.net/104737/2161>. Acesso em 08 de Março de 2013.

ALMEIDA, Evanilda Marins. **Uso e Norma**: Variação da concordância verbal em redações escolares. 2010. 1 v. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, rio de janeiro.

AMARAL, Emília. Et al. **Novas palavras**: Nova edição. – São Paulo: FTD, 2010.

AMORIM, Fabrício da Silva. **Sociolinguística e gramaticalização**: Algumas convergências teóricas. Mestrado em língua e cultura – UFBA. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/47/08.pdf>. Acesso em 05 set.2012.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARAES, Célia Regina. **A noção de gênero discursivo n ensino de língua portuguesa**. 2007. (Mestrado em educação) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.Teses.USP.Br/teses/disponíveis/8/8142/tde-11122007-092357/pt-br.php>. Acesso em 08 de fevereiro de 2013.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?**: um convite à pesquisa – 4º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 48º e 49º ed. São Paulo: edições Loyola, 2007.

_____. **Norma Lingüística**. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhalovich. **Bakhtin: Conceitos – Chave** / Beth Brait (org) 5º ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Bakhtin e o círculo** / Beth Brait (org) São Paulo: Contexto, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BERNSTEIN, Basil. **Comunicação verbal e socialização**. In. COHN, Gabriel (org). Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Nacional, 1971, p.83.

BORTONI – RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo:Parábola Editorial, 2004.

BURKE, Peter. **Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução Cristina Yamagami. São Paulo: editora UNESP, 2010.

Márcione Teles de Melo Barros – Cultura: Variedades da Língua na Concordância Verbal e Intervenção Pedagógica.

Brasil. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Rio de Janeiro: 2002

BRONCKART, Jean - Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 2003.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo. Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CAMPOS, Elizabeth. Et al. **Viva português: Ensino Médio**. São Paulo: Ática, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. **A nova gramática do português brasileiro**. Revista Philologus, Ano 16, nº 47. Rio de Janeiro: CIEFIL, maio/ago.2010.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens**. Volume 3. 5º ed. São Paulo: Atual, 2005.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. 4º ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

COELHO, Adriana Lopes Rodrigues. (2011). **A ordem dos clíticos pronominais: Uma análise sociolinguística da escrita escolar do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dissertação de mestrado).

DAROS, Sônia Cristina Ravanelli. **Oralidade: uma perspectiva de ensino**. São Paulo, 2006. Disponível em: [http://anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/monografias-dissertacoes - e - teses/](http://anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/monografias-dissertacoes-e-teses/) Acesso em 30 de janeiro de 2013.

DULTRA, Daniel Saulo Ramos. **Dissertação Sociológica a respeito dos padrões culturais**. Universo jurídico, Juiz de Fora, ano XI, 08 de Outubro de 2007. Disponível em: <http://uj.noveprolink.com.br/doutrina/4354/dissertacao> - Sociológica - a - respeito - dos - padrões - culturais. Acesso em 30 de Janeiro de 2013.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1990.

FIELDING, N. & M. SCHREIER (2001), “ **Introduction: On the compatibility between qualitative and quantitative research methods**”, in Fórum qualitative Sozialforschung / forum: qualitative social research (revista on – line), 2:1 (54 parágrafos). Disponível em: [http://qualitative – research. Net /fqs – eng.htm](http://qualitative-research.Net/fqs-eng.htm). Acesso em: 19 de Março de 2013.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record.2000.

GOMES, Luiza Costa. “ **Ceci n’ est pás une pomme**” ou “ Sobretudo insucessos na busca de uma língua perfeita”. Revista de Humanidades e Tecnologias. Nº 03, p.2000. Disponível em:<http://hdl.handle.net/10437/2392>. Acesso em: 10 de Março de 2013.

Márcione Teles de Melo Barros – Cultura: Variedades da Língua na Concordância Verbal e Intervenção Pedagógica.

HERMANN, Nadja. **Diferença, cultura e educação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **Ética e estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola editorial, 2008.

LAVILLE Christian e DIONNE Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settinieri – Porto Alegre: Artmed, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 8º ed. São Paulo: Cortês, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. **Oralidade, escrita e papéis sociais na infância**. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 2008.

MIGNOLO, Walter.D. **Histórias locais / Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento laminar. Belo Horizonte: ed.UFMG, 2003. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08> - publicações - . Acesso em 15 de Setembro de 2012.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4º ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

MONTEIRO, J.L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: vozes, 2000.

NICOLA, José de. Português: **ensino médio**. Volume 3 – São Paulo: Scipione, 2005.

OELSNER, Miriam Bettina Paulina. **A linguagem como instrumento de dominação**, 2002, Dissertação de mestrado (pós – graduação em educação) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2002. disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde - 21032005 - 124844/ pt - br.php>

OLIVEIRA, Rui de. **Neurolinguística e o aprendizado da linguagem**. Catanduva, SP: Editora Respel, 2000.

PEREIRA, A. **Guia prático de utilização do SPSS**: Análise de dados para ciências sociais e psicologia. Lisboa: Silabo, 2006.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificacion social**. Universidad Javeriana – Instituto Pensar / Universidad Central – IESCO / siglo del Hombre Editores: Bogotá, 2007.

Márcione Teles de Melo Barros – Cultura: Variedades da Língua na Concordância Verbal e Intervenção Pedagógica.

REIS, Paula et al. **A sociolinguística e o ensino da língua materna**. Curitiba, 2011. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/cd_2011/pdf/5424-3186.PDF. Acesso em: 08/05/2013

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica**. Ed. São Paulo: Atlas, 1985.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática: Teoria e Prática – NGTP**. 18. ed. Reform. E atual – São Paulo: Atual, 1994.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Variação e mudança linguística: Panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2011v8n2p187>. Acesso em: 14/05/2013

SANTOS, Fabrício Fernando Foganhole dos. **Características da cultura organizacional sob a óptica da cultura nacional: estudo etnográfico no Banco do Brasil**, 2006 (Dissertação de Mestrado) Faculdade de economia, administração e contabilidade, 2006. Disponível em: <http://teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde - 06062008 - 1736/pt - br.php>

SANTOS, Renata Livia de Araújo. **Concordância verbal e suas variáveis**. Maceió, 2011. Disponível em: <http://200.17.141.110/periódicos/interdisciplinar/revistas/ARQ-INTER-14/INTER-14-09.pdf>. Acesso em: 23/07/2013

SARMENTO, Leila Lauar. TUFANO, Douglas. **Português: Literatura, gramática, produção de texto**. 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 34º ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SENA, Odenildo. **Palavra, Poder e Ensino da Língua**. Manaus: Valer, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula**. 8º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVINO, Fernanda Cristina Soares. **Juventude e Escola: reflexões dos jovens em torno da relação professor / aluno**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós- Graduação em Educação e cultura, Movimentos Sociais e Ações coletivas. Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SOUZA, Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo. **Cultura de aprender: investigando as crenças e as ações dos alunos de língua italiana**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2012. Disponível em: <http://www.ppglinc.letas.ufba.br/pt-br/dissertações>. Acesso em: 02 de agosto de 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 4º ed. São Paulo: Ática, 1994.

VITOR, Maria Luiza Rodrigues. **O ensino – aprendizagem de língua portuguesa num recanto Amazônico: competências em construção**, 2003. Dissertação de Mestrado (Pós – graduação em educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2003. Disponível em: <http://www.latec.ufrj.br/monografias/2003-Maria-Luiza-Vitor>. Pdf. Acesso em 20 de Outubro de 2012.

Márcione Teles de Melo Barros – Cultura: Variedades da Língua na Concordância Verbal e Intervenção Pedagógica.

WILLIAMS, Raimund. **O campo e a Cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. **Cultura e Sociedade:** De Coleridge a Orwell. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

APÊNDICE A - Guião de questionário: alunos

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Márcione Teles de Melo Barros
e-mail: marcione-teles@hotmail.com

QUESTIONÁRIO SÓCIO CULTURAL PARA OS ALUNOS

Prezado aluno:

Este questionário tem o objetivo de recolher informação de dados pessoais e as representações dos sujeitos sobre aspectos sócio culturais de suas vidas diárias no convívio familiar e escolar, como alunos do ensino médio de uma escola do interior do estado de Pernambuco. Ressalta-se que será assegurado o anonimato dos respondentes e que, as informações fornecidas, serão usadas exclusivamente para fins de estudo e pesquisa.

Agradeço desde já sua atenção e participação

1- Idade: _____ anos

2- Série que estuda:

() 1º ano semi-integral

() 1º ano noturno

() 2º ano semi-integral

() 2º ano noturno

() 3º ano semi-integral

() 3º ano noturno

3- Sexo:

() Masculino

() Feminino

4- Onde mora:

() Zona Rural

Cidade: _____ Estado: _____

Sítio: _____

() Zona Urbana

Cidade: _____ Estado: _____

Rua: _____ nº _____ Bairro: _____

5- Estado civil

() Solteiro

() Casado

6- Qual é a sua cor / raça?

() Preta

() Parda

() Branca

() Indígena

() Amarela

() Outra. Qual? _____

7- Moro com:

- | | |
|--|--|
| ☐ Meus pais | ☐ Pais e irmãos |
| ☐ Pais, irmãos e parentes | ☐ Parentes |
| ☐ Amigos | ☐ Namorado (a) |
| ☐ Marido ou esposa | ☐ Marido ou esposa e filhos |
| ☐ Marido ou esposa na casa dos pais | |
| ☐ Outros. Quem? _____ | |

8- Grau de escolaridade dos pais:

Pai:

- | | |
|--|--|
| ☐ Ensino Fundamental | ☐ Ensino Fundamental incompleto |
| ☐ Ensino Médio | ☐ Ensino Médio técnico |
| ☐ Ensino Médio incompleto | ☐ Ensino Superior incompleto |
| ☐ Ensino Superior | |
| ☐ Outro. Qual? _____ | |

Mãe:

- | | |
|--|--|
| ☐ Ensino fundamental | ☐ Ensino fundamental incompleto |
| ☐ Ensino Médio | ☐ Ensino Médio técnico |
| ☐ Ensino Médio incompleto | ☐ Ensino superior incompleto |
| ☐ Ensino Superior | |
| ☐ Outro. Qual? _____ | |

9 – Você trabalha? ☐ Sim ☐ Não

Se trabalha, quantos dias por semana você trabalha: _____

10-Quantas horas você trabalha por dia?

- ☐ Quatro horas
☐ Seis horas
☐ Oito horas
☐ Outro. Qual ? _____

11- Qual é a renda mensal de sua família?

- ☐ Menos de um salário mínimo
☐ De um a cinco salários mínimos
☐ Um salário mínimo
☐ Mais de cinco salários mínimos

12- Você estudou:

- ☐ Sempre na escola pública
☐ Alguns anos em escola particular. Quantos anos? _____

15- Você já repetiu o ano?

- ☐ Sim ☐ Não

16- Você já parou de estudar?

() Sim () Não

17- Nas aulas de língua portuguesa você normalmente escreve textos com que frequência?

() Todas as aulas

() Uma vez por semana

() Uma vez por mês

18- Nas aulas de língua portuguesa você normalmente:

() Estuda com o livro

() Interpreta textos diferentes do livro

() Estuda a gramática

19- Você observa se o seu professor (a) de língua portuguesa durante as aulas:

() Respeita as diferenças sociais e regionais do aluno

() Faz a turma ler e interpretar diferentes tipos de gêneros textuais (notícia, novela, conto, romance, entrevista... entre outros)

20- Das opções abaixo, assinale três de que você mais gosta em sua escola (em ordem de preferência: Assinale 1 para a que mais gosta e depois 2 e 3).

() 1- O ensino

() 8- As aulas

() 2- Os professores

() 9- As regras

() 3- O recreio

() 10 – A merenda

() 4- Os amigos

() 11- O espaço físico

() 5- educação Física

() 12- A diretoria

() 6- Laboratório

() 7- Biblioteca

21- Das opções abaixo, assinale três de que você menos gosta em sua escola (em ordem de preferência: Assinale 1 para a que mais gosta e depois 2 e 3).

() 1- O ensino

() 8- As aulas

() 2- Os professores

() 9- As regras

() 3- O recreio

() 10 – A merenda

() 4- Os amigos

() 11- O espaço físico

() 5- educação Física

() 12- A diretoria

() 6- Laboratório

() 13- Outra _____

() 7- Biblioteca

22- Com que frequência você vai a estes lugares?

Lugar	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Raramente	Não tenho interesse	Não tenho acesso
Teatro					
Cinema					
Shows					

Márcione Teles de Melo Barros – Cultura: Variedades da Língua na Concordância Verbal e Intervenção Pedagógica.

Lan house					
Estádio de Futebol					
Shopping					

23- Com que frequência você se dedica a essas atividades?

Atividades	Todo dia	De vez em quando	Não tem interesse	Não tem acesso
Estudar (Fora da escola)				
Ler revista ou jornal				
Ler algum livro				
Assistir à TV				
Jogar no computador ou usar a internet				
Ouvir rádio				
Tocar instrumentos ou cantar				
Praticar esportes				
Namorar				
Encontrar amigos (a)				
Ajudar em tarefas de casa				

APÊNDICE B – Guião de entrevista: professores

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Márcione Teles de Melo Barros
e-mail: marcione-teles@hotmail.com

GUIÃO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES

Prezado professor:

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo avaliar as contribuições das variabilidades presentes ou não na concordância verbal de textos argumentativos produzidos por alunos do ensino médio. Não há respostas corretas ou incorretas, no entanto, faz-se necessária franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo, serão utilizados pseudônimos das pessoas entrevistadas, e somente utilizados nesta pesquisa.

Agradeço desde já sua atenção e participação

Q1. Identificação do Entrevistado:

- Idade
- Gênero
- Tempo de formação
- Tempo de função

Q2. Conhecimento acerca da língua e da escrita:

- Nas frases em que popularmente se indica um sujeito plural e um verbo no singular considera-se erro lógico que tem a ver com o desenvolvimento intelectual de fala. O aluno está realmente faltando com a concordância? O pensamento popular pode ultrapassar essa formalidade lógica? A escola deve intervir sobre isto ou não?

Q3. Sociolinguística a serviço da educação:

- A sociolinguística contribui dando possibilidade a língua de ser um marco social nas comunidades. Mas a escola deve ajudar o aluno a conhecer e usar a norma culta da língua portuguesa de forma a acrescentá-la ao português que já possuía?

Q4. Contribuição da fala e da escrita nos estudos de língua portuguesa:

- Os alunos sabem falar e escrever a língua portuguesa, o que eles muitas vezes não sabem é aplicar regras gramaticais adequadamente. O que fazer sobre isto? Que gramática então ensinar?

Q5. Diferentes Variabilidades para diferentes gramáticas

- O professor que usa a gramática pragmática em suas aulas estará adaptando o seu aluno nas mais diferenciadas situações de uso da língua ou deve usar só a gramática normativa?

Q6. A gramática e a discriminação

- Como a gramática pode ser vista de maneira mais contextualizada e menos discriminadora?

Q7. Influência extralinguísticas na escrita

- Como as influências culturais e tradicionais se infiltram na escrita dos alunos? Quais outros aspectos devem ser tidos em consideração para domínio das variedades da língua incluindo a chamada norma culta?

Q8. Variabilidades da língua e poder

- Como fazer a harmonização entre a reflexão sobre a variedade linguística de origem do aluno e o necessário domínio da norma padrão como forma de participação e poder na sociedade atual?

Q9. Regras de concordância

- O sujeito posposto ao verbo favorece o cancelamento da marca de número no sintagma verbal? O que fazer para explicar esse fenômeno aos alunos? E como organizar as aulas levando essa característica em consideração?

Q10. Estratégias pedagógicas

- Que fazer para desenvolver nos alunos o interesse pelo melhor domínio da expressão verbal?
- A língua se torna indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. Que consequências tira daqui para a pedagogia? Como podem as classes desfavorecidas tomar mais poder, participar?
- Respeita as diferenças sociais e regionais do aluno? Como leva os alunos a dominarem a norma culta da língua?
- Faz a turma ler e interpretar diferentes tipos de gêneros textuais: notícia, novela, conto, romance, entrevista, texto argumentativo?

APÊNDICE C- Respostas dos professores

ENTREVISTAS

Q1. Identificação do Entrevistado: A

- Idade: 33 anos
- Gênero: feminino
- Tempo de formação: 13 anos
- Tempo de função: 16 anos

Q2. Conhecimento acerca da língua e da escrita:

- Nas frases em que popularmente se indica um sujeito plural e um verbo no singular considera-se erro lógico que tem a ver com o desenvolvimento intelectual de fala. O aluno está realmente faltando com a concordância? O pensamento popular pode ultrapassar essa formalidade lógica? A escola deve intervir sobre isto ou não?

Depende do contexto linguístico em que o mesmo está inserido. Se este aluno estiver numa situação informal, isso não importa. Então, a escola deve mostrar-lhe que, deve aprender as regras da gramática normativa para saber utilizar-se da língua culta em situação que exige uma certa formalidade.

Q3. Sociolinguística a serviço da educação:

- A sociolinguística contribui dando possibilidade a língua de ser um marco social nas comunidades. Mas a escola deve ajudar o aluno a conhecer e usar a norma culta da língua portuguesa de forma a acrescentá-la ao português que já possuía?

Sim, a língua portuguesa na escola deve ser trabalhada de forma que contribua para aumentar cada vez mais o vocabulário dos alunos, para que os mesmos possam e saibam se desenvolver nos diversos contextos linguísticos do cotidiano.

Q4. Contribuição da fala e da escrita nos estudos de língua portuguesa:

- Os alunos sabem falar e escrever a língua portuguesa, o que eles muitas vezes não sabem é aplicar regras gramaticais adequadamente. O que fazer sobre isto? Que gramática então ensinar?

Deve-se ensinar a gramática pragmática, pois os alunos estarão sendo realmente preparados para utilizar a língua portuguesa em suas diversas situações de uso.

Q5. Diferentes Variabilidades para diferentes gramáticas

- O professor que usa a gramática pragmática em suas aulas estará adaptando o seu aluno nas mais diferenciadas situações de uso da língua ou deve usar só a gramática normativa?

Somente o uso da gramática normativa na sala de aula torna-se algo muito mecânico, não correspondendo assim com os objetivos que a disciplina de língua portuguesa busca alcançar que é, justamente trabalhar o uso desta língua nos mais variados contextos.

Q6. A gramática e a discriminação

- Como a gramática pode ser vista de maneira mais contextualizada e menos discriminadora?

A gramática sendo vista de um modo mais amplo, inserida em textos, com certeza, torna-se algo mais interessante, deixando de mostrar assim, sua verdadeira função na língua em questão, dessa forma, a mesma torna-se menos discriminadora.

Q7. Influência extralinguísticas na escrita

- Como as influências culturais e tradicionais se infiltram na escrita dos alunos? Quais outros aspectos devem ser tidos em consideração para domínio das variedades da língua incluindo a chamada norma culta?

Em textos produzidos nas escolas, os alunos muitas vezes escrevem do mesmo jeito que falam ou que escrevem em SMS, facebook, whatzzap, entre outros meios de comunicação em que se utiliza a escrita. Então, a escola deve mostrar a estes que, precisam aprender diferenciar as situações de uso da língua, seja formal ou informal.

Q8. Variabilidades da língua e poder

- Como fazer a harmonização entre a reflexão sobre a variedade linguística de origem do aluno e o necessário domínio da norma padrão como forma de participação e poder na sociedade atual?

Trabalhando de forma que o aluno compreenda que a linguagem utilizada para se comunicar com parentes e amigos, isto é, com pessoas do seu convívio diário é uma, que não é necessário ser formal. E que, em outros contextos linguísticos dos quais exigem uma maior formalidade, deve ser outra, seguindo as regras gramaticais.

Q9. Regras de concordância

- O sujeito posposto ao verbo favorece o cancelamento da marca de número no sintagma verbal? O que fazer para explicar esse fenômeno aos alunos? E como organizar as aulas levando essa característica em consideração?

Sabemos que a maioria das pessoas quando falam não utilizam corretamente as regras de concordância verbal, principalmente a que trata de sujeitos pospostos aos verbos fazendo com que o verbo fique no singular, ao invés de utilizá-lo no plural como deveria. Por isso, em minhas aulas, procuro frisar bem estas regras, para que meus alunos compreendam bem e saibam que, nas produções de textos escritos e nos discursos que exigem a linguagem culta, eles precisam utilizar-se de tais regras.

Q10. Estratégias pedagógicas

- Que fazer para desenvolver nos alunos o interesse pelo melhor domínio da expressão verbal?
 - Preparar aulas com exemplos das mais diferentes situações possíveis para que o aluno quando for precisar ingressar no mercado de trabalho não fique desencantado.

- A língua se torna indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. Que consequências tira daqui para a pedagogia? Como podem as classes desfavorecidas tomar mais poder, participar?
 - Tendo o professor uma boa didática, ele consegue independente da classe social do aluno incentivá-lo a aprender e adquirir os conhecimentos necessários para utilizar a língua portuguesa nos mais diferentes contextos em que exige formalidade.

- Respeita as diferenças sociais e regionais do aluno? Como leva os alunos a dominarem a norma culta da língua?
 - Respeito bastante a maneira como meus alunos se utilizam da língua no dia a dia, porém sempre trabalho para que os mesmos saibam diferenciar os momentos que necessitam usar a língua culta, dos momentos mais informais do cotidiano.

- Faz a turma ler e interpretar diferentes tipos de gêneros textuais: notícia, novela, conto, romance, entrevista, texto argumentativo?
 - Trabalho com os diferentes gêneros textuais, fazendo com que meus alunos conheçam diferentes situações de uso da língua, bem como, saibam produzir textos orais e escritos utilizando cada gênero com suas respectivas características

Q1. Identificação do Entrevistado: B

- Idade: 30 anos
- Gênero: feminino
- Tempo de formação: 4 anos
- Tempo de função: 12 anos

Q2. Conhecimento acerca da língua e da escrita:

- Nas frases em que popularmente se indica um sujeito plural e um verbo no singular considera-se erro lógico que tem a ver com o desenvolvimento intelectual de fala. O aluno está realmente faltando com a concordância? O pensamento popular pode ultrapassar essa formalidade lógica? A escola deve intervir sobre isto ou não?

O aluno está faltando com a concordância, o que é observado em suas produções escritas, um reflexo da sua fala cotidiana e socialmente aceita com reservas.

Q3. Sociolinguística a serviço da educação:

- A sociolinguística contribui dando possibilidade a língua de ser um marco social nas comunidades. Mas a escola deve ajudar o aluno a conhecer e usar a norma culta da língua portuguesa de forma a acrescentá-la ao português que já possuía?

Sim, a escola deve ajudar o aluno a manejar a norma culta da língua, já que ela tem um papel fundamental na sociedade, tanto quanto o português que já possui.

Q4. Contribuição da fala e da escrita nos estudos de língua portuguesa:

- Os alunos sabem falar e escrever a língua portuguesa, o que eles muitas vezes não sabem é aplicar regras gramaticais adequadamente. O que fazer sobre isto? Que gramática então ensinar?

É preciso certificar os alunos de que eles sabem a sua língua materna, porém, conscientizá-los de que precisam aprimorar o uso da linguagem. Assim como comer, andar e outras ações instintivas podem ser controladas para um melhor modo de uso.

Q5. Diferentes Variabilidades para diferentes gramáticas

- O professor que usa a gramática pragmática em suas aulas estará adaptando o seu aluno nas mais diferenciadas situações de uso da língua ou deve usar só a gramática normativa?

O professor deve usar a gramática pragmática, já que a língua existe enquanto a uso. Se as regras da gramática normativa não podem ser usadas numa situação real, não há função em ensiná-las.

Q6. A gramática e a discriminação

- Como a gramática pode ser vista de maneira mais contextualizada e menos discriminadora?

A gramática será vista de maneira mais contextualizada quando o professor se concentrar em ensinar o que é adequado em cada situação, e não focalizar erros e acertos de forma mecânica e inflexível.

Q7. Influência extralinguísticas na escrita

- Como as influências culturais e tradicionais se infiltram na escrita dos alunos? Quais outros aspectos devem ser tidos em consideração para domínio das variedades da língua incluindo a chamada norma culta?

Percebemos as influências culturais e tradicionais não só através do uso ou não de regras normativas, mas também através de seus conceitos, visões de mundo expressos em suas palavras.

A formação escolar é um aspecto muito importante a ser levado em conta, para o domínio das variedades da língua, sobretudo, a formação inicial do 1º ao 5º ano, que fornecem a base de sua carreira linguística.

Q8. Variabilidades da língua e poder

- Como fazer a harmonização entre a reflexão sobre a variedade linguística de origem do aluno e o necessário domínio da norma padrão como forma de participação e poder na sociedade atual?

È preciso ter em mente que as variedades linguísticas e a norma padrão não apenas coexistem, mas se interdependem na sociedade atual, uma vez que as variedades podem fornecer material à formação de novas regras da norma padrão e vice – versa.

Q9. Regras de concordância

- O sujeito posposto ao verbo favorece o cancelamento da marca de número no sintagma verbal? O que fazer para explicar esse fenômeno aos alunos? E como organizar as aulas levando essa característica em consideração?

Sim, o sujeito posposto ao verbo favorece uma concordância não padrão. É preciso sensibilizar os alunos, ajudando-os a serem mais linguistas que gramatiquinhos, fazê-los perceber a lógica social que existe por trás dessas construções. As aulas devem refletir o espírito pesquisador e compreensivo, ao mesmo tempo em que se oferece a chance de conhecer quando e onde usar as regras da língua padrão.

Q10. Estratégias pedagógicas

- Que fazer para desenvolver nos alunos o interesse pelo melhor domínio da expressão verbal?

Atividades que levem os alunos a experimentar na prática a necessidade de dominar a expressão verbal conforme a situação comunicativa.

- A língua se torna indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. Que consequências tira daqui para a pedagogia? Como podem as classes desfavorecidas tomar mais poder, participar?

Nossa prática pedagógica não pode ser alienada, é preciso também que seja imparcial, garantindo atenção especial a todos os alunos, sem favoritismos linguísticos e sócias.

- Respeita as diferenças sociais e regionais do aluno? Como leva os alunos a dominarem a norma culta da língua?

Sem dúvida, respeito, assim como desejo que as minhas próprias diferenças sejam respeitadas. Procuro fazê-los perceber que existem vários modos de usarmos a língua, e uma delas é saber utilizar as normas da língua culta.

- Faz a turma ler e interpretar diferentes tipos de gêneros textuais: notícia, novela, conto, romance, entrevista, texto argumentativo?

Sim, procuro utilizar os vários tipos de texto como base, como o ponto de partida e também de chegada das aulas.

Identificação do Entrevistado: C

- Idade: 24 anos
- Gênero: feminino
- Tempo de formação: 4 anos
- Tempo de função: 5 anos

Q2. Conhecimento acerca da língua e da escrita:

- Nas frases em que popularmente se indica um sujeito plural e um verbo no singular considera-se erro lógico que tem a ver com o desenvolvimento intelectual de fala. O aluno está realmente faltando com a concordância? O pensamento popular pode ultrapassar essa formalidade lógica? A escola deve intervir sobre isto ou não?

Quando o aluno não coloca os plurais nos verbos correspondentes aos seus sujeitos, de acordo com a gramática normativa, ele está cometendo um erro gravíssimo de concordância, onde o pensamento dele ultrapassou as formalidades, e isso pode acontecer perfeitamente, dependendo é claro da situação em que o aluno se encontra. Cabe a escola o papel e a sensibilidade de mostrar ao aluno que existe uma forma considerada padrão defendida pela sociedade, e esta deve ser estudada para ser usada quando for preciso, igual a fala popular que não deve ser usada a toda hora.

Q3. Sociolinguística a serviço da educação:

- A sociolinguística contribui dando possibilidade a língua de ser um marco social nas comunidades. Mas a escola deve ajudar o aluno a conhecer e usar a norma culta da língua portuguesa de forma a acrescentá-la ao português que já possuía?

Sim, pois a escola deve ensinar a norma culta, acrescentando-a ao conhecimento popular do aluno.

Q4. Contribuição da fala e da escrita nos estudos de língua portuguesa:

- Os alunos sabem falar e escrever a língua portuguesa, o que eles muitas vezes não sabem é aplicar regras gramaticais adequadamente. O que fazer sobre isto? Que gramática então ensinar?

Trabalhar de maneira com que os alunos aprendam as regras gramaticais e as saibam aplicar na oralidade e na escrita, ou seja, acrescentando e aperfeiçoando ao conhecimento do aluno um pouco da gramática normativa e um pouco da pragmática.

Q5. Diferentes Variabilidades para diferentes gramáticas

- O professor que usa a gramática pragmática em suas aulas estará adaptando o seu aluno nas mais diferenciadas situações de uso da língua ou deve usar só a gramática normativa?

O professor deve usar as duas. Uma para que o aluno aprenda perfeitamente as regras que o português exige, e a outra para adaptá-las as diversas situações.

Q6. A gramática e a discriminação

- Como a gramática pode ser vista de maneira mais contextualizada e menos discriminadora?

Sendo trabalhada dentro da realidade do aluno, mostrando a sua real função nas aulas, e no dia a dia.

Q7. Influência extralinguísticas na escrita

- Como as influências culturais e tradicionais se infiltram na escrita dos alunos? Quais outros aspectos devem ser tidos em consideração para domínio das variedades da língua incluindo a chamada norma culta?

Muitas vezes até de modo imperceptível por parte do aluno, no momento de uma produção escrita, por exemplo, essas influências acabam aparecendo. Todo o processo escolar do aluno deve ser levado em conta, ele não chega em uma determinada turma como uma tábua rasa, ele trás conceitos e tradições com ele.

Q8. Variabilidades da língua e poder

- Como fazer a harmonização entre a reflexão sobre a variedade linguística de origem do aluno e o necessário domínio da norma padrão como forma de participação e poder na sociedade atual?

Levar em consideração a variedade linguística do aluno, porém sem deixar de lado a necessidade do domínio da norma padrão.

Q9. Regras de concordância

- O sujeito posposto ao verbo favorece o cancelamento da marca de número no sintagma verbal? O que fazer para explicar esse fenômeno aos alunos? E como organizar as aulas levando essa característica em consideração?

Sim, o professor deve trazer diferentes exemplos para a sua sala de aula e organizar tudo para o aluno de forma simplificada, aproximando-se o máximo possível da realidade dele.

Q10. Estratégias pedagógicas

- Que fazer para desenvolver nos alunos o interesse pelo melhor domínio da expressão verbal?

Mostrar a importância do domínio da norma culta para os dias de hoje.

- A língua se torna indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. Que consequências tira daqui para a pedagogia? Como podem as classes desfavorecidas tomar mais poder, participar?

Cada vez mais a língua torna-se mais importante para a sociedade, assim, os alunos devem estudar e se inserir nesse contexto, participando e tornando-se dessa forma menos desfavorecidos.

- Respeita as diferenças sociais e regionais do aluno? Como leva os alunos a dominarem a norma culta da língua?

Eu tento respeitá-los, mesmo quando não concordo e quando os corrijo, e procuro em minhas aulas diárias realizar leitura de diversos gêneros para que eles se adaptem as diversas falas, em contextos diversos.

- Faz a turma ler e interpretar diferentes tipos de gêneros textuais: notícia, novela, conto, romance, entrevista, texto argumentativo?

Com certeza, acabei respondendo na outra questão. Isso é primordial nas aulas de língua portuguesa. Só assim, o aluno saberá a diferença entre a língua formal e a popular, através dos gêneros.

Q1. Identificação do Entrevistado: D

- Idade: 30 anos
- Gênero: masculino
- Tempo de formação: 06 anos
- Tempo de função: 12 anos

Q2. Conhecimento acerca da língua e da escrita:

- Nas frases em que popularmente se indica um sujeito plural e um verbo no singular considera-se erro lógico que tem a ver com o desenvolvimento intelectual de fala. O aluno está realmente faltando com a concordância? O pensamento popular pode ultrapassar essa formalidade lógica? A escola deve intervir sobre isto ou não?

A fala do aluno o caracteriza como sujeito falante da língua. A escola deve instigá-lo a adequar sua fala às diferentes situações, garantindo a função primordial da língua: a comunicação.

Q3. Sociolinguística a serviço da educação:

- A sociolinguística contribui dando possibilidade a língua de ser um marco social nas comunidades. Mas a escola deve ajudar o aluno a conhecer e usar a norma culta da língua portuguesa de forma a acrescentá-la ao português que já possuía?

Sim, é papel da escola ajudar o aluno a conhecer e usar a norma culta como padrão para usos formais, criando condições para que o português padrão seja aprendido na escola.

Q4. Contribuição da fala e da escrita nos estudos de língua portuguesa:

- Os alunos sabem falar e escrever a língua portuguesa, o que eles muitas vezes não sabem é aplicar regras gramaticais adequadamente. O que fazer sobre isto? Que gramática então ensinar?

Se eu quero que meu aluno adapte sua fala as mais diferenciadas situações de uso da língua não devemos desprezar a gramática pragmática. Na frase amar-te-ei por toda a vida, embora obedeça aos padrões normativos, não representa a maioria dos falantes. A mesóclise caiu em desuso no Brasil.

Q5. Diferentes Variabilidades para diferentes gramáticas

- O professor que usa a gramática pragmática em suas aulas estará adaptando o seu aluno nas mais diferenciadas situações de uso da língua ou deve usar só a gramática normativa?

Não se deve usar só a gramática normativa, embora esta seja inerente ao ensino da língua portuguesa na escola, com risco de engessamento da língua.

Q6. A gramática e a discriminação

- Como a gramática pode ser vista de maneira mais contextualizada e menos discriminadora?

Valorizando o conhecimento do discente e integrando-o aos diferentes usos da língua.

Q7. Influência extralinguísticas na escrita

- Como as influências culturais e tradicionais se infiltram na escrita dos alunos? Quais outros aspectos devem ser tidos em consideração para domínio das variedades da língua incluindo a chamada norma culta?

As influências culturais e tradicionais se infiltram na escrita dos alunos por diferentes motivos: por ser o discente oriundo de outra região; por ser mais velho ou mais jovem; por possuir menor ou maior grau de estudo; por pertencer a grupo ou classe social distinta. Os aspectos que devem ser tidos em consideração para domínio das variedades da língua são as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que a variedade é utilizada. Todas as variedades linguísticas são válidas, entretanto em situações sociais que exigem maior formalidade é importante dominar bem a variedade padrão.

Q8. Variabilidades da língua e poder

- Como fazer a harmonização entre a reflexão sobre a variedade linguística de origem do aluno e o necessário domínio da norma padrão como forma de participação e poder na sociedade atual?

A língua deve ser entendida como cultura e identidade de um povo. Portanto, representa participação ativa na sociedade para seus usuários. Se você não domina a norma padrão para exigida situação, perde sua voz, participação, poder de interação. No

entanto, o aluno exerce sua identidade em sua variedade linguística e origem, devendo adequá-la as variadas situações de uso da língua.

Q9. Regras de concordância

- O sujeito posposto ao verbo favorece o cancelamento da marca de número no sintagma verbal? O que fazer para explicar esse fenômeno aos alunos? E como organizar as aulas levando essa característica em consideração?

Sim, se o sujeito composto estiver posposto ao verbo, o sintagma verbal concorda com o núcleo mais próximo ou com todos no plural. Para explicar esse fenômeno aos alunos devemos valorizar os seus conhecimentos, contextualizar a gramática, utilizando os diferentes gêneros textuais. Que a língua seja vista como um mecanismo vivo, e não engessada com regras gramaticais que há tanto estão em desuso pelos bons falantes da língua.

Q10. Estratégias pedagógicas

- Que fazer para desenvolver nos alunos o interesse pelo melhor domínio da expressão verbal?

Utilizar os diferentes contextos de uso da língua.

- A língua se torna indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. Que consequências tira daqui para a pedagogia? Como podem as classes desfavorecidas tomar mais poder, participar?

A língua representa a identidade de um povo. Devemos valorizar as diferentes variedades e empregá-las de acordo com a situação. É papel de a escola ensinar o português culto. Porém, o bom falante é aquele que emprega a língua de forma eficiente nos variados contextos.

- Respeita as diferenças sociais e regionais do aluno? Como leva os alunos a dominarem a norma culta da língua?

Sim, os alunos dominam a norma culta através da reflexão e leitura de diferentes gêneros textuais, valorizando as práticas sociais de leitura e escrita.

- Faz a turma ler e interpretar diferentes tipos de gêneros textuais: notícia, novela, conto, romance, entrevista, texto argumentativo?

Sim, precisamos de alunos pensantes, eficientes nas práticas sociais de leitura.

Q1. Identificação do Entrevistado: E

- Idade: 42 anos
- Gênero: masculino
- Tempo de formação: 14 anos
- Tempo de função: 15 anos

Q2. Conhecimento acerca da língua e da escrita:

- Nas frases em que popularmente se indica um sujeito plural e um verbo no singular considera-se erro lógico que tem a ver com o desenvolvimento intelectual de fala. O aluno está realmente faltando com a concordância? O pensamento popular pode ultrapassar essa formalidade lógica? A escola deve intervir sobre isto ou não?

Embora se considere um erro lógico em que o verbo deveria concordar com o sujeito *nós*, por exemplo, em frases comuns no cotidiano escolar como: - É melhor *nós* “estudar” para essa prova. Pode-se considerar certa estrutura lógica entre termos essenciais da oração. O pensamento popular pode sim ultrapassar a formalidade do que venha a ser considerado “erro”. A escola deve interferir não com a finalidade de corrigir ou modificar aspectos linguísticos muitas vezes até culturais, mas no sentido de mostrar que existe a norma padrão e que em outras situações deve ser utilizada.

Q3. Sociolinguística a serviço da educação:

- A sociolinguística contribui dando possibilidade a língua de ser um marco social nas comunidades. Mas a escola deve ajudar o aluno a conhecer e usar a norma culta da língua portuguesa de forma a acrescentá-la ao português que já possuía?

Cabe a escola proporcionar ao aluno o conhecimento da norma culta. O desafio é A gramática pragmática deve cumprir o papel de adaptar o aluno às diversas situações que irá encontrar, deve ser usada. Mas a gramática normativa não pode ser abolida do ensino em sala de aula.

Q6. A gramática e a discriminação

- Como a gramática pode ser vista de maneira mais contextualizada e menos discriminadora?

A gramática será vista de maneira mais contextualizada e menos discriminadora a partir do instante em que posicionar-se de maneira a considerar as nuances regionais e a bagagem de cada indivíduo.

Q7. Influência extralinguísticas na escrita

- Como as influências culturais e tradicionais se infiltram na escrita dos alunos? Quais outros aspectos devem ser tidos em consideração para domínio das variedades da língua incluindo a chamada norma culta?

Alunos trazem consigo toda uma história de tradições regionais e familiares. Vícios de linguagem, regionalismos entre outros influenciam consideravelmente a escrita. Para o domínio da norma culta um dos principais aspectos a ser levado em conta é o ambiente e meio de convívio de cada indivíduo.

Q8. Variabilidades da língua e poder

- Como fazer a harmonização entre a reflexão sobre a variedade linguística de origem do aluno e o necessário domínio da norma padrão como forma de participação e poder na sociedade atual?

O conhecimento das variedades linguísticas amplia nossas possibilidades de comunicação, mas é a norma culta que garante a manutenção de uma unidade linguística ao. Não deve haver confusão entre um problema de ordem pedagógica, que diz respeito às escolas, com uma velha discussão teórica da sociolinguística, que reconhece e valoriza o linguajar popular.

Q9. Regras de concordância

- O sujeito posposto ao verbo favorece o cancelamento da marca de número no sintagma verbal? O que fazer para explicar esse fenômeno aos alunos? E como organizar as aulas levando essa característica em consideração?

Não é apontado o **uso inadequado** da ordem do sujeito e verbo que os alunos passarão a entender esse fenômeno. Um exemplo bem claro pode ser percebido na seguinte construção:

Falta **cinco meses** para terminara o ano **[Inadequado]**

Faltam **cinco meses** para terminar o ano **[Adequado]**

Isso se dá porque é perfeitamente possível e aceitável a colocação desses termos na ordem direta da oração. *Cinco meses faltam para terminar o ano.* A explicação e organização da aula devem ocorrer de forma sistemática que naturalmente o aluno irá perceber a diferenciação e apropriar-se do uso da forma adequada quando necessária em certas situações.

Q10. Estratégias pedagógicas

- Que fazer para desenvolver nos alunos o interesse pelo melhor domínio da expressão verbal?

O aluno só desenvolve interesse por aquilo que lhe é atrativo. A atração se dá pelo conhecer. Portanto, ele dará mais importância se lhe for proporcionado esse conhecimento através de leituras prazerosas e exercícios interessantes para aprimorar o uso da língua.

- A língua se torna indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. Que consequências tira daqui para a pedagogia? Como podem as classes desfavorecidas tomar mais poder, participar?

O domínio da norma padrão sempre foi símbolo de status social. Não é de hoje que sua prática a elevou a tal patamar. Basta retomar aos primórdios do galego-português e a colonização brasileira. A escola pode e deve contribuir para que justiça social efetive-se e que esse poder emane através da aquisição cada vez mais de conhecimento.

- Respeita as diferenças sociais e regionais do aluno? Como leva os alunos a dominarem a norma culta da língua?

Não apenas respeito como valorizo as diferenças regionais do aluno. Cito como exemplo uma expressão da região onde leciono e que percebo que está entrando cada vez mais em desuso. É a expressão “*bem vê*” como sinônimo de *realmente*. Não procuro levar o aluno a dominar a norma culta, mas a conhecer seus aspectos e sua necessidade em

determinados contextos. Reitero que a escola deve interferir não com a finalidade de corrigir ou modificar aspectos linguísticos muitas vezes até culturais, mas no sentido de mostrar que existe a norma padrão e que em outras situações deve ser utilizada.

- Faz a turma ler e interpretar diferentes tipos de gêneros textuais: notícia, novela, conto, romance, entrevista, texto argumentativo?

O trabalho com gêneros textuais do cotidiano e o conhecimento de outros tem sido a melhor forma de inserir o aluno no universo da linguagem. Tenho procurado apresentar e desenvolver junto com meus alunos a prática de leitura e interpretação desses gêneros.

ANEXO A: 10 Redações

PROPOSTA DE REDAÇÃO

SÉRIE: 1º ano

ALUNO(A)

A dimensão continental do Brasil faz com que nossa língua tenha diversas variantes. Afinal, o que é “certo” e “errado” na língua?

Com base nessa afirmação escreva um texto com 20 ou 25 linhas argumentando sobre a variedade linguística: O modo de falar do brasileiro.

O Brasil é um país muito maravilhoso com idiossincrasias, de tipo (Sotaques) em São Paulo por exemplo, as pessoas possuem a pura e (M) nos pronunciamentos nos países e (M).

Mas isso não é errado, eu acho maravilhoso o (Sotaque) de cada pessoa. O nosso país conta com idiossincrasia de (Sotaque) que nem todos países têm. Foi feita um pesquisa de que cada Estado do Brasil que tinha seus (Sotaques) reuniram de outros países na América.

Muitos (pessoas) acham engraçado o modo de pessoas falar e entonação, cada estado tem sua entonação e (Sotaque) e gosto de falar mas rápido, o gosto de falar mas de respirar de entonação com as mãos. E isso cada pessoa tem sua entonação, tem seu gosto de falar a fim de o nosso país de falar graças a o (Sotaque) de nosso cotidiano.

(V1) V1 - 1 V2 - 0 (V3) - V1 - 1 V2 - 1 (V5) V1 - 0

(V2) V1 - 1 V2 - 0 V3 - 0 (V4) V1 - 1 V2 - 1 V3 - 0 (V6) V1 - 1 V2 - 1 V3 - 0

PROPOSTA DE REDAÇÃO

SÉRIE: 1º ano.

ALUNO (A):

A dimensão continental do Brasil faz com que nossa língua tenha diversas variantes. Afinal, o que é “certo” e “errado” na língua?

Com base nessa afirmação escreva um texto com 20 ou 25 linhas argumentando sobre a variedade linguística: O modo de falar do brasileiro.

Bom há várias formas de se expressarmos mais real lembrar que tem certos lugares que existe que a gente utilize a linguagem padrão encara nos podemos falar muitas palavras fora do seu verdadeiro nome tipo vai embora nós temos que expressar a palavra assim pois está no seu sentido padrão mais tem gente que fala (vai) simlora está e uma maneira de se expressar que não devemos usar em todo lugar ou melhor não devemos usar nunca a linguagem e algo que nos não devemos dizer e pra sempre assim porque tem várias palavras que tem o mesmo significado mais a várias formas de pronunciais que acaba resultando no mesmo sentido não é fácil definir o que é certo e errado na língua porque ela se modifica a cada tempo com novas palavras novas girias então nós e quem temos que escolher apenas o melhor das modificações e vivermos bem diante de tantas descobertas assim a vida nos surpreende tanto com tantas novas descobertas que nós temos mais que tentar participar delas deixar alguma marca nossa lusca e inserir ou seja algo que ninguém erio e nós erimos uma descoberta nossa inserir o que deve ser a nova real procuração.

V1 V1-1
V2-1

V3 - V1-1
V2-0

V5 V1-1

V2 V1-0
V2-1
V3-0

V4 V1-0
V2-0
V3-0

V6 V1-1
V2-0
V3-0

PROPOSTA DE REDAÇÃO

SÉRIE: 1ª "C"

ALUNO (A):

A dimensão continental do Brasil faz com que nossa língua tenha diversas variantes. Afinal, o que é "certo" e "errado" na língua?

Com base nessa afirmação escreva um texto com 20 ou 25 linhas argumentando sobre a variedade linguística: O modo de falar do brasileiro.

tem varias pessoas que ~~(falam)~~ fala muito errado. mais tem pessoas que falam certo. Tem diferentes línguas como o Inglês, o espanhol, francês, português e etc... algumas pessoas do Brasil fala de diferentes modos como o Nordestino quando vai falar alguma palavra. fala errado. Ex: Ei Bichim, eumê etc... e outras diversas línguas. Os Paulistas fala palavras como: fala mano, toa aí e aí e etc... O certo é as pessoas que não sabem falar sua própria língua que deve aprender a falar várias línguas o francesa, ingleses etc... muitas pessoas que não termina o ensino fundamental não sabem ler corretamente por que as pessoas não sabem falar direito. É também certo as pessoas saber fala ^{por} que se as pessoas por perguntar se sabe ler e as pessoas ler errado passa a pior vergonha que quejando na boca quando quer falar as palavras e errar não saber falar.

tem pessoas que vai de outros países e vem para o Brasil perdido a cara ~~em~~ ^{as} diversas línguas mexicanas, americanos e etc... falam bem mais os brasileiros não sabem falar essas línguas alguns dos brasileiros estão conseguindo falar as línguas, não devemos falar errado. Devemos falar certo.

(V1)	V1-1 V2-1	(V3)	V1-1 V2-1	(V5)	V1-1
(V2)	V1-1 V2-1 V3-0	(V4)	V1-1 V2-0 V3-0	(V6)	V1-1 V2-0 V3-0

PROPOSTA DE REDAÇÃO

SÉRIE: 3ª

ALUNO (A):

A dimensão continental do Brasil faz com que nossa língua tenha diversas variantes. Afinal, o que é "certo" e "errado" na língua?

Com base nessa afirmação escreva um texto com 20 ou 25 linhas argumentando sobre a variedade linguística: O modo de falar do brasileiro.

Em pleno século XXI, a diversidade que se tem ao tratar de linguagem é muito intensa. No Brasil não poderia ser diferente, um dos países mais diversificados do mundo e também um dos poucos que tem como idioma o português, destaca-se entre os demais. Variando de região em região, costumes e costumes.

Levando em consideração a migração dentro do próprio país, os Nordestinos assim como os moradores do Sul e Sudeste, que são imediatamente notados onde chegam. Não só pelo modo que se vestem, como também pelo o modo que falam. Tendo como exemplo o povo Nordestino, que ao contrário do que pensam orgulham-se de serem e têm seu jeito diferenciado.

Em meio a tudo isso é notório o preconceito em todas as partes. Por cada estado ter seu jeito diferente de falar, acaba criando uma certa "barreira" que diferencia um povo de outro. Muitas não dão importância a esse caso, mas sabe-se que isso não é de hoje, e quando a não é difícil de encerrar e quebrar essa barreira, que já não deve existir.

Quando de tudo isso fica claro que tem-se um país rico ao falar do modo de falar de cada povo. Sendo assim, resta-se buscar respeito onde não tem, valorizar onde já é existente e deixar não ao preconceito que a cada dia torna-se mais frequente.

V1 V1-1
V2-0

V3 V1-1
V2-1

V5 V1-0

V2 V1-1
V2-1
V3-1

V4 V1-1
V2-0
V3-0

V6 V1-1
V2-0
V3-0

PROPOSTA DE REDAÇÃO

SÉRIE: 3º

ALUNO (A):

A dimensão continental do Brasil faz com que nossa língua tenha diversas variantes. Afinal, o que é “certo” e “errado” na língua?

Com base nessa afirmação escreva um texto com 20 ou 25 linhas argumentando sobre a variedade linguística: O modo de falar do brasileiro.

Fazendo mais exemplos certo

O Brasil é um país com muitas variedades linguísticas, se diferenciando de estados e regiões. Muito por causa que o brasileiro tem mistura de várias outras culturas diferentes, por isso que a linguagem e o sotaque varia para a tentativa de que as outras formas de linguagens pareça com o conhecido Português.

Os estados que mais se destacam com os sotaques diferentes no modo de falar são do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco;

E há ainda um tipo ainda que leva de preconceito de pessoas de determinados locais, os que mais se destacam são os dos paulistas com os pernambucanos quando migrado alguém de Pernambuco para São Paulo o determinado cidadão vai sentir de choque até que ele aprende falar igualmente as pessoas de São Paulo.

E quando ele volta para o seu lugar de origem, vem acostumado com a forma de falar de onde ele morava novamente vai sentir de choque até que perca a característica da língua.

Na sociedade em que vivemos fala errado quem não se dá ao trabalho de aprender a falar certo. mais escreve certo para não se diferenciar da população da região.

V1 V1-1

V2-0

V3

V1-1

V2-1

V5

V1-1

V2

V1-1

V2-0

V3-1

V4

V1-0

V2-0

V3-1

V6

V1-1

V2-1

V3-0

PROPOSTA DE REDAÇÃO

SÉRIE: 2º ano - 1

ALUNO (A)

A dimensão continental do Brasil faz com que nossa língua tenha diversas variantes. Afinal, o que é “certo” e “errado” na língua?

Com base nessa afirmação escreva um texto com 20 ou 25 linhas argumentando sobre a variedade linguística: O modo de falar do brasileiro.

no país tem uma grande diversidade na sua linguagem, em cada região frequentada existe uma maneira diferente de falar. Acho que a forma de falar depende também da cultura daquele lugar, dos costumes que ele tem, de modo que não podemos dizer tudo que é certo ou errado na linguagem brasileira.

Da maneira que tem palavras que por exemplo no sul está errado mas no norte é correto, assim não tem como selecionar as formas certas e erradas do brasileiro falar, está misturada na nossa falar, um também das misturas de raças que compõem nossa nação.

Uma forma que cada continente que veio até o Território Brasileiro deixou um pouco de sua cultura e principalmente modo de falar, por tanto nada é errado também nada é certo, apenas temos que aceitar a forma que cada região do nosso Brasil fala, um acrescento, um diminuição ninguém não erra ninguém que fazem do nosso país um lugar bom, cheio de riquezas, pessoas felizes apesar de todos os problemas e dificuldades que passamos, a nossa diversidade linguística só ajuda a completar esta nação que somos, entre palavras certas e erradas estamos completos.

V1 V1-0
V2-1

V3 V1-1
V2-1

V5 V1-0

V2 V1-1
V2-1
V3-0

V4 V1-0
V2-0
V3-1

V6 V1-1
V2-1
V3-0

PROPOSTA DE REDAÇÃO

SÉRIE: 2º ano

ALUNO (A): _____

A dimensão continental do Brasil faz com que nossa língua tenha diversas variantes. Afinal, o que é “certo” e “errado” na língua?

Com base nessa afirmação escreva um texto com 20 ou 25 linhas argumentando sobre a variedade linguística: O modo de falar do brasileiro.

O modo de fala do Brasileiro é uma riqueza de cultura e de convivência. Porque é uma mistura de sotaques com modo de viver. Somos muitos espontâneos com que falamos, não existe modo de fala. Porque o Brasileiro é muito diferente como outros Países. Somos muitos rixos, quando falamos. As palavras que nós Brasileiro usamos para ser promíscua com outra, só de gente o nós sotaque, e só nisso cada lugarzinho do Brasil tem um sotaque diferente que vem de cada cultura. Os pernambucanos tem uma dos estados de São Paulo, tem outros os catarinenses tem uma mais diferente e a se perdidos.

Porisso não tem modo certo ou errado tem a sua convivência da sua cidade dos seus Pais e a ser por diante tem imitações que mora na mesma casa e não fala do mesmo jeito. Por isso que mora no Brasil e o que é hoje diversos religiosos, cultura Puroas diferentes vindo de outros Países Para mora no Brasil Por seus diversos linguagens e culturas.

(V1) V1-0
V2-1

(V3) V1-0
V2-1

(V5) V1-0

(V2) V1-1
V2-1
V3-0

(V4) V1-1
V2-0
V3-1

(V6) V1-1
V2-0
V3-0

PROPOSTA DE REDAÇÃO

SÉRIE: 2º Ano

ALUNO (A):

A dimensão continental do Brasil faz com que nossa língua tenha diversas variantes. Afinal, o que é “certo” e “errado” na língua?

Com base nessa afirmação escreva um texto com 20 ou 25 linhas argumentando sobre a variedade linguística: O modo de falar do brasileiro.

Línguas, gêneros e regiões.

A variedade linguística é muito grande aqui no Brasil não por falarem línguas diferentes mas por muitas gírias que são usadas. Cada região fala uma língua diferente ou seja com gírias diferentes por exemplo em Pernambuco os gírios que são muito usados são brenta, blande e etc. &

Q: Também temos muitos erros de português mas por serem erros de português não quer dizer que está falando não está falando errado para alguns mais para o português e outros lugares também porém por ser erros de português não podemos falar que está errado nem podemos ter preconceito por que tem muita gente que fica discriminando o modo que as outras pessoas fala e muitas vezes a pessoa que fica discriminando que fala errado também tem gente que tem que corrigir primeiro o seu português para depois corrigir os dos outros pessoas e mesmo assim devemos respeitar o modo que cada um fala e não fazer os professores que são as únicas pessoas que podem corrigir os outros.

V1 V1-1

V2-1

V3 V1-1

V2-1

V5 V1-0

V2 V1-1

V2-1

V3-0

V4 V1-0

V2-1

V3-0

V6 V1-1

V2-0

V3-0

PROPOSTA DE REDAÇÃO

SÉRIE: 2º Ano

ALUNO (A):

A dimensão continental do Brasil faz com que nossa língua tenha diversas variantes. Afinal, o que é “certo” e “errado” na língua?

Com base nessa afirmação escreva um texto com 20 ou 25 linhas argumentando sobre a variedade linguística: O modo de falar do brasileiro.

As diversas línguas Brasileira

A diversas línguas no Brasil e muitas pessoas usam para trabalhar e algumas cidades exigem no trabalho alguns tipos de língua. Para trabalhar é obrigado ter Inglês e Espanhol num toda cidade tem muitas profissionalizantes para um bom trabalho.

O Inglês e Espanhol são um melo muito bom para as pessoas falar com turistas de fora e se comunicar ali, as cidades está exigido muito essas línguas principalmente em lojas e radiolarias que é onde os turistas mais frequentam.

Tem muitas cidades pequenas que não tem condições de ter cursos, porque administra não faz parade ter um curso para fazer bem futuro na cidade, fica uma cidade parada e isolada sem ser reconhecida em outras cidades.

O governo vai pra aumentar os recursos de todas as cidades para terem muitas benefícios e melhorias com na cidade em orde terio mais trabalhos e estudos de primeira qualidade e não seria uma cidade isolada sem reconhecimento na praça.

V1 V1-1
V2-0

V3 V1-1
V2-1

V5 V1-0

V2 V1-1
V2-1
V3-0

V4 V1-1
V2-0
V3-0

V6 V1-1
V2-0
V3-0

PROPOSTA DE REDAÇÃO

SÉRIE: 1º Ano

ALUNO (A):

A dimensão continental do Brasil faz com que nossa língua tenha diversas variantes. Afinal, o que é “certo” e “errado” na língua?

Com base nessa afirmação escreva um texto com 20 ou 25 linhas argumentando sobre a variedade linguística: O modo de falar do brasileiro.

As variedades linguísticas são referentes a diferentes regiões por que estão ligadas aos grupos sociais de cada região por que estão ligados ao idioma e há um termo intermediário na distinção do dialeto da linguagem e uma questão de definição se aquilo é realmente que podem ser considerados como incluídos no conceito de variação ou estilo de cada região ou estado. A forma linguística de cada usuário por este Brasil a linguagem coloquial, a cuja enunciação caracteriza somente um baixo nível de escolaridade muitas vezes por falta de oportunidade. Apesar de haver muitos preconceitos sociais em relação às variedades populares e todas elas são variadas e têm valor “dialeto popular” e também é chamada norma leste ou simplesmente leste e o dialeto que se atribui em determinadas contextos sociais.

(V1)	V1-1 V2-1	(V3)	V1-1 V2-1	(V5)	V1-0
(V2)	V1-1 V2-0 V3-0	(V4)	V1-0 V2-0 V3-1	(V6)	V1-1 V2-0 V3-0